

Arquitectura Popular em Portugal

Tecnologias Construtivas Tradicionais na Contemporaneidade

João Pedro Ferreira Salvado

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
(Mestrado Integrado)

Orientadora: Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins
Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

Junho de 2021

Em diferendo com as normas do AO (Acordo Ortográfico) de 1990.

A meus pais, e à memória de minha avó

Agradecimentos

Aproveito este espaço para dirigir uma expressão de apreço muito grande aos meus familiares próximos, a quem este trabalho é dedicado. Agradeço-vos pela tolerância diligente, apoio constante e amor incondicional, que nos une.

Aos meus amigos, professores e conhecidos (de ontem e de hoje), em especial à orientadora desta dissertação, Professora Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins e ao Co-orientador, Professor Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno, o meu mais franco obrigado. A vossa influência não só contribuiu para o meu aperfeiçoamento pessoal, como se revelou determinante no encerramento desta etapa.

Ao André, os dias todos.

Por último, saúdo individualmente o contributo daqueles cujos percursos, de forma mais ou menos fortuita, se intersectaram com o meu, e sobre os quais, em boa consciência, recai também este estudo.

Logo, agradeço ao Sérgio Antunes, que, juntamente com o meu pai, se prontificaram a rebocar o automóvel em que seguia de um atoleiro no Monte de São Martinho. Mais adiante, ao Sr. João — filho da Dona Amélia da Tasca do Rio Pônsul —, que me incentivou a fotografar livremente umas ruínas fabris, o que resta do modesto edificado da taberna, a Ponte “Romana” contígua e com quem recordei os tempos das migas de peixe.

Já em Malpica do Tejo, às irmãs Dona Conceição e Dona Maria, por saberem quem melhor me podia ajudar, a Dona Maria Edite (cantadeira de Michel Giacometti), que nos abrigou na sua casa durante uma tarde chuvosa em que o meu primeiro contacto interessado com a ruralidade portuguesa se deu, bem como, acidentalmente, ao Sr. Manuel — parente do “Ti” Aurélio capturado na figura central mais à direita da página 254 de “Arquitectura Popular em Portugal” (APP)¹ —, pelas suas indicações.

À Dona Adriana, no mesmo registo, que, curiosa, me abordou da sua varanda no Largo da Praça da Zebreira.

Em Monsanto, o esforço com que a Dona Maria Augusta se prestou a identificar os lugares de algumas das imagens que levava. O desembaraço com que o Ricardo Boga autorizou uma fotografia sobre a Torre do Relógio desde o balcão alpendrado do Solar setecentista do Marquês da Graciosa — actual Posto de Turismo. As orientações da Dona Adriana até ao rochedo do Pé Calvo e o sorriso luzente da Dona Maria do Carmo, vendedora de Marafonas. Também à Dona Isaura, pela paciência com que “posou” defronte da sua casa (entre penedos). Aos senhores João,

¹ AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 254

da Taverna Lusitana e João, do Petiscos e Granitos; o primeiro por ter arranjado lugar para mais um e o segundo por tão gentilmente ter retirado a carrinha que bloqueava a vista para a Rua do Pardieiro. E à Dona Fernanda, a propósito de uma fotografia tirada da janela das escadas interiores do seu comércio.

À Dona Ana Maria, cuja visita guiada pelas ruas da Lardosa me permitiu recolher particularidades interessantes sobre bancos de pedra, oliveiras, e, graças à colaboração do Sr. José seu pai, *asados*. Posteriormente, ao filho da Dona Maria de Fátima e à própria, que fotografei junto à carroça puxada pelo “Ruço”.

À Tila da Junta de Freguesia de Alcaide.

Ao Sr. António Oliveira e ao Sr. Manuel, conversadores inefáveis. À profunda competência da Marisa Nunes do Posto de Turismo do Fundão; sem esquecer as jovens da Pastelaria Paris, conforme pude recarregar a bateria da máquina fotográfica e terminar as minhas observações.

No Sobral do Campo, a brandura do “Ti” Zé Martins, que, apesar da “invasão”, não se opôs à captura dum abrigo da lenha nos terrenos ao seu encargo. Os cuidados da Dona Conceição e da Dona Odete, quer pela garrafa de água ofertada, quer no momento de levantar o interior de uma habitação devoluta que o trato com ambas favoreceu. As indicações do Sr. António Proença, familiar do actual proprietário da casa parcialmente reproduzida na figura mais à direita da página 319 de APP², como do Sr. Domingos Goulão, filho dos primeiros donos. O esclarecimento da “Ti” Umbelina Santos perante a possibilidade do objecto referenciado se achar na Rua de S. Sebastião e os informalismos apreendidos com a Dona Maria do Céu.

À Dona Maria do Café Central do Freixial do Campo, cuja boa lembrança me levou até ao conjunto mais à esquerda no centro da página 323 de APP³, curiosamente, propriedade de uma amiga de família, Patrícia Serrasqueiro.

Em Alpedrinha, a intervenção do Sr. Manuel e da Dona Zélia sobre os locais que procurava, complementada pelos acréscimos do Ricardo do posto de gasolina e da Dona Maria Benvinda. A modéstia com que as Donas Luísa e Lurdes me deram a conhecer segmentos da Casa do Páteo e a preocupação da Dona Ana (mãe da Dona Zélia) para que não me aventurasse sozinho pela serra. À Dona Maria Eugénia, vizinha da Dona Gracinha Correia, por intermédio de quem pude registar uma peça de madeira que auxilia no fecho de portas, entre outros. E ainda à Dona Maria, perto do chafariz monumental D. João V, enquanto lavava.

À Carolina Ramos, ao Nick e ao Sr. Isidoro, respectivamente pelo significado que o caldo verde, água e fruta que me deram representou. Ao Sr. Manuel, logo depois, por mais uma fotografia. E, comprometido com a recarga da bateria da minha máquina fotográfica, ao Bruno do Posto de Turismo de Castelo Novo.

² *Ibidem*; p. 319

³ *Ibid.*; p. 323

Ao Sr. José Albano, na Serra da Gardunha.

À Dona Benvinda, pelas informações partilhadas tendo por base as origens “nobres” de uma porta em Pêro Viseu. Ao Sr. Fernando, na companhia dos populares que lhe preenchiam a esplanada do café, pelas suas indicações, e ao Alexandre, sem a ajuda do qual não me teria sido possível desenganchar a dianteira do automóvel dum passeio.

Já no Peso, à Dona Gabriela pela fatia de fiambre.

À Dona Maria José, que, solícita, abriu as portas de sua casa para me mostrar ajustes levados a cabo nas pré-existências do edifício. Ao Sr. Alfredo Sardinha, no seguimento das explicações acerca dos traços mais característicos da localidade e ao “Ti Zé Damas do Paúl”, pela simpatia.

Na Erada, o entusiasmo com que o Ricardo Esteves me introduziu à arte pastoril na forma de duas *tázegas*, dois badalos e um *barbilho* esculpidos por si. A decisão com que o Sr. José Guilherme me inquiriu e de cuja feliz circunstância resultou o levantamento de um antigo lagar de varas. Ao Sr. Carlos, vindo da horta, e aos senhores António, António e Alexandre, pelos relatos animados.

À madrinha Ana, na nossa casa da Covilhã, de onde capturei uma água-furtada.

No Museu Municipal de Vila de Rei, a visita guiada da Leonor Lameira.

O empenho do Sr. João Hipólito para que pudesse contactar o proprietário do *envidraçado* na primeira figura da página 290 de APP⁴, o Sr. José Serra da Silva, que, a despeito das tentativas, não se encontrava em Pedrógão Pequeno.

Ao Sr. José António dos Santos, na Quinta do Lameiro Cativo (Ladoeiro), por me ter ensinado como fazer tijolos em adobe.

No Monte do Cabeço do Carvão (Alcains), ao Sr. António, pelos abrigos móveis de pastor sinalizados.

E, finalmente, ao neto do construtor das *alminhas* na figura mais à esquerda da página 256 de APP⁵, o Sr. José Pinto, a respeito do topónimo Meãs, e à Dona Maria da Conceição, nesse ínterim.

⁴ Ibid.; p. 290

⁵ Ibid.; p. 256

“In a world that is well on its way to becoming one vast quarry, the collector becomes someone engaged in a pious work of salvage.”⁶

⁶ Tradução livre do autor: “Num mundo a caminho de se tornar uma enorme pedreira, o colecionador envolve-se num devoto trabalho de salvamento.”; SONTAG, Susan; *On Photography*; Rosetta Books LLC; New York, 2005; p. 59

Resumo

O molde para a elaboração deste trabalho baseia-se no princípio evidente de que a História se repete, capaz de despertar — ao mesmo tempo — interesse por temas à primeira vista anacrónicos. Senão veja-se o crescimento da posição actual perante a aplicabilidade de soluções arquitectónicas inspiradas na tradição popular mais próxima e considere-se o levantamento realizado pelos arquitectos do “Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa” (IARP) no século passado. Os resultados não só vieram contribuir para o apuramento projectual individual — na procura de uma linguagem que mediasse entre as imposições estilísticas do Estado Novo e o radicalismo do *International Style* —, como foram pioneiros ao formalizar noções que até então careciam de “arquétipo”.

Deste modo, e em oposição ao que esta ideia possa sugerir — por via das mesclas unitárias presentes no Movimento da Casa “Portuguesa” [(MCP) 1940/50] —, é impossível dissociá-la do conceito de comunitarismo e da importância que o estudo de casos particulares assume no reforço da existência de uma diversidade arquitectónica popular em Portugal, cujo entendimento directamente se relaciona com o contexto específico de cada região.

Assim sendo, propõe-se confrontar parcialmente a informação recolhida entre 1955/57, identificando para o efeito localizações exactas. Mediante vários suportes, a análise do mesmo permitirá dissertar sobre as mudanças que estes espaços verificam passados sessenta e três anos; e servirão como pretexto para o entendimento generalizado que eventuais pontos de contacto possam existir entre a reabilitação/produção (formal ou construtiva) de peças cuja origem assenta na tradição histórica e objectos arquitectónicos contemporâneos.

Palavras-chave

Arquitectura; Tecnologias-construtivas; Popular; Contemporâneo; Portugal.

Abstract

The following work is based on the main principle that History repeats itself, thus can create interest in subjects that may look, at first sight, anachronistic. If not let us recall the growing position towards architectural solutions that take reference from the past and retrace the studies perceived by the architects of the *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa* (Survey on Portuguese Regional Architecture). Because they were looking for a middle way between the *Estado Novo* (New State) own stylistic impositions and the radicalism of the International Style, the results not only influenced their individual designs, but also acquired a pioneer status, raising many new questions.

Even though this idea can mistakenly be partnered with other researches such as the *Movimento da Casa “Portuguesa”* (“Portuguese” House Movement) of 1940/50 and its stylistic arrangements, it is impossible to disconnect it from wider concepts like communitarianism, which the study of Portuguese vernacular architectural diversity endorses upon different local contexts.

Therefore, after identifying the matters pursued, most of the information collected during 1955/57 will be analysed and compared. Through several representative techniques it will be possible to dissertate about the changes locally verified after sixty three years, alongside a wider understanding to find potential connections between rehabilitation/production (formal or constructive) of buildings with historical background and contemporary ones.

Keywords

Architecture; Constructive technologies; Popular; Contemporary; Portugal.

Índice

Capítulo 1 Introdução	p. 1
1.1 Apoio e justificação temática	p. 1
1.2 Objectivos	p. 2
1.3 Metodologia	p. 3
1.4 Estrutura	p. 6
1.5 Apontamentos sobre o Estado da Arte	p. 7
1.5.1 Contexto Nacional	p. 7
1.5.2 Contexto Internacional	p. 11
1.5.3 Outras Áreas	p. 12
Capítulo 2 Fundamentação Teórica	p. 15
2.1 O Ideário da Casa “Portuguesa”	p. 15
2.1.1 Antecedentes	p. 15
2.1.2 Convergência	p. 18
2.1.3 Sistematização	p. 19
2.2 O Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa	p. 22
2.2.1 Oposição	p. 22
Capítulo 3 O Contexto	p. 25
3.1 Circunscrição	p. 25
3.1.1 Geografia	p. 25
3.2 Enquadramento	p. 26
3.2.1 Relevo	p. 26
3.2.2 Clima	p. 27
3.3 Organização	p. 28
3.3.1 Corografia	p. 29
Capítulo 4 A Recolha	p. 31
4.1 Nota Prévia	p. 31
4.2 A Arquitectura das Beiras	p. 31
4.3 A Casa das Beiras	p. 32
4.4 Beira Baixa - “Campo”	p. 34
4.4.1 Malpica do Tejo	p. 37
4.4.2 Zebreira	p. 44
4.4.3 Monsanto	p. 46
4.4.4 Lardosa	p. 50
4.4.5 Freixial do Campo	p. 52
4.4.6 Sobral do Campo	p. 55
4.5 Beiras e Serra da Estrela - “Cova da Beira”	p. 56
4.5.1 Alpedrinha	p. 56
4.5.2 Castelo Novo	p. 60

4.5.3 Alcaide	p. 61
4.5.4 Fundão	p. 62
4.5.5 Pêro Viseu	p. 63
4.5.6 Peso	p. 65
4.5.7 Paúl	p. 66
4.5.8 Erada	p. 68
4.5.9 Covilhã	p. 70
4.6 Médio Tejo - “Charneca”	p. 72
4.6.1 Vila de Rei	p. 73
4.6.2 Pedrógão Pequeno	p. 74
4.7 Região de Coimbra	p. 76
4.7.1 Meãs	p. 76
Capítulo 5 Do Popular ao Contemporâneo	p. 77
5.1 Súmula	p. 77
5.2 Casos Práticos	p. 83
5.2.1 A Casa do Avô Martinho, 2019 - CÔVO Interiores	p. 83
5.2.2 Casa em Moledo, 1991/98 - Arq. Eduardo Souto de Moura	p. 84
5.2.3 Casa em Taipa; Beja, 2004/06 - Arq. Bartolomeu Costa Cabral	p. 86
Capítulo 6 Consideração Final	p. 89
6.1 Conclusões	p. 89
Glossário	p. 91
Bibliografia	p. 97
Anexos	p. 105
Anexo I	p. 107
Anexo II	p. 117

Lista de Figuras

Figura 1 - Ficha Técnica tipo; ficha do autor	p. 5
Fig. 2 - Visão de Afonso Henriques na Batalha de Ourique, 1665; adaptada de https://www.museualbertosampaio.gov.pt/	p. 16
Fig. 3 - Anjo Custódio de Portugal, 1801/50; retirada de http://www.matrizpix.dgpc.pt/MatrizPix/Home.aspx	p. 16
Fig. 4 - Mapa das Regiões Vinícolas de Portugal, 1938; retirada de http://folclore-online.pt/vinhos/vinhos.html#.X7O2mGj7TIU	p. 19
Fig. 5 - Mapa Etno-musical de Portugal, 2014; retirada de http://www.juliopereira.pt/pt/Portugal.htm	p. 19
Fig. 6 - Casa na Serra do Caramulo, Raul Lino; retirada de LINO, Raul; Casas Portuguesas. Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples; Edições Cotovia; Lisboa, 1992; Ilustração 13	p. 19
Fig. 7 - Portugal dos Pequenitos; adaptada de https://quantocustaviajar.com/blog/portugal-dos-pequenitos-em-coimbra/	p. 19
Fig. 8 - Apresentação do trabalho produzido pelo IARP a Salazar; retirada de http://docplayer.com.br/45238149-Fernando-tavora-de-o-problema-da-casa-portuguesa-ao-da-organizacao-do-espaco-dissertacao-de-mestrado-integrado-em-arquitectura.html	p. 22
Fig. 9 - Casa Dr. Fernando Ribeiro da Silva; Ofir, 1956/58; retirada de https://ofhouses.com/post/173757312232/549-fernando-t%C3%A1vora-casa-dr-fernando-ribeiro	p. 24
Fig. 10 - Casa Dr. Fernando Ribeiro da Silva, interior; Ofir, 1956/58; retirada de https://ofhouses.com/post/173757312232/549-fernando-t%C3%A1vora-casa-dr-fernando-ribeiro	p. 24
Fig. 11 - Planeta Terra a cerca de 182,500km, 1969; retirada de https://history.nasa.gov/afj/ap11fj/05day2-mcc.html	p. 25
Fig. 12 - Zona Económica Exclusiva do Estado Português; retirada de https://www.dgrm.mm.gov.pt/am-ec-zonas-maritimas-sob-jurisdicao-ou-soberania-nacional	p. 26
Fig. 13 - Modelo Digital do Terreno de Portugal Continental; retirada de http://idecentro.ccdrc.pt/VIG	p. 27
Fig. 14 - Classificação Climática de Köppen; retirada de https://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/	p. 28
Fig. 15 - CAOP 2019 - Carta Administrativa Oficial de Portugal, NUTS II; retirada de http://idecentro.ccdrc.pt/VIG	p. 29
Fig. 16 - NUTS III de Beiras e Serra da Estrela, Beira Baixa, Médio Tejo e Região de Coimbra; adaptada de http://idecentro.ccdrc.pt/VIG	p. 29

Fig. 17 - Esboço do trajecto percorrido; adaptada de https://www.google.com/maps/d/edit?hl=pt-PT&mid=1Iop4RMjFF6s5MbmM57cGh4pO3W69S9M-&ll=36.76197640631472%2C-18.73861150000001&z=5	p. 31
Fig. 18 - Casa; Beco da Quelhinha nº4, Erada (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 34
Fig. 19 - Balcão alpendrado (pormenor); Beco da Quelhinha nº4, Erada (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 34
Fig. 20 - Balcão alpendrado (pormenor); Beco da Quelhinha nº4, Erada (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 34
Fig. 21 - Carta das Unidades de Paisagem (CUP) - Beira Interior, Maciço Central, Pinhal do Centro; retirada de http://idecentro.ccdrc.pt/VIG	p. 35
Fig. 22 - Paisagem característica; Monte de São Martinho (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 36
Fig. 23 - Ruína fabril; estrada N18-8 (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 36
Fig. 24 - Interior em ruínas (pormenor); junto à estrada N18-8 (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 36
Fig. 25 - Muro; Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 36
Fig. 26 - Casa; Rua Nova nº61, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 40
Fig. 27 - Outão; Rua da Ruinha, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 40
Fig. 28 - Parede em taipa; Rua Prof. Doutor Manuel Alfredo Morais Martins, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 40
Fig. 29 - Malpica do Tejo, década de 1950; retirada de AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Lisboa, 1961; p. 254	p. 40
Fig. 30 - Aglomerado; Rua do Reduto, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 40
Fig. 31 - D. ^a Maria Edite; Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 41
Fig. 32 - Escada interior (pormenor); Rua Nova nº21, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 41
Fig. 33 - Cantareira; Rua Nova nº97, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 41
Fig. 34 - Gonzo; Rua de Pires Correia, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 42
Fig. 35 - Gonzo; Ar. Moura, década de 1950; retirada de AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.2; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Lisboa, 1961; p. 170	p. 42
Fig. 36 - Outão em adobe; estrada M351, Ladoeiro (Idanha-a-Nova), 2018; fotografia do autor	p. 43

Fig. 37 - Adobe (pormenor); Rua da Zebreira nº43, Ladoeiro (Idanha-a-Nova), 2018; fotografia do autor	p. 43
Fig. 38 - Preparação da massa, 2020; fotografia do autor	p. 44
Fig. 39 - Colocação da massa no adobro, 2020; fotografia do autor	p. 44
Fig. 40 - Tijolo de adobe à escala 1:2, 2020; fotografia do autor	p. 44
Fig. 41 - Prevalência do granito; Rua Eng. João Magro Romão, Zebreira (Idanha-a-Nova), 2018; fotografia do autor	p. 45
Fig. 42 - Aglomerado (pormenor) - varanda; Rua Prof. António M. Romão nº7, Zebreira (Idanha-a-Nova), 2018; fotografia do autor	p. 45
Fig. 43 - Interior; Rua Capitão João Boavida nº8, Zebreira (Idanha-a-Nova), 2018; fotografia do autor	p. 45
Fig. 44 - Vista parcial sobre a povoação; Miradouro do Largo da Barreira do Relógio, Monsanto (Idanha-a-Nova), 2018; fotografia do autor	p. 47
Fig. 45 - “Aspecto parcial do aglomerado”; Monsanto, 1956; retirada de http://www.oapix.org.pt/100000/1/1836.01.3/index.htm	p. 47
Fig. 46 - Casa entre penedos; Rua dos Anques, Monsanto (Idanha-a-Nova), 2018; fotografia do autor	p. 48
Fig. 47 - Mó manual rotativa (pormenor); Rua da Barreira Quebrada, Monsanto (Idanha-a-Nova), 2018; fotografia do autor	p. 49
Fig. 48 - Mó manual rotativa; retirada de A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal [Registo vídeo]. Realização de António de Menezes. Portugal, 1938. (min 19:06)	p. 49
Fig. 49 - Banco de asados; Rua da Lajinha, Monsanto (Idanha-a-Nova), 2018; fotografia do autor	p. 49
Fig. 50 - Pocilga (pormenor); Rua do Castelo, Monsanto (Idanha-a-Nova), 2018; fotografia do autor	p. 49
Fig. 51 - Levada (pormenor); Azinhaga da Lagariça, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018, fotografia do autor	p. 51
Fig. 52 - Chafariz D. João V; Praça dos Paços do Concelho, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 51
Fig. 53 - Fonte de chafurdo ou mergulho; Rua da Fonte Coberta, Lardosa (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 51
Fig. 54 - Rua da Igreja, Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 52
Fig. 55 - Parede (pormenor); Rua do Ceringas, Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 52
Fig. 56 - Casa; quelha entre a Rua do Poço Novo e a estrada M550, Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 52
Fig. 57 - Vestíbulo; quelha entre a Rua do Poço Novo e a estrada M550, Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 53
Fig. 58 - Cozinha (pormenor); Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 53

Fig. 59 - “Cozinha, mostrando a lareira com chaminé e o preguiceiro ao lado, e o forno do pão”; Celorico de Basto, Tecla; retirada de GALHANO, Fernando; Desenho Etnográfico. Vol. I-Portugal; Instituto Nacional de Investigação Científica; Lisboa, 1985; des. 34	p. 53
Fig. 60 - Francela; Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 53
Fig. 61 - “Casas com varanda orientada a sul”; Freixial do Campo, 1955; retirada de http://www.oapix.org.pt/100000/1/1433.01.3/index.htm	p. 54
Fig. 62 - Casas de emigrante; Largo da Igreja nº11, Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 54
Fig. 63 - Rua da Santa Cruz, Sobral do Campo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 55
Fig. 64 - Casa; Rua da Santa Cruz nº11, Sobral do Campo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 55
Fig. 65 - Interior; Rua da Santa Cruz nº11, Sobral do Campo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 55
Fig. 66 - Ricardo Esteves; Erada (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 56
Fig. 67 - Vista geral sobre a povoação; Rua da Estação, Alpedrinha (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 57
Fig. 68 - Parede em osso; Rua Maria Rosa Barata Parteira, Alpedrinha (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 57
Fig. 69 - Vista parcial sobre o Chafariz D. João V e o Palácio do Picadeiro; Rua António José Salvado Motta, Alpedrinha (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 57
Fig. 70 - Aglomerado; Rua Francisco Sá Pereira, Alpedrinha (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 58
Fig. 71 - “Casas com varandas”; Alpedrinha, 1956; retirada de http://www.oapix.org.pt/100000/1/1634.01.3/index.htm	p. 58
Fig. 72 - Vista parcial sobre a povoação; estrada de acesso a Castelo Novo, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 60
Fig. 73 - Aglomerado; Azinhaga do Ribeiro, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 61
Fig. 74 - Casa seiscentista; Rua de S. Bráz, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 61
Fig. 75 - Balcão alpendrado do Paço Episcopal de Castelo Branco; Castelo Branco, 2020; fotografia do autor	p. 61
Fig. 76 - Casa; Rua de São Pedro nº2, Alcaide (Fundão), 2018; fotografia do autor	p. 62
Fig. 77 - Janela; Travessa da Fonte do Lugar, Alcaide (Fundão), 2018; fotografia do autor	p. 62
Fig. 78 - Porta; Rua da Laje, Alcaide (Fundão), 2018; fotografia do autor	p. 62
Fig. 79 - Pavimento (pormenor); Rua Nova, Fundão, 2018; fotografia do autor	p. 63

Fig. 80 - Telheiro (pormenor); Capela de Santo António, Fundão, 2018; fotografia do autor	p. 63
Fig. 81 - Vista parcial sobre a povoação; estrada N346, Pêro Viseu (Fundão), 2018; fotografia do autor	p. 64
Fig. 82 - Inscrição (?); Rua dos Casais nº17, Pêro Viseu (Fundão), 2018; fotografia do autor	p. 64
Fig. 83 - Casa; Rua dos Casais nº17, Pêro Viseu (Fundão), 2018; fotografia do autor	p. 65
Fig. 84 - Parede (pormenor); Rua da Almoinha, Pêro Viseu (Fundão), 2018; fotografia do autor	p. 65
Fig. 85 - Aglomerado; quelha entre a Rua Capitão Alves Roçadas e a António Augusto de Aguiar, Covilhã, 2018; fotografia do autor	p. 65
Fig. 86 - Vista parcial sobre o Barco; estrada N343 (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 66
Fig. 87 - “Vista geral”; Barco, 1956; retirada de http://www.oapix.org.pt/100000/1/1676.01.3/index.htm	p. 66
Fig. 88 - Paúl, 1955; retirada de AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Lisboa, 1961; p. 250	p. 66
Fig. 89 - Paúl, 1955; retirada de AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Lisboa, 1961; p. 250	p. 66
Fig. 90 - Vista parcial sobre o “Canto dos Cachopos”, Paúl (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 66
Fig. 91 - Rua da Quelhinha, Paúl (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 67
Fig. 92 - “Bola da Ribeira”; Ribeira de Paúl ou Caia, Paúl (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 67
Fig. 93 - Janela (pormenor); Travessa da Lameira, Paúl (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 67
Fig. 94 - Varanda de madeira; Travessa da Lameira, Paúl (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 68
Fig. 95 - Balaústres de madeira; Travessa da Lameira, Paúl (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 68
Fig. 96 - “Janela dos Bicos”; Rua do Fundo do Povo, Erada (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 69
Fig. 97 - Aglomerado (pormenor); Rua da Praça, Erada (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 69
Fig. 98 - Marta e José; Erada (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 69
Fig. 99 - Cravelho; Rua do Canto Redondo, Erada (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 69
Fig. 100 - Tázegas; Erada (Covilhã), 2018; colecção do autor	p. 69
Fig. 101 - Vista parcial sobre a Covilhã, séc. XIX; retirada de Album du Portugal; José Cierco Editeur; Porto, s/d	p. 70

Fig. 102 - Abrigo móvel - carro de pastor; Póvoa de Rio de Moinhos (Castelo Branco), 2020; fotografia do autor	p. 71
Fig. 103 - <i>A British shepherd's hut</i> (um carro de pastor inglês); retirada de https://www.countrylife.co.uk/interiors/shepherds-huts-177222	p. 71
Fig. 104 - Carregamento de cortiça; estrada N2, Pedrógão Pequeno (Sertã), 2018; fotografia do autor	p. 73
Fig. 105 - Rua Rainha St.a Isabel; Vila de Rei (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 74
Fig. 106 - Chaminé do Museu Municipal de Vila de Rei; Rua Direita, Vila de Rei (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 74
Fig. 107 - Casa com envidraçado; estrada N2, Pedrógão Pequeno (Sertã), 2018; fotografia do autor	p. 75
Fig. 108 - Portada de madeira; Travessa da Horta da Ribeira nº9, Meãs (Pampilhosa da Serra), 2018; fotografia do autor	p. 75
Fig. 109 - “Catraia das Meãs”, década de 1950; retirada de AA. VV; <i>Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Lisboa, 1961; p. 256</i>	p. 76
Fig. 110 - Catraia; Rua da Várzea, Meãs (Pampilhosa da Serra), 2018; fotografia do autor	p. 76
Fig. 111 - Alminhas; estrada de acesso a Castelo Novo (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 76
Fig. 112 - Alminhas; Alcains (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 76
Fig. 113 - Alminhas; S. Paulo de Cima (Oleiros), 2019; fotografia do autor	p. 76
Fig. 114 - Aglomerado; Rua do Ribeiro do Fojo, Paúl (Covilhã), 2018; fotografia do autor	p. 79
Fig. 115 - Porta (pormenor); Rua Teodósio Cerveira, Alpedrinha (Castelo Branco), 2018; fotografia do autor	p. 81
Fig. 116 - Localização; adaptada de https://www.google.pt/maps	p. 83
Fig. 117 - Aspecto geral; retirada de https://www.archdaily.com.br/br/920318/casa-do-avo-martinho-covo-interiores?ad_medium=gallery	p. 83
Fig. 118 - Interior; retirada de https://www.archdaily.com.br/br/920318/casa-do-avo-martinho-covo-interiores?ad_medium=gallery	p. 83
Fig. 119 - Pormenor da escada; retirada de https://www.archdaily.com.br/br/920318/casa-do-avo-martinho-covo-interiores?ad_medium=gallery	p. 83
Fig. 120 - Localização; adaptada de https://www.google.pt/maps	p. 84
Fig. 121 - Aspecto geral; retirada de https://divisare.com/projects/287583-eduardo-souto-de-moura-luis-ferreira-alves-house-in-moledo	p. 85
Fig. 122 - Aspecto do tardoz; retirada de https://divisare.com/projects/287583-eduardo-souto-de-moura-luis-ferreira-alves-house-in-moledo	p. 85

- Fig. 123 - Ruínas; “Estrada de Pêro Viseu”, Pêro Viseu (Fundão), 2018; fotografia do autor p. 85
- Fig. 124 - Localização; adaptada de <https://www.google.pt/maps> p. 86
- Fig. 125 - Aspecto geral; retirada de <https://joosemog.wixsite.com/joaogomesarq/beja> p. 86
- Fig. 126 - Pormenor; retirada de <https://joosemog.wixsite.com/joaogomesarq/beja> p. 87
- Fig. 127 - Interior; retirada de <https://joosemog.wixsite.com/joaogomesarq/beja> p. 87

Lista de Desenhos

Desenho 1 - Vista parcial sobre ruínas; Rua de Santana, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018; desenho do autor	p. 32
Des. 2 - Rua Nova, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018; desenho do autor	p. 38
Des. 3 - Moinho de Água; estrada N240 (Castelo Branco), 2018; desenho do autor	p. 46
Des. 4 - Largo; Rua da Fonte Nova, Lardosa (Castelo Branco), 2018; desenho do autor	p. 50
Des. 5 - Casa; Largo Dr. José A. Coelho, Lardosa (Castelo Branco), 2018; desenho do autor	p. 51
Des. 6 - Paisagem característica; Serra da Gardunha (Fundão), 2018; desenho do autor	p. 59
Des. 7 - Vista parcial sobre as muralhas da cidade; Rua António Augusto de Aguiar, Covilhã, 2018; desenho do autor	p. 71
Des. 8 - Aglomerado; Rua do Fundão, Pedrógão Pequeno (Sertã), 2018; desenho do autor	p. 74
Des. 9 - Ligações eléctricas; Travessa da Rua de Cima, Paúl (Covilhã), 2018; desenho do autor	p. 78
Des. 10 - Passadiço em tijolo furado; Travessa do Fundo do Povo, Erada (Covilhã), 2018; desenho do autor	p. 78

Lista de Abreviaturas, Acrónimos e Siglas

AO	Acordo Ortográfico
APP	Arquitectura Popular em Portugal
ATP	Arquitectura Tradicional Portuguesa
BTC	Blocos de Terra Compactada
CLPC	Comissão de Limites da Plataforma Continental
DGADR	Direcção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural
EIM	Entidades Intermunicipais
<i>ETSAM</i>	<i>Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid</i>
EUAC	Escola Universitária das Artes de Coimbra
IAC	Instituto para a Alta Cultura
IARP	Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa
ICAT	Iniciativas Culturais Arte e Técnica
ICP	Ideário da Casa “Portuguesa”
IHR	Inquérito à Habitação Rural
<i>Intbau</i>	<i>International Network for Traditional Building, Architecture and Urbanism</i>
MCP	Movimento da Casa “Portuguesa”
NE	nordeste
NO	noroeste
NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos
ODAM	Organização dos Arquitectos Modernos
OMM	Organização Meteorológica Mundial
SE	sudeste
SNA	Sindicato Nacional dos Arquitectos
SO	sudoeste
SPN	Secretariado de Propaganda Nacional
UFCC	União das Freguesias de Covilhã e Canhoso
UFEBM	União das Freguesias de Escalos de Baixo e Mata
UFFJC	União das Freguesias de Freixial e Juncal do Campo
Uffvdajanc	União das Freguesias de Fundão, Valverde, Donas, Aldeia de Joanes e Aldeia Nova do Cabo
UFMIV	União das Freguesias de Monsanto e Idanha-a-Velha
Ufnasc	União das Freguesias de Ninho do Açor e Sobral do Campo
UFPVR	União das Freguesias de Peso e Vales do Rio
UFSQ	União das Freguesias de Salvada e Quintos
ZEE	Zona Económica Exclusiva

Capítulo 1 Introdução

1.1 Apoio e justificação temática

A problemática da arquitectura tradicional em Portugal remonta aos finais do século XIX⁷, conhecendo, ao longo de grande parte do seguinte, múltiplas abordagens, tão distintas quanto aqueles que as desenvolveram. Porém, o interesse ocasional que o assunto desperta e as repercussões que o mesmo influi na criação de uma Arquitectura moderna, são anteriores à Revolução de 1974, e têm origem no inquérito realizado ao abrigo do então “Sindicato Nacional dos Arquitectos” (SNA).

Efectivamente, foram as grandes movimentações populacionais da segunda metade do século passado, que, numa primeira fase, favoreceram os alicerces para a ruptura com uma certa consistência social existente nos meios rurais, onde a produção arquitectónica se havia delineado e modificado “[...] ao longo de séculos [...] pelo trabalho humano [...] de sucessivas gerações”⁸. A emigração gradual para a França — a partir de 1961 — em busca de melhores condições de vida, e as acções militares no Ultramar, são, destarte, resultado inequívoco da miséria generalizada que se vivia em Portugal, e das políticas alquebradas do Estado Novo. Ao passo que, antecedentes industriais com um peso cada vez mais significativo na economia do país, e forjados no ensejo de transacção com o exterior, se desenvolveram em pouco tempo. Outros fenómenos como o turismo, e mais radicalmente a totalidade que representa a globalização, contribuíram definitivamente para a “descaracterização” e “destruição” de muitos dos objectos em cujas qualidades distintivas tantos anos se demoraram as comunidades desta e doutras épocas⁹.

A par de tudo isto, o século XX português revela uma proliferação excepcional de estudos precursores da tematização ocorrida no seio do património popular. Com efeito, o MCP (1940/50) defendido por Raul Lino, entre outros; e o IARP (1955/57) integram dois dos momentos mais importantes em que arquitectos de procedências completamente diferentes se debruçaram sobre o tema¹⁰.

Enquanto Lino sistematizava aqueles que este julgava serem os traços característicos da compilação a que se propôs, uma nova vaga de profissionais — liderados por Francisco Keil do Amaral — tornava imperativo operar um levantamento realista, capaz de questionar a uniformização construtiva filiada e sujeitada pelo regime vigente tendo em conta o panorama arquitectónico internacional. Não obstante o ocorrido, Raul Lino deparou-se, de facto, com a heterogeneidade das peças em questão, todavia os seus estudos resultaram na mistura tipológica de elementos maioritariamente sulistas, como a caiação, a telha cerâmica, o revestimento

⁷ LEAL, João; *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português*; Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva; Porto, 2009; p. 5

⁸ Confrontar AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos*; Lisboa, 2004; p. IX

⁹ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos*; Lisboa, 2004; p. IX

¹⁰ LEAL, João; *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português*; Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva; Porto, 2009; p. 9

azulejar, entre outros¹¹. Por outro lado, dezoito jovens arquitectos — divididos por seis equipas de trabalho — calcorrearam de norte a sul o território nacional, confirmando o sortimento local que contribuiu para descreditar as convicções infundadas numa Arquitectura dita “portuguesa”. Paralelamente, técnicos de áreas tão diversas quanto a Agronomia e a Etnologia, realizaram observações detalhadas, pelo que a Arquitectura era, neste caso, apenas parte integrante do vasto conjunto de indicadores representativos das circunstâncias e dos hábitos de vida que povoavam a cultura popular portuguesa do século passado¹². Assim, entre 1930 e 1940 — sob a orientação definitiva de Henrique de Barros —, surgiu o “Inquérito à Habitação Rural” (IHR), cuja predisposição previa — mediante a análise rúrica — melhorar as condições habitacionais dos agricultores portugueses e respectivo sector¹³. No domínio da Antropologia, coube a Ernesto Veiga de Oliveira coordenar a investigação em torno de objectos mais ou menos lábeis contidos na expressão arquitectónica tradicional¹⁴.

Passados mais de cem anos sobre a primeira vez que alguém levantou a problemática em questão, não seria de esperar que esta, ainda hoje, continuasse a alimentar tão recorrentemente o interesse dos estudiosos. Mas veja-se, numa altura em que os recursos naturais escasseiam; em que as conquistas da Revolução Industrial sustentam aspectos próprios de um estilo de vida desajustado; e em que as sociedades urbanas são nitidamente mais heterogéneas, torna-se indispensável encontrar alternativas cujos efeitos possam contribuir para uma gestão sensata das predisposições presentes e futuras. Neste sentido, a arquitectura popular oferece uma visão de conjunto sobre práticas formais/construtivas sólidas — adequadas à realidade de cada lugar —, e o que com elas é possível fazer perante conjunturas parcimoniosas.

Assim, à semelhança do que foi feito no passado, pretende-se com este trabalho especificar as condições gerais em que esta produção arquitectónica surgiu e se desenvolveu; estruturar as soluções contidas nos sistemas construtivos a identificar; e discutir sobre a importância que os exemplares desempenham na actualidade.

1.2 Objectivos

Determinar o momento em que a questão da arquitectura tradicional emergiu, identificando os principais estudos divulgados sobre o tema;

Analisar os paradigmas em que a problemática se desenvolveu;

Confrontar as ideias expostas no MCP com a recolha publicada em APP;

Enquadrar o território português;

Incidir sobre uma zona do Inquérito e levantar as especificidades dos exemplos a observar;

¹¹ Ibid.; p. 7

¹² Ibid.; p. 12

¹³ Ibid.; p. 10

¹⁴ Ibid.; p. 11

Sistematizar os processos construtivos inclusos caso a caso e avaliar a finalidade que os mesmos podem ter na arquitectura contemporânea.

Para responder às intenções enumeradas anteriormente far-se-á uso da literatura disponível acerca do tema, citando-se, sempre que se justifique, informação cuja utilidade aparentemente mediata possa, ainda assim, contribuir para o enriquecimento deste trabalho.

Relativamente ao primeiro e segundo objectivos, sobre eles recairá uma breve especificação dos instantes significativos em que a problemática se fundamentou, quer constituindo a totalidade das investigações empreendidas, quer fazendo parte de recolhas mais abrangentes.

Em seguida, com base nas diferenças resultantes da acareação prevista entre Movimento da Casa “Portuguesa” e Inquérito, considerar-se-á este último como a expressão representativa da diversidade análoga aos vários protótipos de arquitectura popular portuguesa; sem antes se não ampliarem características geográficas que participam nessa mesma diversidade. Simultaneamente o Inquérito milita outro propósito, pelo que se adoptará semelhante posicionamento face ao modo como a informação será recolhida e interpretada. Na impossibilidade de se efectuarem observações em todo o território nacional, incidir-se-á, acuradamente, sobre um núcleo específico.

Finalmente, os sistemas construtivos próprios de cada exemplo verificado serão levantados e comparados de acordo com o valor material, formal, sustentável, entre outros, que a sua aplicação represente nos dias de hoje.

1.3 Metodologia

Não obstante a forte componente teórica que este trabalho encerra, deposita-se, pese embora, igual ou superior deferência nas observações “*in loco*” previstas, procurando com elas explorar outro dos traços que determina o trabalho do arquitecto. Com isto tenciona-se consolidar a vertente teórico-prática ligada ao exercício da Arquitectura, por meio de uma aplicação metodológica cujo alcance e solidez se firma nessa dualidade.

Preliminarmente, tendo por base a sistematização bibliográfica que os “Apontamentos sobre o Estado da Arte”, adiante descritos, incluem, realizar-se-á a triagem necessária que facilitará tratar, de seguida, a selecção documental feita. Logo, dissertar-se-á sucintamente sobre os estudos lançados durante o século XX, sublinhando-se as incompatibilidades perceptíveis nos dois quadros mais conhecidos a respeito do tema. Essa comparação permitirá aprofundar questões relacionadas com a própria natureza da arquitectura popular, tão simplesmente o que não é, o que é, ou como se manifestou. Depois de esclarecidos os quatro primeiros objectivos propostos, introduz-se a parte dita mais experimental desta dissertação.

Assim, o segundo momento de pesquisa focar-se-á na recolha directa, ainda que parcial, da amostra edificativa/construtiva dos vários nichos territoriais. É neste seguimento que a

informação contida em APP se presta à utilidade de referência, quer do ponto de vista da forma, quer do conteúdo a escolher/analisar.

Dado o contexto geográfico de que o autor é nato (Beira Baixa) e as condicionantes inerentes à brevidade desde trabalho, decidiu-se limitar as observações a uma das cinco comarcas que a “Zona 3 Beiras” compreende. Uma vez que o solo desta área se encontra maioritariamente constituído por rochas de ordem granítica e xística, confinaram-se as deslocações assinaladas até aos limites que envolvem o distrito de Castelo Branco. Porque a divisão espacial concebida entre 1955/60 não se ajusta às normas actuais, optou-se por recorrer à nova “Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos” [(NUTS) 2013], em prol de uma estruturação explícita das áreas competentes levantadas.

O procedimento anteposto baseou-se na realocização, tanto quanto possível, das peças fotografadas por Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo e João José Malato, no intuito de auscultar o perfil da região percorridos sessenta e três anos. Desta maneira, começaram-se por levantar todas as localidades¹⁵ da área de estudo mencionadas em APP, identificando-se, sempre que verdadeiros, os sítios em que o inquérito fotográfico tomou posição. Esta estratégia permitiu, mesmo antes de se iniciarem as deslocações, tomar conhecimento sobre os entrecos próprios de cada espaço, determinando quais os objectos merecedores de atenção. Contudo, reservou-se alguma autonomia sempre que o registo de outros casos, noutros lugares, assim o justificasse.

Posto isto, todo o material recolhido/gerado e cuja condição prévia se esteou no envolvimento dos suportes fotográfico e representativo (desenho), será organizado consoante as temáticas apontadas para ilustrar pormenores de implantação, materiais recorrentes, técnicas empregues, eventuais conteúdos programáticos e seu funcionamento espacial, entre outros.

O formato adoptado durante as investigações fotográficas foi o quadrangular.

Apesar de comumente estar associada a uma rigidez formal que nem sempre se adequa à captação de dados assuntos, esta técnica distingue-se do rectângulo porquanto a atenção atribuída à composição (enquadramento, luz, sombra, textura...) é maior que o interesse pela cor, por exemplo. Logo, composições geométricas são aquelas que, preferencialmente, melhor se adaptam ao conjunto de possibilidades que tal predefinição permite explorar: desde o convencionalismo, precisão e tensão; à harmonia, honestidade e sobriedade.

Estruturalmente, o que a princípio poderia indicar um certo empirismo fotográfico, ao situar-se os objectos no centro das imagens pretende-se espessar a reflexão sobre os mesmos, dotando cada registo do maior objectivismo possível¹⁶.

¹⁵ Cfr. Anexo I; pp. 109-116

¹⁶ *Square Format in Square Format Photographs* [em linha]. *Photographic Psychology: Image and Psyche*. [consulta. 2018-10-26]. Disponível na Internet: http://truecenterpublishing.com/photopsy/square_format.htm

No âmbito da organização da informação recolhida, desenvolveu-se uma ficha técnica semelhante na forma às “matrículas” do Inquérito [tipo A5 (14,8x21 cm)], que pretende não só colmatar a lacuna verificada em APP quanto à localização absoluta dos exemplares observados; como gerar múltiplos documentos individuais capazes de incentivar, por si só, a produção de novas abordagens científicas. O código de registo distingue-se pela sequência de itens reservados à interpretação de uma determinada figura — situada à esquerda — e que consiste na numeração e “descrição” do objecto seleccionado, sucedida do “concelho”, “freguesia”, “localidade”, “localização” e data em que a deslocação/observação ocorreu — situados à direita.

Esclarecimentos adicionais são remetidos em estilo de nota explicativa, “obs.” (Figura 1).

	ficha técnica 000
obs. —	descrição paisagem característica
	concelho Castelo Branco
	freguesia Castelo Branco
	localidade Monte de São Martinho
	localização 39.802759, -7.463362
	data 11 de Abril de 2018

Figura 1 - Ficha Técnica tipo

Como resultado das actividades descritas acima, restará, por fim, decompor a unidade que constitui os estudos de caso aferidos e cuja valia reside na sua heterogeneidade construtiva. Depois de reunida e correlacionada toda esta informação, será mais fácil propor alternativas que, comprovadas no tempo, dialogam fortemente com o estado político e social efectivo, e de que a expressão arquitectónica contemporânea pode beneficiar.

A “Consideração Final” será estruturada a partir das respostas aos objectivos colocados, deixando espaço para breves comentários e outras conclusões retiradas.

1.4 Estrutura

Este trabalho é composto por seis divisões principais.

No capítulo primeiro, reservado à “Introdução”, dispõem-se e esclarecem-se as informações relacionadas com o objecto de estudo. Assim, em “Apoio e justificação temática”, pondera-se sucintamente sobre a origem, o contexto em que este se firmou e as razões que motivaram a sua abordagem. De seguida, listam-se os objectivos a que se tenciona responder, e que, segundo a metodologia aplicada, são sustentados com maior solidez. Nesta, além dos critérios de pesquisa formulados, estão igualmente explícitas as variantes que permitiram analisar e interpretar a informação observada. A fechar este estágio, breves apontamentos sobre o Estado da Arte.

Como suporte à “Fundamentação Teórica”, recua-se, no segundo capítulo, ao átimo em que a convicção num modelo habitacional dito “português” se cria verdadeiro, e cuja sistematização tornaria possível reproduzir. Paralelamente, destaca-se o aparecimento inevitável de outras perspectivas sobre o assunto, que, numa primeira fase, vieram confirmar a proeminência dos conteúdos “populares” na Arquitectura, alargar as interpretações disponíveis, e, posteriormente, questionar os moldes em que a primeira se fabricou. Desta maneira, interpõe-se a visão legada pelos profissionais do SNA, diante da generalização categórica reunida por Raul Lino, tendo em conta a quase simultaneidade temporal em que ambos progrediram, e que, todavia, não invalidou a acentuação dos contrastes atinentes a cada quadro. Posto isto, não se considerou necessário reservar um momento à explicitação sumária dos aspectos que caracterizam a arquitectura popular, porquanto, nas dicotomias confrontadas, se depreende o verdadeiro significado da mesma.

No capítulo terceiro traça-se o perfil geográfico da zona de estudo através dos indicadores correspondentes. Neste, reflecte-se exclusivamente sobre a natureza do território, em clara transição entre o desfecho da parte teórica, propriamente dita, e as primeiras considerações da vertente mais prática deste trabalho.

Assim, de acordo com uma pequena nota prévia, ensaiam-se, no quarto capítulo, os lugares sujeitos às observações efectuadas no distrito de Castelo Branco, em que “A Arquitectura das Beiras” e “A Casa das Beiras” introduzem e integram três unidades territoriais distintas do terceiro nível, as sub-regiões da “Beira Baixa”, “Beiras e Serra da Estrela” e “Médio Tejo”¹⁷. Destes agrupamentos fazem parte, respectivamente, as seguintes localidades: Malpica do Tejo, Zebreira, Monsanto, Lardosa, Freixial do Campo e Sobral do Campo; Castelo Novo, Alpedrinha, Alcaide, Fundão, Pêro Viseu, Peso, Paúl, Erada e Covilhã; Vila de Rei e Pedrógão Pequeno.

Apesar de não figurar no esquema referido anteriormente, observou-se ainda — localizada perto da fronteira administrativa dos distritos de Castelo Branco e Coimbra — a aldeia de Meãs, concelho de Pampilhosa da Serra, Região de Coimbra. Visto que o território em geral se encontra

¹⁷ INE, I.P.; As Novas Unidades Territoriais para fins Estatísticos; Instituto Nacional de Estatística, I.P.; Lisboa, 2015; p. 5

delimitado por um conjunto de separações imaginárias e físicas (limite administrativo, serra, rio, entre outros), este procedimento serviu para inferir a diversidade arquitectónica das povoações de transição, que, pelo seu “estatuto periférico”, não devem ser remetidas para a zona “A” ou “B”. Isto é, são antes motivo de uma nova leitura, que é a daquele sítio. Contudo, foi possível agrupar alguns dos dezoito locais estudados atendendo a características unificadoras, responsáveis pelo encadeamento lógico desta parte.

Depois de perscrutada cada região, orienta-se, ainda que genericamente, o ritmo da investigação para a sua vertente mais técnica, triando quais das soluções explícitas/implícitas nos modos de construir identificados melhor se adequam à conjuntura actual; como proceder à sua adaptação e quais os benefícios da sua execução e difusão na busca de práticas construtivas mais responsáveis.

No capítulo sexto tece-se a consideração final (conclusões).

Por último, em anexo, segue uma selecção¹⁸ proposta das cerca de sete mil imagens recolhidas durante o levantamento fotográfico — organizadas nas devidas fichas técnicas —, bem como outros documentos considerados indispensáveis à feitura deste trabalho.

1.5 Apontamentos sobre o Estado da Arte

1.5.1 Contexto Nacional

Acerca da literatura produzida sobre o tema encontrou-se, preliminarmente, em João Leal e no seu artigo de 2009¹⁹ inserido na “Conferência Marques da Silva 2008”, grande volume de informação sistematizada que aponta no sentido de uma cronologia de factos capaz de situar a origem da questão que se propôs estudar, em Portugal. Nomeadamente, como é que as diferentes abordagens produzidas se relacionam, e, no tocante, qual a sua relevância ao longo do tempo, até aos nossos dias.

Desta maneira, de acordo com a publicação de 1893²⁰, o militar e intelectual Henrique das Neves terá sido o primeiro a ponderar sobre as questões do âmbito popular com precedentes numa qualquer homogeneidade habitacional dita “portuguesa”²¹. Importa, pois, compreender o contexto político e social em que esta perspectiva se constrói, tendo em conta o despoletar das primeiras manifestações nacionalistas e o crescente gosto por tudo aquilo que é português — ideia mais tarde resgatada como preceito fundamental dum regime com um programa arquitectónico definido. Outras vozes entendidas no assunto manifestaram-se contra, ou a favor da noção subjacente, em particular, António da Rocha Peixoto, cuja erudição no domínio da Antropologia

¹⁸ Cfr. Anexo II; ficha técnica 001-358

¹⁹ LEAL, João; *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português*; Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva; Porto, 2009

²⁰ NEVES, Henrique das; *A Cava de Viriato. Notícia Descritiva e Crítico-Histórica*; Imprensa Lusitana; Figueira da Foz, 1893

²¹ LEAL, João; *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português*; Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva; Porto, 2009; pp. 5-6

e da Etnologia²² lhe permitiu rejeitar a possibilidade. Genericamente, e até cerca de 1930/40, a crença numa arquitectura portuguesa — composta de certos ditames — é amplamente aceite e reconhecida por um número considerável de arquitectos, entre eles nomes sonantes do Modernismo, como: Carlos Ramos, Cristino da Silva, Jorge Segurado, e assim por diante²³.

Se Henrique das Neves levantou a hipótese, Raul Lino foi aquele que se dispôs a assimilá-la. O tema encontra-se já subentendido em textos²⁴ anteriores à edição de referência, “Casas Portuguesas”²⁵ (1933). Ao mesmo tempo, acontecimentos como o concurso para a eleição da “Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” (1938) e a “Exposição do Mundo Português” (1940), consolidavam estas teses.

Pela década de quarenta saem a publicação os mais variados estudos interpretativos sobre o Portugal da época, designadamente o IHR — realizado pelos engenheiros agrónomos da Universidade Técnica de Lisboa (actual Universidade de Lisboa). Como forma de apuramento das causas que influenciavam a falta de produtividade agrícola nacional, o espaço habitado daqueles que o cultivavam foi alvo de minuciosos levantamentos que reafirmavam a miséria em que as populações viviam²⁶. Inicialmente, a disposição do trabalho produzido previa a sua organização em três volumes, referentes às zonas Norte²⁷, Centro²⁸ e Sul, porém, por constituir uma análise nitidamente distanciada daquela que o Estado Novo queria fazer passar, apenas “[...] breves artigos de introdução aos inquéritos [...]”²⁹ e os dois primeiros tomos vieram a lume, ficando o terceiro³⁰ por dar a conhecer, até recentemente.

Na Geografia, sensivelmente deste a primeira metade do século XIX que a reforma administrativa do território português se vinha desenrolando³¹, tendo para ela contribuído o “Esbôço duma Carta

²² António da Rocha Peixoto in Biblioteca Municipal Rocha Peixoto [em linha]. Biblioteca Municipal Rocha Peixoto; Póvoa de Varzim, 1995-2016. [consulta. 2018-10-26]. Disponível na Internet: http://ww.cm-pvarzim.pt/biblioteca/index.php?op=h_personalidades&id=41

²³ LEAL, João; Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português; Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva; Porto, 2009; p. 6

²⁴ LINO, Raul; A Nossa Casa. Apontamentos sobre o Bom Gosto na Construção das Casas Simples; Tipografia do Anuário Comercial; Lisboa, 1918

²⁵ LINO, Raul; Casas Portuguesas. Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples; Edição de Valentim de Carvalho; Lisboa, 1933

²⁶ LEAL, João; Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português; Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva; Porto, 2009; p. 37

²⁷ BASTO, Eduardo Alberto Lima e BARROS, Henrique de; Inquérito à Habitação Rural. I Vol. A Habitação Rural no Norte de Portugal. Minho, Douro-Litoral, Trás-os-Montes e Alto-Douro; Gráfica Lisbonense; Lisboa, 1943

²⁸ BARROS, Henrique de; Inquérito à Habitação Rural. II Vol. A Habitação Rural nas Províncias da Beira. Beira Litoral, Beira Alta e Beira Baixa; Gráfica Lisbonense; Lisboa, 1947

²⁹ Cfr. BARROS, Henrique de; As Províncias do Norte de Portugal. Minho, Douro-Litoral, Trás-os-Montes e Alto-Douro (Separata do 1.º volume do Inquérito à Habitação Rural); Gráfica Lisbonense; Lisboa, 1942; p. 3

³⁰ AA. VV; Inquérito à Habitação Rural. A Habitação Rural nas Províncias da Estremadura, Ribatejo, Alto Alentejo e Baixo Alentejo; Imprensa Nacional Casa da Moeda; Lisboa, 2013

³¹ FERNANDES, Mário Gonçalves; As Divisões Regionais de Portugal Continental na Cartografia dos Manuais Escolares de Geografia, do século XIX ao Estado Novo in *Didáctica Geográfica* N. 18; *Asociación de Geógrafos Españoles*; 2017; p. 135

Regional de Portugal”³², de Amorim Girão, e mais decisivamente “Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico”³³, de Orlando Ribeiro.

A partir desta altura, a crítica às amálgamas da casa “portuguesa” já não se limita a negá-la por completo, surge da falta que um “trabalho sério, conciso, bem orientado e realista” sobre a questão preencheria. Fernando Távora foi o primeiro a reconhecer essa necessidade num texto de 1945, com extracção no semanário “Alè”, que viria dois anos mais tarde a reeditar em virtude da sua adaptação. Neste constam alguns dos procedimentos lógicos em que esse estudo se poderia orientar, sob o ponto de vista do “meio”, “arquitectura existente” e “possibilidades da construção moderna”³⁴. Simultaneamente, Keil do Amaral subscreve a ideia no artigo “Uma Iniciativa Necessária”³⁵, publicado na revista “Arquitectura”. Pouco depois, o assunto voltaria a ser mencionado como parte integrante do primeiro Congresso Nacional de Arquitectura (1948)³⁶, com a ordem de trabalhos: “A Arquitectura no Plano Nacional” e “O Problema Português da Habitação”³⁷. Contiguamente, fez-se a primeira investida para a realização do Inquérito junto do organismo responsável pela cultura na época, todavia sem qualquer efeito³⁸. Seria preciso esperar seis anos para que se desse início aos trabalhos de campo.

Entre 1955/57 teve lugar o IARP, aportando, na prática, o que em tempos António da Rocha Peixoto, entre outros, haviam reconhecido sobre a diversidade arquitectónica das diferentes regiões de Portugal, contra as noções do “Ideário da Casa ‘Portuguesa’” (ICP). Com abordagens explicitamente distintas³⁹, os dezoito arquitectos envolvidos percorreram, em grupos, as áreas riscadas do território português — com excepção funcional dos Arquipélagos dos Açores e da Madeira — que descreveram, desenharam e fotografaram, originando um vasto corpo de pesquisa, reunido logo após na obra de dois volumes “Arquitectura Popular em Portugal” (1961)⁴⁰.

O carácter antropológico e etnológico que a relação entre o sujeito que constrói e o objecto construído apresenta, foi ainda merecedor da atenção dos pesquisadores do Museu Nacional de Etnologia: Benjamim Pereira, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Jorge Dias (numa primeira fase⁴¹). Por motivo da sua intervenção estudaram-se outras tipologias da arquitectura

³² GIRÃO, Amorim; *Esbôço duma Carta Regional de Portugal*; 2.^a edição; Imprensa da Universidade; Coimbra, 1933

³³ RIBEIRO, Orlando; *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo Geográfico*; Coimbra Editora; Coimbra, 1945

³⁴ Cfr. TÁVORA, Fernando; *O Problema da Casa Portuguesa. Cadernos de Arquitectura n. 01*; Lisboa, 1947; citado por Ana Motta Veiga in *Revisitar Fernando Távora. Obra e Vida* [em linha]. *Wordpress*, 2018. [consulta. 2018-11-10]. Disponível na Internet: <https://revisitavora.wordpress.com>

³⁵ AMARAL, Keil do; *Uma Iniciativa Necessária* in *Arquitectura: Revista de Arte e Construção – 2^a Série*, n.º14; 1947; pp. 12-13

³⁶ 1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses Conclusões e Votos do Congresso; Sindicato Nacional dos Arquitectos; 1948

³⁷ Cfr. *O Problema da Habitação e o I Congresso Nacional de Arquitectura* in *Infohabitar. Revista Semanal sobre o Habitat Humano* [em linha]. *Infohabitar*, 2008. [consulta. 2018-10-28]. Disponível na Internet: <http://infohabitar.blogspot.com/2008/10/o-problema-da-habitao-e-o-i-congresso.html>

³⁸ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos*; Lisboa, 2004; p. XIII

³⁹ *Ibid.*; p. IX

⁴⁰ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Lisboa, 1961

⁴¹ LEAL, João; *Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português*; Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva; Porto, 2009; p. 12

popular portuguesa, até ao momento pouco referenciadas, ou que não possuíam análises a título individual, como sejam: espigueiros⁴², palheiros (designadamente os “do Litoral Central Português”⁴³), abrigos pastoris (incluídos na obra “Construções Primitivas em Portugal”⁴⁴), moinhos, e assim por diante. Finalmente, são casos de registo as peças desenhadas reunidas em “Desenho Etnográfico”⁴⁵ e ainda “Arquitectura Tradicional Portuguesa”⁴⁶ (ATP), produto directo da “[...] revisão e ampliação do artigo *Arquitectura*⁴⁷, publicado no 1.º vol. de *Arte Popular em Portugal (1959) [...]*”⁴⁸.

Na viragem do milénio o tema volta a estar em destaque a propósito das investigações que tiveram lugar no espaço insular português, e que culminaram no lançamento de “Arquitectura Popular dos Açores”⁴⁹ e Madeira⁵⁰, completando o trabalho inicial; da edição do livro de João Leal, “Etnografias Portuguesas (1870-1970)”⁵¹, que inclui, aprofundadamente, os principais trabalhos produzidos acerca de arquitectura popular no século XX português; e da tiragem da quarta edição de APP, em 2004.

Mais recentemente (2011), pelas comemorações dos cinquenta anos desde a primeira publicação de APP, a Ordem dos Arquitectos procedeu à seriação de grande parte do material fotográfico que nunca chegou à estampa, disponibilizando-o numa plataforma em linha⁵². Desta acção resultou, dois anos depois, a exposição itinerante “Território Comum”⁵³, que contou com uma selecção de cem registos do arquivo da Ordem⁵⁴. Nesta continuidade também a entretanto extinta “Escola Universitária das Artes de Coimbra” (EUAC) se associou às comemorações, fomentando um debate⁵⁵ retrospectivo que reuniu quatro — Alfredo da Mata Antunes (Zona 5), António Menéres (Zona 1), Carlos Carvalho Dias (Zona 2) e Francisco da Silva Dias (Zona 4) — dos dezoito arquitectos do IARP.

⁴² AA. VV; Espigueiros Portugueses; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular; Porto, 1963

⁴³ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Palheiros do Litoral Central Português; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular; Lisboa, 1964

⁴⁴ AA. VV; Construções Primitivas em Portugal; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1969

⁴⁵ GALHANO, Fernando; Desenho Etnográfico. Vol. I-Portugal; Instituto Nacional de Investigação Científica; Lisboa, 1985

⁴⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992

⁴⁷ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Arquitectura in LIMA, Fernando de Castro Pires de; A Arte Popular em Portugal. 1.º vol.; Editorial Verbo; Lisboa, 1959; pp. 15-137

⁴⁸ Cfr. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; p. 11

⁴⁹ AA. VV; Arquitectura Popular dos Açores; Ordem dos Arquitectos. Conselho Directivo Nacional; Lisboa, 2000

⁵⁰ MESTRE, Victor; Arquitectura Popular da Madeira; Argumentum; Lisboa, 2001

⁵¹ LEAL, João; Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000

⁵² OAPIX [em linha]. Ordem dos Arquitectos, 2011. [consulta. 2018-11-01]. Disponível na Internet: <http://www.oapix.org.pt>

⁵³ Território Comum. Imagens do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, Portugal 1955-57; Ordem dos Arquitectos; 2013

⁵⁴ Ibid.; p. 3

⁵⁵ O Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa: 50 Anos Depois; Escola Universitária das Artes de Coimbra; Coimbra, 2012

1.5.2 Contexto Internacional

Embora menos recorrentemente, foi possível identificar manifestações significativas do assunto fora de Portugal.

O primeiro desses exemplos remete para um estudo italiano⁵⁶, produzido ao abrigo da corrente Racionalista, empenhado em “[...] compreender a importância estética da casa rural”⁵⁷.

Nos Estados Unidos sobressaem publicações cujos efeitos atestam, mais uma vez, a dimensão de Arquitectura Popular em Portugal. Desde o paralelismo encontrado entre a exposição fotográfica “*The Family of Man*”⁵⁸ (1955) e o pendor neo-realista que algumas imagens do IARP revelam⁵⁹; ou o facto de APP anteceder trabalhos importantes como: “*Architecture without Architects*”⁶⁰ (1964) e “*House Form and Culture*”⁶¹ (1969).

Na Espanha, o tema coabitou amiúde com a modernidade na revista trimestral “*A.C. Documentos de Actividad Contemporánea*”⁶² (1930/37), merecendo, anos depois, um olhar aprofundado pelo autor de “*Arquitectura Popular Española*”⁶³, Carlos Flores⁶⁴.

Em 2018 a União Europeia promoveu uma série de actividades que visaram alertar os cidadãos europeus para a importância da “diversidade, diálogo intercultural e coesão social” em matérias “da cultura e do património”, naquele que ficou conhecido como o primeiro “Ano Europeu do Património Cultural”⁶⁵.

No mesmo ano teve-se a oportunidade de participar na “Escola de Verão” organizada pela “*International Network for Traditional Building, Architecture and Urbanism*” (*Intbau*) e o “*Premio Rafael Manzano de Nueva Arquitectura Tradicional*” — com o apoio da Fundação Serra Henriques — que se realizou pela primeira vez em Portugal na localidade de Beirã, concelho de Marvão. O encontro trouxe a lume “Um projecto de futuro para a Beirã”⁶⁶, tornado público⁶⁷ num

⁵⁶ PAGANO, Giuseppe e DANIEL, Guarniero; *Architettura Rurale Italiana. Quaderni della Triennale; Ulrico Hoepli Editore; Milano, 1936*

⁵⁷ Cfr. PAGANO, Giuseppe e DANIEL, Guarniero; *Architettura Rurale Italiana. Quaderni della Triennale; Ulrico Hoepli Editore; Milano, 1936*; p. 6

⁵⁸ STEICHEN, Edward; *The Family of Man; The Museum of Modern Art; New York, 1955*

⁵⁹ Território Comum. Imagens do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, Portugal 1955-57; Ordem dos Arquitectos; 2013; p. 5

⁶⁰ RUDOFISKY, Bernard; *Architecture without Architects. An Introduction to Non-Pedigreed Architecture; The Museum of Modern Art; New York, 1964*

⁶¹ RAPOPORT, Amos; *House Form and Culture; Prentice-Hall, Inc.; N.J., 1969*

⁶² *A.C. Documentos de Actividad Contemporánea; Publicación del G.A.T.E.P.A.C.; 1930/37*

⁶³ FLORES, Carlos; *Arquitectura Popular Española; Aguilar; Madrid, 1973*

⁶⁴ MAIA, Maria Helena e CARDOSO, Alexandra; O Inquérito à Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal in Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em Homenagem a José-Augusto França; APHA – Associação Portuguesa de Historiadores da Arte; 2012; pp. 535-546

⁶⁵ Cfr. *Ano Europeu do Património Cultural 2018* [em linha]. Ano Europeu do Património Cultural, 2018. [consulta. 2018-11-11]. Disponível na Internet: <http://anoeuropeu.patrimoniocultural.gov.pt/index.php/ano-europeu-do-patrimonio-cultural-2018/ano-europeu-do-patrimonio-cultural>

⁶⁶ AA. VV; Um projecto de futuro para a Beirã (Marvão), baseado na Arquitectura e Urbanismo de Tradição Alentejana; Fundação Serra Henriques; Lisboa, 2018

⁶⁷ AA. VV; A Reconstrução do Património Cultural; *Arcadia Mediática*; Madrid, 2018; pp. 38-87

seminário internacional que teve lugar na “*Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid*” (ETSAM).

Por fim, elaborou-se, no ano seguinte, uma comunicação publicada em livro de actas⁶⁸ — revista por pares — para a 4ª conferência internacional sobre preservação, manutenção e reabilitação de estruturas e edifícios históricos (REHAB 2019).

1.5.3 Outras Áreas

Notou-se ainda a presença do objecto arquitectónico de feição popular enquanto complemento nas áreas da pintura, fotografia, cinema e documentário.

Antes de mais, no sentido da vasta obra pictórica de Alfredo Roque Gameiro, e em especial nas aguarelas de “Avô”. Possuidor de uma capacidade de execução técnica ímpar, hoje podem considerar-se para lá de notáveis exercícios de pintura, documentação sobre arquitectura regional portuguesa e as qualidades dos espaços em que esta se inseria⁶⁹.

Digna de referência foi também a atenção que Artur Pastor concedeu ao tema, através da fotografia. Entre 1940/60 — o período mais marcante da sua actividade — realizou apontamentos singulares na Nazaré⁷⁰ e no Algarve⁷¹, tendo parte do trabalho reunido participado à criação dum arquivo fotográfico na “Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas”, actual “Direcção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural” (DGADR). Segundo este, “a fotografia do casario rural devia obedecer a três princípios fundamentais: acertada integração no meio respectivo; obtenção de linhas arquitectónicas sem ou com pouca distorção; e aproveitamento dos pormenores que pelo seu característico retratassem estilos ou usos rurais”⁷².

Nas décadas seguintes outros registos se fizeram, por outros fotógrafos, até mais recentemente (2007) Bert Teunissen ter incluído Portugal no livro “*Domestic Landscapes*”⁷³, um projecto que regista — tendo como único requisito técnico o uso da luz natural — cidadãos europeus em habitações anteriores à Segunda Guerra Mundial.

Já o interesse do cinema pela cultura popular portuguesa traduziu-se na captação da realidade próxima sem quaisquer artifícios (“Cinema directo”). Atestam-no, entre outras, as fitas de

⁶⁸ SALVADO, J.; MARTINS, A. M. T.; NEPOMUCENO, M. C. S.; *From popular to contemporary: a review on Portuguese vernacular architecture in Proceedings of the 4th International Conference on Preservation, Maintenance and Rehabilitation of Historic Buildings and Structures*; Green Lines Instituto para o Desenvolvimento Sustentável; Barcelos, 2019; pp. 389-397

⁶⁹ *Roque Gameiro* in Tribo dos Pincéis [em linha]. Tribo dos Pincéis, 2017. [consulta. 2018-11-12]. Disponível na Internet: <http://tribop.pt/TPd/01/20#A%20Ponte%20de%20Av%C3%B4>

⁷⁰ PASTOR, Artur; Nazaré. Portugal; Bertrand; Lisboa, 1958

⁷¹ PASTOR, Artur; Algarve. Portugal; Bertrand; Lisboa, 1965

⁷² Cfr. A Paisagem de Artur Pastor [Registo vídeo]. Realização de Fernando Carrilho [em linha]. Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca, 2014. [consulta. 2020-07-30]. Disponível na Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=6qqfOL1p15k> (min 24:44)

⁷³ TEUNISSEN, Bert; *Domestic Landscapes. A Portrait of Europeans at Home*; Aperture; 2007

“Vilarinho das Furnas”⁷⁴ (1971), “Máscaras”⁷⁵ (1976), e, mais remotamente, “Trás-os-Montes”⁷⁶ (1976) e “Veredas”⁷⁷ (1978).

Noutro plano, a série antológica de Michel Giacometti: “Povo que Canta”⁷⁸ (1971/74), proporciona uma visão reduzida — porém assinalável — do espaço construído da época, onde os intervenientes surgem enquadrados de acordo com a natureza de cada recolha musical.

Em corolário, fica transversalmente demonstrada, ao longo do tempo, a pertinência do assunto.

⁷⁴ Vilarinho das Furnas [Registo vídeo]. Realização de António Campos. 1971. (65 min)

⁷⁵ Máscaras [Registo vídeo]. Realização de Noémia Delgado. Centro Português de Cinema, 1976. (115 min)

⁷⁶ Trás-os-Montes [Registo vídeo]. Realização de António Reis e Margarida Martins Cordeiro. Centro Português de Cinema, 1976. (108 min)

⁷⁷ Veredas [Registo vídeo]. Realização de João César Monteiro. Instituto Português de Cinema, 1978. (120 min)

⁷⁸ Povo que Canta [Registo vídeo]. Realização de Alfredo Tropa. RTP, 1971-1974. (25 min)

Capítulo 2 Fundamentação Teórica

2.1 O Ideário da Casa “Portuguesa”

2.1.1 Antecedentes

“[...] Cada português é um espantalho vestido de gente. Se uma pessoa lhe dá um tiro, fura uma ficção.”⁷⁹

Em Arquitectura, à semelhança doutras áreas com uma componente de investigação muito forte, traçar as origens duma vanguarda abrange, não só a identificação do pensamento que lhe está subjacente, como do conjunto das circunstâncias que levaram até essa concepção.

As teses que fundamentam o Ideário da Casa “Portuguesa”, nomeadamente a sua acção durante os primeiros decénios do século XX, elevam-se, ao que tudo indica, à época Romântica — balizada entre o estalar da Revolução Francesa (1789) e meados do século XIX. Importa esclarecer que o Romantismo surgiu como um movimento de contestação ao racionalismo académico do Neoclassicismo, logo após as conquistas de uma cada vez mais absorvente classe burguesa, privilegiando questões de fundo relacionadas com o individualismo e nacionalismo, inspiradas nas maiorias populares como verdadeiras representantes do espírito das nações.

Em Portugal, o Romantismo aparece no rescaldo das Guerras Liberais (1828/34), de que exalaram novas perspectivas de governo (Liberalismo) em alternativa às autocracias do Antigo Regime — numa Europa face a face com as primeiras quebras do modelo económico industrial e o descontentamento progressivo do proletariado⁸⁰. É nesta oposição que se fixa a cultura popular o novo agente redentor da identidade nacional, consoante já acontecia na Alemanha, Grécia, entre outros⁸¹; e a que se deverá depois a transição do enlevo Romântico pelo tema, para a abordagem fundamentalmente mais técnica que, sobretudo a Etnografia e a Antropologia, se proporão fazer⁸².

Ainda assim, aquele que, provavelmente, ficou conhecido como o século mais conturbado da história portuguesa — por isso favorável à autognose —, nada contribuiu para reformular o discurso histórico e cultural (acrítico e fantástico) que os portugueses mantinham de si e de Portugal enquanto entidade tida, ao cabo da centúria, como orgânica — muito pelo contrário. Esse é, aliás, um obstáculo que o autor de “O Labirinto da Saudade”⁸³ (1978) localiza no começo “traumático” da nacionalidade — congénito, portanto —, em cuja superação inexplicável se

⁷⁹ TORGA, Miguel; Diário XII; Gráfica de Coimbra; 2.ª Edição; Coimbra, 1977; p. 107

⁸⁰ AA. VV; História da Cultura e das Artes 11.º ano. 2.ª Parte; Porto Editora; Porto, 2009; pp. 86-104

⁸¹ LEAL, João; Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; pp. 15-16

⁸² SARAIVA, Clara; João Leal, Antropologia em Portugal: Mestres, Percursos, Tradições in Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia. vol. 12 (1)|2008; p. 265

⁸³ LOURENÇO, Eduardo; O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1978

forjaram raízes providenciais, e assim por diante, profundas⁸⁴. Senão veja-se, de acordo com a tradição, durante o conflito armado que opôs as forças cristãs (em desvantagem numérica) e muçulmanas, D. Afonso Henriques avistou o Sinal da Cruz e reconheceu na voz de Cristo o sucesso da empresa que contribuiu para fundar Portugal (Fig. 2). Por outro lado, a mesma elocução que desde sempre os portugueses têm assimilado e promovido foi-se baseando em noções invariáveis emanantes de obras pictóricas, literárias, historiográficas importantes⁸⁵ (Imagologia) reiteradas na consciência de cada um (Fig. 3).



Fig. 2 - Visão de Afonso Henriques na Batalha de Ourique, 1665



Fig. 3 - Anjo Custódio de Portugal, 1801/50

Mas esta velha forma que os portugueses arranjaram para se sobrelevar dos outros — ou de si mesmos —, explica a tendência visceral com que deles subtraem as fragilidades⁸⁶ próprias dum povo incapaz de assumir a soga do seu destino.

A partir de 1580, a identidade conquistadora que se estabelecera no zénite dos Descobrimentos⁸⁷, confronta-se com a “dificuldade de ser”, quer porque a “ditosa pátria” que Luís de Camões exalta n’Os Lusíadas não só já não o era, como, simbolicamente, morrera consigo. Desse modo, a principal “razão de ser” da existência vernácula depositava-se agora numa qualquer glória perdida que não houve tempo de realizar (Quinto Império)⁸⁸. No regresso ao exíguo rectângulo do lar, os portugueses encararam pela primeira vez com a dura realidade que transfiguraram — atraso

⁸⁴ LOURENÇO, Eduardo; *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*; Gradiva Publicações, S. A.; 15.^a Ed.; Lisboa, 2019; pp. 24-25

⁸⁵ *Ibid.*; p. 18

⁸⁶ *Ibid.*; p. 25

⁸⁷ *Ibid.*; p. 12

⁸⁸ *Ibid.*; pp. 28-29

económico e social, miséria, analfabetismo, emigração⁸⁹ — e quando chamados a dar provas do seu trabalho já não o podiam relegar, como fizeram durante séculos, no preto. Se se pensar, nem mesmo o advento da Democracia como é contado significa, de facto, um rasgo de libertação histórica colectivo, afinal esta foi-lhes literalmente dada por um grupo de militares inconformados com o estado de coisas.

A fuga da família real para o Brasil (1808/07) no contexto da Primeira Invasão Francesa, a sequente independência da grande colónia (1822), as Lutas Liberais e o Ultimato inglês (1890) haveriam de avivar na consciência nacional — degradada pelas circunstâncias — os precedentes históricos em que esta se formara e deveria, por isso, reerguer. Simultaneamente, louvavam-se os aspectos individuais da nação (culto da pátria) com que a jovem República fará bandeira e o Estado Novo tornará objecto (ultranacionalismo)⁹⁰. Em 1846⁹¹, Almeida Garrett já refere nesses moldes bucólico e fundamentalista o Vale de Santarém: “Cá estamos num dos mais lindos e deliciosos sítios da Terra [...] pátria dos rouxinóis e das madressilvas, cinta de faias belas e de loureiros viçosos. Disto é que não tem Paris, nem França, nem terra alguma do Ocidente senão a nossa terra, e vale bem por tantas, tantas coisas que nos faltam.”⁹² — excepto que não valia —; ao passo que Eça de Queirós se corresponderá — numa fase contraditória da sua vida — com Alberto de Oliveira nestes termos: “A humanidade não está toda metida entre a margem do rio Minho e o cabo de Santa Maria — e um ser pensante não pode decentemente passar a existência a murmurar extaticamente que as margens do Mondego são belas.”⁹³

O fenómeno adensa-se quando, na década de 1870⁹⁴, o arqueólogo e escritor Martins Sarmiento, ao verificar parentesco étnico dos portugueses com os habitantes da Lusitânia (Lusitanos), remete as origens nacionais — “convencionadas” em Ourique — para o período que medeia entre a Pré-História e a Antiguidade⁹⁵. Nesse sentido, o valor absoluto da nação obtém-se na “máxima antiguidade”, a partir da qual os portugueses se tornaram eles e não outros⁹⁶. Este ardil de consubstanciação nacional, congregada num espaço histórico definido, pelos membros de uma sociedade com individualidade reconhecida no tempo, insere-se no discurso nacionalista — “etnogenealógico” — que o sociólogo britânico Anthony D. Smith haverá de distinguir por altura que estes conceitos se julgavam semiânimes⁹⁷. Entretanto, as “teses lusitanistas” consolidam-se e dois anos depois de implantada a República, Teixeira de Pascoaes eleva a representação mental da saudade a símbolo exclusivo do temperamento português (idiossincrasia), cujo arrazoado incidia na suposta intraduzibilidade do termo para outras línguas — embora o princípio não se

⁸⁹ Ibid.; p. 52

⁹⁰ Ibid.; pp. 31-32

⁹¹ GARRETT, J. B. de Almeida; *Viagens na Minha Terra*; Typographia da Gazeta dos Tribunaes; Lisboa, 1846

⁹² GARRETT, Almeida; *Viagens na Minha Terra*; Publicações Europa-América; 1972; p. 46

⁹³ Cfr. D' OLIVEIRA, Alberto; *Eça de Queiroz (Páginas de Memórias)*; Portugal-Brasil L.da Sociedade Editora; Lisboa, 1919; citado por Eduardo Lourenço in *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*; Gradiva Publicações, S. A.; 15.^a Ed.; Lisboa, 2019; p. 97

⁹⁴ LEAL, João; *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; p. 65

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ Ibid.; p. 85

⁹⁷ SOBRAL, José Manuel; Anthony D. Smith (1939-2016) in *Análise Social. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, 220, LI (3.^o), 2016; pp. 765-767

comprovasse⁹⁸. Era a apropriação de qualidades específicas da cultura popular, refundidas à escala nacional (objectificação); processo que culmina na monomania folclorizante do Estado Novo pela produção vernácula desde a cerâmica ao traje, passando pelo bordado, cestaria, mobiliário, ourivesaria (filigrana), rendas, tecelagem⁹⁹, e claro, a Arquitectura — súmulas inesperadamente vivas no imaginário colectivo (Figs. 4 e 5).

É nesta progressão de acontecimentos que o debate sobre a casa “portuguesa” se funda e evolui¹⁰⁰.

2.1.2 Convergência

“[...] a noção melancólica da impermanência das coisas, do aniquilamento como lei suprema, a que tudo se submete, transitou então para uma outra crença, a religião da saudade — que é ainda uma religião estética, mas de uma estética retrospectiva, que leva a paixão do belo, do bom, do consolador, pelo que foi e já não é.”¹⁰¹

Numa primeira fase — entre 1880 e 1909 —, a problemática move-se em torno de pressupostos e intenções. Adolfo Coelho começa por realçar a premência do estudo da habitação tradicional, elaborando até 1896 propostas notadamente imediatistas sobre a análise de formas e tipos, que, salvo na Etnografia — com António da Rocha Peixoto —, entorpecem. Não se sabe muito bem como ou porquê, o caso muda de figura depois que a questão é explorada por um indivíduo à partida estranho do assunto. Na “Notícia Descritiva e Crítico-Histórica” (1893) a respeito da grande estrutura octogonal Viseense — que hoje se sabe não ter ligação com Viriato —, Henrique das Neves acredita existirem características construtivas unas desta com outras congêneres (de Trás-os-Montes às Beiras). Estas ideias conseguem desde logo tal difusão, que ganham o alargado consenso da opinião pública e subscritores um pouco por todas as áreas¹⁰².

O ICP conhece as suas primeiras aplicações práticas no início do século XX — sobretudo com Raul Lino: Casa Roque Gameiro (1901); 4 Casas Marroquinas (1901/03); Casa do Cipreste (1914), por exemplo —, transformando-se rapidamente numa força de “aportuguesamento” da obra moderna inspirada na habitação popular. Para a crítica que ao mesmo tempo inçava dentro do Movimento, a adopção na cidade desse estilo unificador, além de contraditória, fazia vista grossa à diversidade arquitectónica que se admitia existir no país. No estágio final da contenda — a par de Abel Botelho e António da Rocha Peixoto —, o historiador e crítico de arte Joaquim de Vasconcelos produz a última investida contra o modelo único, todavia sem qualquer resultado aparente¹⁰³.

⁹⁸ LEAL, João; *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; pp. 91-93

⁹⁹ Cfr. DAMASCENO, Joana; *Museus para o Povo Português. O Museu de Arte Popular e o discurso etnográfico do Estado Novo*; artigo baseado na dissertação de Mestrado de História Contemporânea com o mesmo título, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2007; pp. 234-235

¹⁰⁰ LEAL, João; *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; p. 67

¹⁰¹ MORAES, Wenceslau de; *Nunca me senti plenamente feliz in Meditações*; Alma Azul; Coimbra | Alcains, 2009; p. 8

¹⁰² LEAL, João; *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; pp. 108-111

¹⁰³ *Ibid.*; pp. 112-115

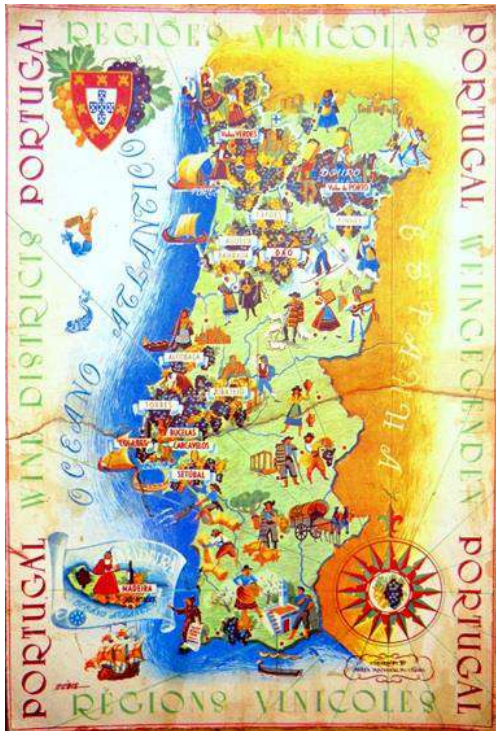


Fig. 4 - Mapa das Regiões Vinícolas de Portugal, 1938



Fig. 5 - Mapa Etno-musical de Portugal, 2014

2.1.3 Sistematização

“Quando, ao lado da ponte ou da estrada que lançamos para comodidade dos povos, reparamos o castelo ou o monumento, reintegramos a pequena igreja secular ou o mosteiro abandonado, alguns não vêem que trabalhamos por manter a identidade do ser colectivo, reforçando a nossa personalidade nacional.”¹⁰⁴



Fig. 6 - Casa na Serra do Caramulo, Raul Lino



Fig. 7 - Portugal dos Pequenitos

¹⁰⁴ SALAZAR, Oliveira; Discursos e Notas Políticas. III; 1938-1943; Coimbra Editora, L.da; pp. 402-403

Depois de circular incontestado na cena arquitectónica nacional durante cerca de nove anos, o MCP atinge outra significância com o livro “A Nossa Casa”, de Raul Lino. Aí, este propõe um modelo de traços formais por si identificados que “a preocupação dos que pretendessem construir ‘à antiga portuguesa”¹⁰⁵ deveria ter em conta. O alpendre é desde logo avançado como parte fundamental da casa, cuja cobertura era definida por um tipo muito específico de telhado — a partir do beiral até à chaminé —; os panos de parede caiados, ora a branco, ora a cores; ou ainda o seu revestimento previsto com azulejos¹⁰⁶ (Fig. 6). Evidentemente, Lino descreve características próprias duma Arquitectura relativa ao Sul de Portugal — que admirava —, todavia pelas suas condições geográficas não se observava, muito menos poderia reproduzir noutras regiões do país.

Sobre os apontamentos que determina, Raul Lino provavelmente até não tivesse querido criar um formulário teórico-prático de “boa conduta edificativa” — isso depreende-se na forma como se dirige, já em 1933, aos “jovens colegas das escolas portuguesas de Belas Artes [...]” na dedicatória de “Casas Portuguesas”: “[...] não para lhes ensinar coisas que decerto já sabem [...]”¹⁰⁷, mas levá-los, porventura, a reflectir e proceder sobre elas. Não é bem isso que ressalta ao longo do texto, no qual combina com o elenco de estereótipos construtivos do ensaio de 1918, e que no fundo compõe um formulário, outros aspectos. Ademais, a obstinação do arquitecto pelo assunto reaparece numa altura em que a casa “portuguesa” perdia sucessiva importância; materiais como o betão armado se generalizavam; e o Modernismo dava os primeiros passos na Arquitectura em Portugal¹⁰⁸. Logo, não estranha que o posicionamento que adopta face ao último seja tendencialmente desdenhoso, quando não mesmo provocatório: “O próprio moderno estilo *acéfalo*, com suas paredes sem cimalha, suas colunas sem capitel, seus pórticos sem coroamento [...]”, interrogando-se depois, “Que são as decorações que lembram casa de caldeiras, tolda de navio, câmara de submarino ou fábrica de cerveja [...] senão devaneios românticos de nova espécie?”¹⁰⁹. Ou seja, se por um lado não o subscrevia — ao Modernismo —, a rispidez no tom usado parece querer adivinhar uma certa convicção na diminuição de oportunidades directas de trabalho que o seu triunfo representava¹¹⁰ — muito mais inconveniente.

Em última análise, a actuação de Lino coincidia com a aprovação de um lapidário de intenções (Constituição de 1933) que substituiu a ideologia “liberal-democrata” da I República (1910/26) pelo corporativismo autoritário do Estado Novo — circunstância com a qual o movimento moderno não se vira inicialmente comprometido¹¹¹. Com a consolidação do regime anos mais tarde, esta tendência inverte-se e fixa-se, para toda a nova construção pública, um programa

¹⁰⁵ Cfr. LINO, Raul; Casas Portuguesas. Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples; Edições Cotovia; Lisboa, 1992; p. 71

¹⁰⁶ LEAL, João; Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; pp. 117-118

¹⁰⁷ Cfr. LINO, Raul; Casas Portuguesas. Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples; Edições Cotovia; Lisboa, 1992

¹⁰⁸ LEAL, João; Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; p. 119

¹⁰⁹ Cfr. LINO, Raul; Casas Portuguesas. Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples; Edições Cotovia; Lisboa, 1992; p. 79

¹¹⁰ LEAL, João; Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; p. 121

¹¹¹ *Ibid.*

estilístico muito próximo do formulário proposto por Raul Lino. Segundo o arquitecto Nuno Teotónio Pereira, eram estas as directrizes: “Para os grandes edificios públicos [...], uma monumentalidade retórica de raiz clássica [...]; nos edificios públicos de dimensão menor [...], elementos de raiz rural ou regional [...]”; e a misturar os dois, “modelos híbridos” monumentais, “mas utilizando vocabulário histórico ou regionalista [...]”¹¹². Do ponto de vista genérico, isto significava em parte o alargamento da aplicação do formulário da casa “portuguesa” a todo o tipo de programas edificativos que não apenas o habitacional, prolongando-se a sua “utilidade” estética até ao surto da Segunda Geração Modernista portuguesa, na década de 1950¹¹³.

É demais conhecida a influência que a máquina de propaganda do Estado Novo, o SPN (Secretariado de Propaganda Nacional) teve no desenrolar deste esforço, nomeadamente da atenção dada à cultura popular na sua génese mais cristalizadora/folclorizante¹¹⁴. Assim, já no seguimento da “diversidade arquitectónica” prevista no século XIX por António da Rocha Peixoto, entre outros — e por isso à revelia de um modelo único —, a casa “portuguesa” é a que se convencionou “típica” de cada região do país, inaugurando-se dela(s) os primeiros ensaios no núcleo das “Aldeias Portuguesas” do Centro Regional da “exposição do duplo centenário” (1940) — promovida pelo SPN —; e no conjunto miniatural de “Casas Regionais” do Portugal dos Pequenitos (1940), nitidamente inspirado em projectos de Raul Lino (Fig. 7). As privações de quem nelas vivia são vulgarmente aplacadas por outra “lógica” coisificada de que os pobres, porque alegremente conformados na sua condição, não precisavam aspirar a mais: “Pobrete, mas alegrete”, ouve-se ainda hoje. Difundida pelos meios de comunicação de massas (Rádio e Televisão), esta ideologia contamina vários formatos. No cinema visado pela “Inspecção-Geral dos Espectáculos” (censura), por exemplo, a personagem “Luisinha” (Milú) d’“O Costa do Castelo”¹¹⁵ (1943) entoa assim:

“Tudo podem ter os nobres
Ou os ricos de algum dia,
Mas quase sempre o lar dos pobres
Tem mais alegria [...]”¹¹⁶,

ou Amália Rodrigues no cancionero popular:

“[...] A alegria da pobreza
Está nesta grande riqueza
De dar, e ficar contente [...]”¹¹⁷

¹¹² Cfr. PEREIRA, Nuno Teotónio; *A Arquitectura do Regime 1938-1948 in AA. VV; Arquitectura do século XX. Portugal*; Prestel; Munique, 1997; pp. 36-37; citado por João Leal in *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; p. 121

¹¹³ LEAL, João; *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; pp. 121-122

¹¹⁴ *Ibid.*; p. 122

¹¹⁵ *O Costa do Castelo* [Registo vídeo]. Realização de Arthur Duarte. Sonoro Filme, 1943. (132 min)

¹¹⁶ Cfr. MELO, António; TAVARES, João Silva; *A Minha Casinha* [Registo sonoro]. Portugal, 1943

¹¹⁷ Cfr. AA. VV; *Uma Casa Portuguesa* [Registo sonoro]. Portugal, 1953

2.2 O Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa

2.2.1 Oposição



Fig. 8 - Apresentação do trabalho produzido pelo IARP a Salazar

O obstáculo que a casa “portuguesa” representava à produção arquitectónica livre — fortemente desejada sobretudo por uma nova vaga de arquitectos —, torna a figura de Raul Lino e a influência que este mantinha junto do regime “quase um inimigo a abater”¹¹⁸.

Passado algum tempo da celebração esquizofrénica dos oitocentos anos da nacionalidade pela Exposição do Mundo Português, começam a surgir os primeiros opositores “funcionais” à ideologia com que o Estado Novo não só compartimentava o gosto, mas também mascarava a miséria. Então com pouco mais de vinte e dois anos, Fernando Távora publica em 1945 um ensaio dividido em três partes no qual problematiza, contesta e renega a casa “portuguesa” à razão de “soluções reais e presentes”, indicando, entre outros aspectos, que “o estudo da Arquitectura portuguesa [...] não estava feito”¹¹⁹. Em Lisboa no ano seguinte, um colectivo de arquitectos cria o grupo Iniciativas Culturais Arte e Técnica (ICAT). Na sequência do texto crítico de Fernando Távora — que entretanto fora alargado e reeditado —, Keil do Amaral reforça-o com “Uma Iniciativa Necessária” (1947). Ainda no mesmo ano, mas já no Porto, forma-se, nos moldes do ICAT — e com o qual esta aliás se corresponde —, a Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM). Em 48 dá-se o I Congresso de Arquitectura Moderna, e em 49 sondava-se o Instituto para a Alta Cultura (IAC) justamente sobre a possibilidade da realização de uma pesquisa

¹¹⁸ Cfr. EUAC Colóquio 09: “Inquérito à Arquitectura Popular...”: Arq. Francisco da Silva Dias [Registo vídeo] in O Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa: 50 Anos Depois [em linha]. Escola Universitária das Artes de Coimbra; Coimbra, 2012. [consulta. 2021-05-26]. Disponível na Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=qZJCC-uYIQM&list=PL5DE45FDF928B14BE&index=9> (min 16:27)

¹¹⁹ Cfr. TÁVORA, Fernando; O Problema da Casa Portuguesa. Cadernos de Arquitectura n. 01; Lisboa, 1947; citado por Ana Motta Veiga in Revisitar Fernando Távora. Obra e Vida [em linha]. Wordpress, 2018. [consulta. 2021-05-28]. Disponível na Internet: <https://revisitavora.wordpress.com>

metódica fundada no confronto e recolha “*in loco*” da arquitectura popular em Portugal sob o seu mecenato. A partir de 1951 realizam-se algumas mostras dos escassos projectos modernistas que desafiavam o critério institucional, conquanto só em 1955 é que o SNA, por via do Ministério das Obras Públicas, recebe o apoio do regime¹²⁰. António Menéres conta que o subsídio decretado pelo Presidente do Conselho ascendia aos quinhentos contos, tendo o Ministro das Obras Públicas — Eduardo de Arantes e Oliveira — conseguido juntar-lhe, através do “fundo de desemprego”, outros cem (266 mil euros no total, “a preços de hoje”¹²¹). O valor em causa permitiu comprar meios de deslocação rápidos e leves — “lambretas” —, auferindo mensalmente cada arquitecto seis contos: três de ordenado e os sobrantes para “ajudas de custo” com gasolina, alimentação e alojamento, sem seguro. Considerando três mil escudos muito dinheiro “para rapazes tão novos” receberem em 1955, Salazar acabaria por lhes reduzir o vencimento a dois contos e oitocentos¹²².

Os levantamentos iniciam-se no decurso das “divisões geográficas” esboçadas anos antes por Orlando Ribeiro, com a repartição do Portugal peninsular em seis zonas correspondentes, respectivamente, ao Minho; Trás-os-Montes; Beiras; Estremadura; Alentejo e Algarve. Sobre elas recaíram os dezoito arquitectos seleccionados, organizados em “brigadas” de três elementos: um “arquitecto-chefe”, que coordenava as incursões e estabelecia a ponte com o SNA, e os dois outros “tirocinantes” (aprendizes), responsáveis pelo trabalho de campo propriamente dito. As equipas dispunham de um ano, a contar da data de publicação do Decreto-Lei N.º 40 349 (19 de Outubro de 1955), para apresentar os “resultados finais da investigação efectuada”¹²³, disposição posteriormente cumprida em 1958 na presença de Arantes e Oliveira e Oliveira Salazar (Fig. 8). Em suma o trabalho produzido, concretamente a diversidade construtiva observada à escala regional e local, desbancava o programa estilístico arrazoado numa incontestada unidade arquitectónica nacional, reduzida a tipos regionais, imposto até aí. Mais do que a variedade que se confirmava, identificaram-se os agentes que participavam nela: geográficos, climáticos, económicos, sociais, e assim por diante¹²⁴.

Apesar do génio pioneiro da empresa — se se quiser —, o IARP ficou um pouco aquém (excepto talvez na “Zona 2”) em matérias sociais e no alargamento dos objectos tratados quando comparado com o Inquérito à Habitação Rural (1942/47) — censurado precisamente pela forma imparcial com que expôs a falta de condições de habitabilidade no país, de norte a sul —, ou as pesquisas sucedâneas do Centro de Estudos de Etnologia — muito para lá de tipologias habitacionais. Entre outras, as construções dissecadas nas obras: “Tecnologia Tradicional

¹²⁰ LEAL, João; *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; pp. 167-169

¹²¹ Cfr. *Conversor monetário da Pordata* in Pordata. Base de Dados de Portugal [em linha]. Fundação Francisco Manuel dos Santos; 2021. [consulta. 2021-05-26]. Disponível na Internet: <https://www.pordata.pt/Portugal>

¹²² Cfr. EUAC Colóquio 03: “Inquérito à Arquitectura Popular...”: Arq. António Menéres [Registo vídeo] in O Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa: 50 Anos Depois [em linha]. Escola Universitária das Artes de Coimbra; Coimbra, 2012. [consulta. 2021-05-26]. Disponível na Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=pKUv2flaFBc&list=PL5DE45FDF928B14BE&index=3> (s 54)

¹²³ Cfr. Decreto-Lei N.º 40 349 in AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1*; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Lisboa, 1961

¹²⁴ LEAL, João; *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000; pp. 175-180

Portuguesa. Pisões Portugueses”¹²⁵ (1977); “Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho”¹²⁶ (1978) e “Tecnologia Tradicional Portuguesa. Sistemas de Moagem”¹²⁷ (1983) são disso, seguramente, as mais representativas.

Enfim, o contacto tão próximo com a arquitectura popular acabaria por “contaminar” a produção pessoal dos arquitectos — em especial do Norte —, sendo geralmente avançada nesse sentido a Casa Dr. Fernando Ribeiro da Silva [“de Ofir” (Figs. 9 e 10)], projectada por Fernando Távora decorria ainda o Inquérito.



Fig. 9 - Casa Dr. Fernando Ribeiro da Silva; Ofir, 1956/58



Fig. 10 - Casa Dr. Fernando Ribeiro da Silva, interior; Ofir, 1956/58

¹²⁵ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Tecnologia Tradicional Portuguesa. Pisões Portugueses; Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1977

¹²⁶ AA. VV; Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho; Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1978

¹²⁷ AA. VV; Tecnologia Tradicional Portuguesa. Sistemas de Moagem; Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1983

Capítulo 3 O Contexto

3.1 Circunscrição

3.1.1 Geografia

“It’s really a fantastic sight through that sextant. A minute ago, during that Auto maneuver, the reticle swept across the Mediterranean. You could see all of North Africa, absolutely clear; all of Portugal, Spain, southern France; all of Italy, absolutely clear. Just a beautiful sight.”¹²⁸



Fig. 11 - Planeta Terra a cerca de 182,500km, 1969

À superfície planetária, o Estado Português situa-se aproximadamente ao centro do Hemisfério Norte (entre a linha do Equador e o Ártico), no extremo mais ocidental do continente europeu (Fig. 11). Hoje, constitui-se pelos territórios “desiguais” de Portugal propriamente dito (peninsular) e dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, o Portugal insular. Contabiliza, na devida ordem, 88 500 km² no continente e as grandezas inferiores de 2400 e 800 km² nas ilhas. Perfazendo 91 700 km² de área emersa distribuída ao longo de cerca de 2300 km de este para oeste, e quase mil km do norte para o sul. A esta divisão aproximada (2 300 000 km²), da qual a maior parte é água, Portugal reivindicou, a partir da década de setenta, 1 700 000 km² com base nos “direitos de exploração, conservação e administração de todos os recursos que os Estados ribeirinhos possuem até 200 milhas da linha de costa”¹²⁹. Normas previstas nos artigos 55 a 75 da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (1982); abreviando, “Zona Económica

¹²⁸ Tradução livre do autor: “É mesmo uma vista fantástica desde aquele sextante. Há um minuto, durante a ‘Auto-manobra’, o retículo varreu o Mediterrâneo. Podia ver-se todo o Norte de África, absolutamente claro; todo Portugal, Espanha, sul de França; toda a Itália, absolutamente clara. Uma visão simplesmente bela.”; *The Apollo 11 Flight Journal. Day 2, part 1: Midcourse Correction* [Registo sonoro]. Estados Unidos da América, 1969 in *National Aeronautics and Space Administration* [em linha]. *NASA History Division*, 2020. [consulta. 2020-10-20]. Disponível na Internet: <https://history.nasa.gov/afj/ap11fj/05day2-mcc.html> (min 1485:35)

¹²⁹ Cfr. *ZEE* in *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa* [em linha]. Porto Editora; Porto, 2003-2020. [consulta. 2020-10-20]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$zee?uri=lingua-portuguesa](https://www.infopedia.pt/$zee?uri=lingua-portuguesa)

Exclusiva” [ZEE (Fig. 12)]¹³⁰. Desde 2009 que o Estado Português procura junto da “Comissão de Limites da Plataforma Continental” (CLPC) da mesma organização a extensão dessa plataforma, que, a ser reconhecida, em mais do que duplica a área vigorante.

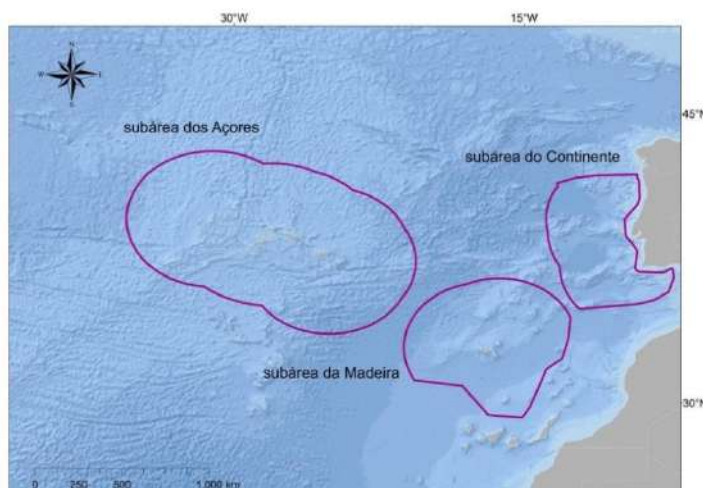


Fig. 12 - Zona Económica Exclusiva do Estado Português

3.2 Enquadramento

Desde meados do século XVI que a influência e o prestígio de Portugal — outrora à proa da vanguarda tecnológica, entre outros — declinaram e o seu posicionamento (até aí estratégico) assumiu uma dimensão periférica em relação aos grandes centros decisores. Nem mesmo séculos depois, sob a pegada da Revolução Industrial, se conseguiram minorar as distâncias físicas¹³¹ com que a dicotomia países do Norte/Sul embebe casualmente os discursos políticos, já no Projecto Europeu. Ainda assim, foi este “isolamento moderno” que ditou no passado Portugal ter-se feito ao mar.

3.2.1 Relevo

Reduzindo à Península Ibérica, há todo um conjunto de fenómenos cuja incidência se verifica muito para lá das fronteiras nacionais¹³². No tocante ao relevo, sabe-se que este depende da actuação da latitude, por sua vez responsável pelo número de horas de radiação solar, e pela duração das noites e dos dias a que o território está sujeito. Ora, conforme se afasta dos Polos a exposição aumenta, e se, como no caso de Portugal, o relevo acompanhar esse afastamento, então ainda maior se torna o curso e a intensidade da incidência da luz e do calor das terras altas para as terras baixas¹³³.

¹³⁰ DAVEAU, Suzanne; Portugal Geográfico; Edições João Sá da Costa; Lisboa, 1995; pp. 10-11

¹³¹ DAVEAU, Suzanne; Portugal Geográfico; Edições João Sá da Costa; Lisboa, 1995; p. 34

¹³² Ibid.; p. 41

¹³³ Ibid.; pp. 12-13

Mesmo quando a “fibra” cultural do povo português se distingue por uma forte perspectiva de unidade, o espaço habitado carece dela. Senão basta atentar-se no contraste Norte/Sul (Fig. 13), a partir do qual se reconhecem divisões inconfundíveis da corografia de Portugal. Enquanto a Norte a proximidade das cadeias montanhosas com a faixa litorânea explica a dimensão das unidades de relevo negativo (vales), a paisagem do Sul espraia-se larga e monótona, raramente interrompida por elevações¹³⁴.

Na zona de estudo em concreto, o relevo varia entre os 100/200 m ao longo das bacias do Aravil e Pônsul, na Beira Baixa, e os 1100 m no paralelo com os picos do Sistema Central português (na transição para a antiga província da Beira Alta).



Fig. 13 - Modelo Digital do Terreno de Portugal Continental

3.2.2 Clima

Do escalonamento latitudinal anterior, sucede, pois, o ritmo climático.

O clima resume-se nos valores médios de elementos meteorológicos específicos numa determinada região, durante um período mais ou menos longo de tempo (30 anos). De acordo com a “Organização Meteorológica Mundial” (OMM), é necessário que um elemento climático ocorra frequentemente no local apreciado, para que dele se torne representativo. A começar no primeiro ano de um decénio, cada trinta anos de medições — 1901/30, por exemplo — cumprem uma “Normal Climatológica”; não obstante normais climatológicas de períodos intercalares, suponha-se de 1971 a 2000 (a mais recente)¹³⁵.

¹³⁴ Ibid.; pp. 94-95

¹³⁵ *Classificação Climática de Köppen* in Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) [em linha]. Instituto Português do Mar e da Atmosfera, 2020. [consulta. 2020-11-24]. Disponível na Internet: <https://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/>

Com base na última revisão ao sistema de classificação climática por si desenvolvido (1936), Wladimir Köppen identificou cinco regiões do planeta Terra com tipos de clima diferentes: “Polar”, “Seco”, “Tropical Húmido”, “Temperado com Inverno rigoroso” e “Temperado com Inverno suave”¹³⁶. Em Portugal Continental o clima é maioritariamente temperado com Verão seco; quente numa parte da região transmontana e a sul do sistema Montejunto-Estrela (“Csa”); e suave ao longo de quase toda a costa, mas mais a Norte (“Csb”). No Baixo Alentejo surge ainda a ocorrência de Clima Árido [“BSk” (Fig. 14)]¹³⁷.

Em termos absolutos, o período de 1961/90 apresenta variações de temperatura da ordem dos 7° C no interior norte e centro, e 18° C no litoral sul; onde aliás se encontram, respectivamente, os valores mais altos e mais baixos de precipitação média anual¹³⁸.

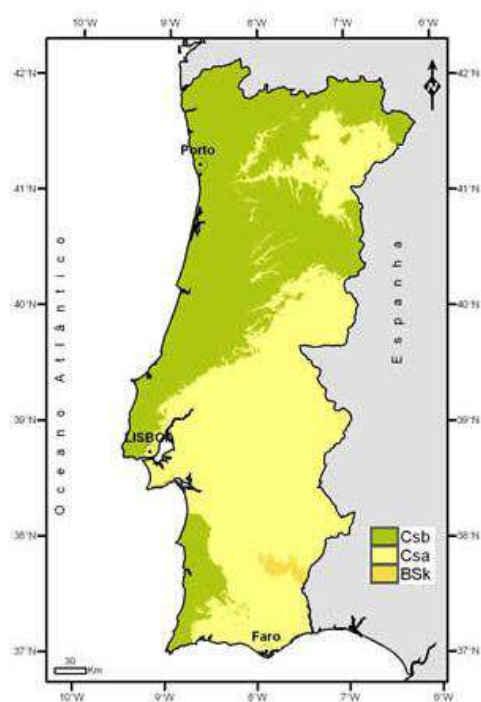


Fig. 14 - Classificação Climática de Köppen

3.3 Organização

À escala regional, Portugal organizou-se, desde sempre, em circunscrições com estatuto de província, cujo planeamento lembra, embora pouco tenham que ver, com as do país vizinho. Tradicionalmente, continuam a existir na memória colectiva seis divisões com nomes que

¹³⁶ *Clima de Portugal Continental* in Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) [em linha]. Instituto Português do Mar e da Atmosfera, 2020. [consulta. 2020-11-24]. Disponível na Internet: <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/>

¹³⁷ *Classificação Climática de Köppen* in Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) [em linha]. Instituto Português do Mar e da Atmosfera, 2020. [consulta. 2020-11-24]. Disponível na Internet: <https://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/>

¹³⁸ *Clima de Portugal Continental* in Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) [em linha]. Instituto Português do Mar e da Atmosfera, 2020. [consulta. 2020-11-24]. Disponível na Internet: <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/>

exprimem relações de lugar, e, em corolário, pertença: Minho, Trás-os-Montes, Estremadura, Beira, Alentejo e Algarve. Com a formulação distrital de 1836, entre outras reformas tais, o ordenamento provincial perdeu qualquer propriedade administrativa¹³⁹.

Em 2013 Portugal requereu alterações “substanciais” à sua estrutura administrativa¹⁴⁰. Desde a adesão do Estado Português à outrora “Comunidade Económica Europeia” (1986) que o território se organiza ao abrigo da NUTS. A Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos é um modelo criado em conjunto pelo EUROSTAT e os organismos de estatística de cada país, que serve de referência ao processamento de dados fundamentados numa divisão particular do espaço económico europeu¹⁴¹. É constituída por uma hierarquia com ordens diferentes de grandeza, em que as unidades de nível II e III são subdivisões das de I e II¹⁴².

3.3.1 Corografia



Fig. 15 - CAOP 2019 - Carta Administrativa Oficial de Portugal, NUTS II



Fig. 16 - NUTS III de Beiras e Serra da Estrela, Beira Baixa, Médio Tejo e Região de Coimbra

Assim sendo, as dezassete localidades do distrito de Castelo Branco na Zona 3 de APP, mais uma no de Coimbra, inserem-se na unidade territorial de nível II da Região Centro (Fig. 15), e distribuem-se pelas Entidades Intermunicipais (Fig. 16) de Beira Baixa (a laranja); Beiras e Serra da Estrela (a amarelo); Médio Tejo (a castanho) e Região de Coimbra [a verde (NUTS III)]. Destas quatro, apenas na de Beira Baixa se reconhece uma compreensão mais ou menos integral. Ou seja, porque se partiu sempre dela para as outras, não foram objecto da mesma abrangência. A maior parte das povoações estudadas contidas em Beiras e Serra da Estrela, Médio Tejo e Região de Coimbra situa-se na periferia da sua Entidade Intermunicipal (EIM) com a Beira Baixa.

Mas a Beira Baixa sobressai pela antiguidade de vestígios que compreendem a evolução do planeta Terra; pelas fronteiras naturais (Erges e Tejo) que afluem na delimitação de uma das nações mais

¹³⁹ DAVEAU, Suzanne; Portugal Geográfico; Edições João Sá da Costa; Lisboa, 1995; pp. 106-107

¹⁴⁰ INE, I.P.; As Novas Unidades Territoriais para fins Estatísticos; Instituto Nacional de Estatística, I.P.; Lisboa, 2015; p. 4

¹⁴¹ Ibid.; p. 3

¹⁴² Ibid.; p. 7

remotas da Europa; pela transição que apõe entre o Norte e o Sul; pela heterogeneidade do território, e, pessoalmente, por ser o espaço em que o autor habita¹⁴³.

¹⁴³ Das Pedras Fez-se Terra: Histórias da Beira Baixa [Registo vídeo]. Realização de Madalena Boto [em linha]. Paula Oliveira | Lx Filmes, Ocidental Filmes, 2019. [consulta. 2020-11-25]. Disponível na Internet: <https://media.rtp.pt/extra/estreias/das-pedras-terra-historias-da-beira-baixa/>

Capítulo 4 A Recolha

4.1 Nota Prévia

O trabalho de recolha que se introduz a seguir prolongou-se por seis meses, a começar na data do primeiro registo fotográfico, a 7 de Abril de 2018, até ao último, em 24 de Outubro. E foi sobremaneira limitado pela volubilidade das condições atmosféricas, que, mesmo em circunstâncias aparentemente favoráveis, comprometeram qualquer ritmo de deslocação diário, bem como a qualidade de algumas das imagens capturadas. Durante este período, inquiriram-se todas as localidades situadas em APP no distrito de Castelo Branco, mais uma, no de Coimbra (Fig. 17), complementadas por um conjunto de desvios de vária ordem — com interesse comprovado —, num total de 6755 fotografias, seis dezenas de desenhos à mão livre e mais de 2500 quilómetros percorridos.

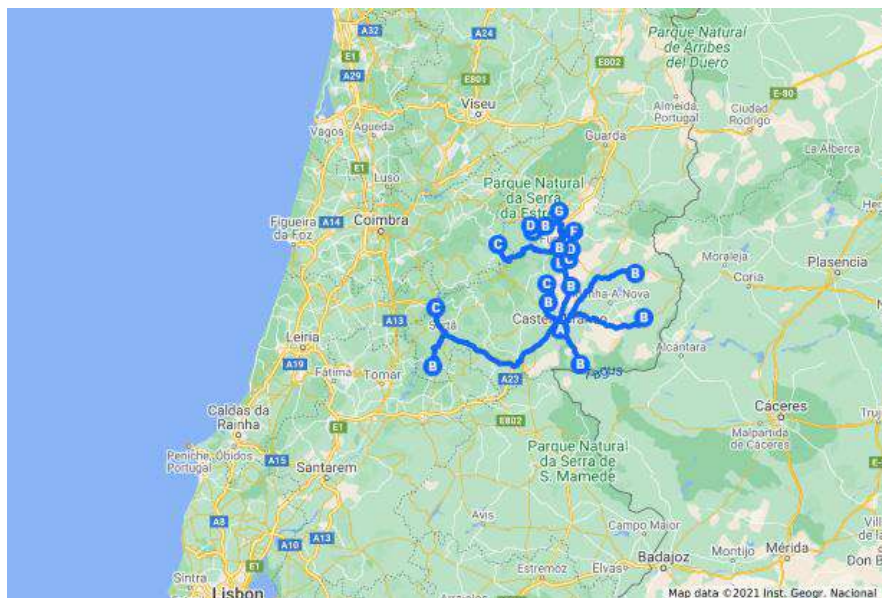


Fig. 17 - Esboço do trajecto percorrido

Por motivos óbvios, contrariamente ao que sucedeu com a amostra fotográfica recolhida ao longo do IARP, os exemplos que se encontram neste trabalho não foram seleccionados de entre outros “com menos interesse”¹⁴⁴, são, porventura, os únicos que ainda se podem observar nas regiões concertadas, variavelmente incólumes, seriamente adulterados, ou arruinados, em fase avançada de desaparecimento.

4.2 A Arquitectura das Beiras

Ao elencar-se o conjunto dos traços próprios da arquitectura regional “beirã”, estes são-no, em simultâneo, numa arquitectura portuguesa de maneira comprovada heterogénea¹⁴⁵. Conquanto

¹⁴⁴ Cfr. AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. XXV

¹⁴⁵ AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 241-334

se assinalam características potencialmente exclusivas ou singulares da zona de estudo, importa entendê-las como produto directo de um agrupamento mais vasto de combinações, cuja circunscrição, situação, predisposição climática, e assim por diante, resumem. Ou seja, a procura por caracteres transversais a quaisquer elementos da forma considerados típicos. É o caso do temperamento hermético com que, sobretudo os edifícios afastados dos grandes centros¹⁴⁶, povoam caminhos e lugarejos. Mas este “apuramento” — se se quiser — não colige com transformações, por assim dizer, “imediatas”; advém, como tantos outros, duma exposição prolongada a múltiplos estilos e vanguardas, e à sua maior ou menor persistência. O influxo do Românico, por exemplo, aliado às imposições do meio, poderá também ajudar a explicar a escassez de aberturas e a horizontalidade dominante (Desenho 1) perceptíveis na arquitectura popular de Portugal¹⁴⁷. Em detrimento da caiação, da telha de canudo, ou da varanda alpendrada, a espontaneidade dos volumes, robustos e de traçado simples na sua relação mais nuclear de escala/proporção, dominam o panorama¹⁴⁸.



Desenho 1 - Vista parcial sobre ruínas; Rua de Santana, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018

4.3 A Casa das Beiras

Apesar de Ernesto Veiga de Oliveira a situar na continuidade da habitação do Norte, a “casa popular típica da região beiroa interior rural”¹⁴⁹ — a que dedica um subcapítulo de tão-só três páginas em ATP — não se estabelece por via dela. Como se viu anteriormente, a diversidade de factores que contribuíram para o desenvolvimento de diferentes abordagens construtivas na zona das beiras, não permite vinculá-la, ainda que ligeiramente, com um agrupamento geograficamente tão disperso quanto o mencionado. Não obstante as semelhanças que as unem,

¹⁴⁶ Ibid.; p. 309

¹⁴⁷ Ibid.; p. 334

¹⁴⁸ Ibid.; p. 332

¹⁴⁹ Cfr. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; p. 147

e que se reconhecem; considera-se que a “Casa das Beiras” se distingue pela transição progressiva que incorpora entre a casa “Nortenha” e a “Sulista”.

Actualmente, o tipo habitacional predominante na área de estudo, descrito nas publicações referenciadas, já não conserva a mesma expressão. Contudo, devido aos vestígios que dele ainda se podem encontrar nos povoados, e às transformações a que foi sujeito, é esse que aqui interessa analisar.

Posto isto, as casas apresentavam quase sempre planta trapezoidal¹⁵⁰, distribuindo-se verticalmente em dois pisos: o térreo, destinado ao gado, *lojas* ou oficinas — cuja distinção hoje em dia facilmente se confunde — e o assoalhado, reservado à habitação no sentido próprio¹⁵¹ (Fig. 18). Até à vulgarização de materiais, quer fabricados, quer pré-fabricados industrialmente¹⁵², os panos de parede das edificações erguiam-se em alvenaria de pedra natural da região: granito, xisto ou ambos (nas transições), colocada em seco. E, menos expressivamente, adobe taipa e tabique, como se verá adiante em localidades respectivamente a sul e a norte da cidade de Castelo Branco.

As coberturas iam desde as mais simples, de duas águas, até às mais complexas, de quatro águas¹⁵³, sendo igualmente comum — em situações específicas — as de uma única água¹⁵⁴; com a particularidade de não existirem chaminés¹⁵⁵. Na sua maioria, os telhados eram revestidos por telha de meia cana (de canudo)¹⁵⁶ assente numa estrutura portante de madeira, sem qualquer tipo de travamento (*telhado valadio*)¹⁵⁷. Excepto talvez por pedras, colocadas a todo o perímetro da cobertura e junto à *cumeeira* — sobre o *imbricado* das telhas *caneira* e *cobertor* —, para as equilibrar e proteger da acção do vento e das enxurradas. A partir do século XIX, a telha de canudo começa a ser gradualmente substituída pela plana (marselha), uma vez que a sua morfologia a tornava mais prática e resistente, permitindo executar telhados com maiores inclinações¹⁵⁸.

O prolongamento parcial ou integral dos apetrechos da cobertura para lá dos *frechais* formava ainda uma espécie de *nártex*, apoiado sobre uma plataforma *sacada* (balcão) — feita da mesma alvenaria seca das paredes —, em prumos de madeira (Fig. 20), metal e reinterpretações populares de colunas de pedra Neoclássicas. Logo, a circulação estabelecia-se com frequência pelo exterior, acedendo-se sob o balcão (Fig. 19) às *lojas* ou oficinas — muitas vezes galinheiros¹⁵⁹ ou *furdões* —, e, subindo as escadas, à habitação. Os balcões alpendrados permanecem o elemento formal mais

¹⁵⁰ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos*; Lisboa, 2004; p. 243

¹⁵¹ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote*; Lisboa, 1992; p. 147

¹⁵² *Ibid.*; p. 368

¹⁵³ *Ibid.*; p. 147

¹⁵⁴ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos*; Lisboa, 2004; p. 295

¹⁵⁵ *Ibid.*; p. 243

¹⁵⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote*; Lisboa, 1992; p. 367

¹⁵⁷ TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa e BELÉM, Margarida da Cunha; *Diálogos de Edificação: Estudo de Técnicas Tradicionais de Construção*; CRAT; Lisboa, 1998; p. 96

¹⁵⁸ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote*; Lisboa, 1992; pp. 367-370

¹⁵⁹ *Ibid.*; p. 147

distintivo da arquitectura “beirã”¹⁶⁰ nas suas duas tipologias principais: os abertos, onde nos patamares se estiravam os cereais (para secar), a fruta (para amadurecer)¹⁶¹, e se passava o tempo. E com usos semelhantes, todavia num contexto de maior desafogo financeiro, os fechados, em que as armações de madeira se envidraçavam (envidraçados)¹⁶².

A parte interna da casa foi, porém, a que mais alterações sofreu ao longo do tempo.

Escasso de aberturas e apenas com o essencial para se sobreviver, o andar sobradado compunha-se, tão simplesmente: de um espaço comum (cozinha), cujo fumo da lareira onde se preparavam os alimentos enegrecia os interiores já de si sombrios e insalubres¹⁶³; alguns quartos pequenos (alcovas), partilhados e sem janelas¹⁶⁴; e por vezes uma sala, em contrapartida de aspecto mais cuidado e solene¹⁶⁵.

Para o *tardoz* das casas davam os quintais, onde se desenrolavam práticas subsidiárias da economia agrária. Aí curtiam-se o tojo e a palha das camas dos animais, que, a juntar aos seus dejectos (estrupe), serviam de adubo à terra dos cultivos¹⁶⁶. Nada era feito ao acaso ou de maneira que não se pudesse aproveitar.



Fig. 18 - Casa; Beco da Quelhinha nº4, Erada (Covilhã), 2018



Fig. 19 - Balcão alpendrado (pormenor); Beco da Quelhinha nº4, Erada (Covilhã), 2018



Fig. 20 - Balcão alpendrado (pormenor); Beco da Quelhinha nº4, Erada (Covilhã), 2018

4.4 Beira Baixa - “Campo”

Até recentemente, a província histórica da Beira Baixa compreendia três sub-regiões distintas a par da “constituição geológica”, ou do “revestimento vegetal”¹⁶⁷ de cada uma (Fig. 21). Após a reforma administrativa de 2013, essas mesmas divisões encontram hoje, por sinal, relativa correspondência com os limites das EIM que daí surgiram ou reorganizaram (Fig. 16).

¹⁶⁰ AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 232

¹⁶¹ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; p. 147

¹⁶² AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 232

¹⁶³ Ibid.

¹⁶⁴ Ibid.; pp. 232-244

¹⁶⁵ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; pp. 147-148

¹⁶⁶ AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 232

¹⁶⁷ Cfr. AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 222



Fig. 21 - Carta das Unidades de Paisagem (CUP) - Beira Interior, Maciço Central, Pinhal do Centro

A Beira Baixa actual constitui-se pelos territórios do “Campo”, e caracteriza-se por ser uma região predominantemente xistenta, cujo panorama a este e a merídio de Castelo Branco se humanizou através da exploração das culturas de sequeiro (trigo), montado e oliveira¹⁶⁸ (figura seguinte). Com o tempo, o abandono das terras, a sua conversão à indústria pecuária e o plantio de cultivos alóctones, vieram não só desencadear a perda de alguns dos usos que lhes estavam associados, como a própria regressão das qualidades no local.

Estas transformações são sobretudo de fácil aceção um pouco por todas as penelas que ocorrem ao longo da estrada N18-8, conforme em direcção ao Pônsul se vai afastando da malha urbana albicastrense.

Outrora espécies comparativamente menos recorrentes, mesmo assim bem disseminadas, o carvalho-negral e o castanheiro estão entre os exemplares cuja mancha florestal é, no dia em que estamos, quase insignificante¹⁶⁹. Para tal tendo possivelmente contribuído a propagação danosa de monoculturas altamente produtivas¹⁷⁰ como o eucalipto. Semelhante desaparecimento poderá estar também relacionado com o facto do frutescer sazonal de boleta e *lande* ter deixado de supor alimento às reses miúdas (nomeadamente a porcina), subsistindo apenas a extracção de cortiça ligada ao montado de sobreiro¹⁷¹.

Apesar disso, azinheiras, freixos, oliveiras e sobreiros continuam a ser as árvores que mais se avistam, chegando a conceder, entre outras, o nome a certas povoações do percurso atinente, a saber: Freixial e Sobral do Campo, ou foneticamente mais remota, Lardosa, de “Lauridosa [...] terra de louros [...]”¹⁷².

¹⁶⁸ AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 222

¹⁶⁹ Adufe. Revista Cultural de Idanha-a-Nova. 11 Julho/Dezembro 2007; pp. 15-17

¹⁷⁰ Ibid.; p. 17

¹⁷¹ Ibid.; p. 19

¹⁷² Cfr. *Lardosa* in Câmara Municipal de Castelo Branco [em linha]. Câmara Municipal de Castelo Branco, 2020. [consulta. 2020-06-02]. Disponível na Internet: <https://www.cm-castelobranco.pt/municipo/juntas-de-freguesia/lardosa/>



Fig. 22 - Paisagem característica; Monte de São Martinho (Castelo Branco), 2018

Num contexto paisagístico tão diverso, não surpreende, portanto, que a Arquitectura sumarie a expressão ritmada dos lugares, quilómetro a quilómetro (*Genius loci*).

A cerca de sete mil metros para SE da penha de São Martinho deteve-se no “vale dissimétrico”¹⁷³ que o rio vinca à sua passagem, onde embora a aspereza do granito ceda lugar significativo à plasticidade do xisto, é possível observar combinações efectivamente notáveis com outros materiais à disposição. No seguimento da antiga estrada para Malpica do Tejo sobressai um conjunto tal qual, juntamente com o xisto, se aprumam seixos rolados nos pequenos valados que cercam as propriedades e nas paredes das casas (Figs. 24 e 25), cuja proveniência tanto pode remeter para o leito do curso de água adjacente, como para o aproveitamento dos mesmos após a limpeza de um qualquer terreno agrícola¹⁷⁴. Por sua vez, a integração de tijolo burro no arruinado complexo moageiro mais acima (figura anterior) tende pelo aspecto contemporâneo que a mescla aparenta conferir ao aglomerado.



Fig. 23 - Ruína fabril; estrada N18-8 (Castelo Branco), 2018



Fig. 24 - Interior em ruínas (pormenor); junto à estrada N18-8 (Castelo Branco), 2018



Fig. 25 - Muro; Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018

¹⁷³ Cfr. RIBEIRO, Orlando; Opúsculos Geográficos VI. Estudos Regionais; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa, 1995

¹⁷⁴ BRANCO, J. Paz; Manual do Pedreiro; Laboratório Nacional de Engenharia Civil; Lisboa, 1981; p. 67

4.4.1 Malpica do Tejo¹⁷⁵

“Por cima se ceifa o pão
Ah por baixo fica o restolho,
Menina não se enamore
Ah do rapaz que *embisga* o olho [...]”¹⁷⁶

Todavia, chega-se a Malpica e é-se assaltado pela ténue impressão com que algumas das particularidades que extremam esta zona — dadas previamente como faltas — vivificam até agora. Ora um rebanho que por entre sobreiros se ocupa da erva tenra a despontar, ora um olival moribundo que por força de *trepôlos* se mantém rendoso; e o trigo, que, não sendo segado, moído e amassado, espontaneamente cobre as superfícies pouco acidentadas daqui e dali.

Esta é, também, uma característica comum a quase todos os sítios estudados, onde ressalta uma certa homogeneidade no risco, ou falta dele, desde já incompatível com a amplitude formal do edificado¹⁷⁷.

Quanto à estrutura, e percorrendo os seus largos e compridos arruamentos (Des. 2), Malpica do Tejo insere-se no dito “povoado de planície”¹⁷⁸, não apresentando, por isso, qualquer tipo de planeamento urbano. O casario implanta-se rumo aos terrenos agrícolas de forma orgânica e dispersa — dado a que a carestia produtiva dos solos xistosos e secos obrigava —, e que explica o baixo índice de concentração populacional. Além disso, prosseguindo pela Rua da Mina até ao extremo mais a sul do assentamento, na de Pires Correia, compreendem-se três momentos fundamentais do desenvolvimento morfológico da localidade: o primeiro, em torno da Igreja Paroquial (prática comum durante a Idade Média) — e em franca oposição se se considerarem aglomerados mais coevos de que importa destacar o caso das aldeias comunitárias —; o segundo, já no caminho ascendente (desembocando na praça de S. Pedro); e o terceiro a um deslocamento da povoação ao largo da estrada de acesso. Este último a par da actualização viária que há sessenta anos se vem operando desde o aparecimento dos grandes meios de transporte, em que as ruas e a construção não permitiam, quer alargamentos, quer a supressão de elementos formais como o balcão alpendrado¹⁷⁹.

¹⁷⁵ Cfr. Anexo II; ficha técnica 009-046

¹⁷⁶ Moda da Ceifa [Registo vídeo] in Cantadeiras Populares. Povo que Canta II [em linha]. RTP, 1972. [consulta. 2020-06-08]. Disponível na Internet: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cantadeiras-populares/> (min 16:35)

¹⁷⁷ AA. VV.; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 241

¹⁷⁸ Cfr. AA. VV.; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 264

¹⁷⁹ AA. VV.; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; pp. 231-273



Des. 2 - Rua Nova, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018

Ainda no que ao método aplicado respeita, alerta-se que outra orientação não houve senão uma estritamente geográfica, ou seja, com procedência em todas as ocasiões de Castelo Branco traçaram-se duas vias de actuação, respectivamente contendo o maior e o menor número de localidades, no sentido “sul-norte” e “este-oeste”. Destarte, foi completamente fortuito que, por deflectir tão consideravelmente do perfil habitacional descrito em “A Casa das Beiras”¹⁸⁰, se tenha recaído primeiro em Malpica do Tejo.

Estabelecida como “sub-região F”¹⁸¹ em APP, tê-la apodado Leite de Vasconcelos “Beira Alentejana”¹⁸² reforça a natureza transitória de uma área que mesmo incorporando muitos dos caracteres da seguinte (Alentejo), permanece beirã.

A princípio, a tipologia Malpiqueira distingue-se da mais vulgar na forma como as habitações se distribuem na vertical. A relação com os animais admite-se não tão próxima que lhes reservassem o térreo — tal como palha e alfaias agrícolas eram recolhidos em estruturas próprias (estábulos/palheiros), longe das casas¹⁸³. Todavia, supõe-se que aonde a pobreza assolava com maior intensidade, não era desusado abrigarem-se simultaneamente nessas construções famílias inteiras. Facto que alcança outra dimensão nas palavras de uma moradora entrevistada a propósito dos palheiros afrentados à Travessa do Lombinho¹⁸⁴: “Ali se criaram belos homens.”

¹⁸⁰ Cfr. Subcapítulo 4.3

¹⁸¹ Cfr. AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 242*

¹⁸² Cfr. AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 222*

¹⁸³ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 275*

¹⁸⁴ Cfr. Anexo II; ficha técnica 041-042

Desta feita, permitia-se o acesso pelo rés-do-chão, de onde desapareceram as plataformas alpendradas¹⁸⁵.

Foi dito anteriormente, o xisto é a pedra que prolifera por estas terras. Nos casos em que até agora se conserva o material despido de argamassas — note-se, que em Malpica são ainda vários —, ou os muito em voga revestimentos cerâmicos (em tudo estranhos à feição característica dos objectos), verificam-se duas artes de altear paredes: aquela que, pela dimensão generosa das peças de xisto permitia a sua sobreposição (Fig. 26), e, baseada na justaposição recta de *aparelhos* mais pequenos (*capeias*) formando um “espinhado”¹⁸⁶ (figura seguinte) a chamada *técnica do carril*, comumente aplicada no remate de muros, e em particular na edificação de *açudes* e moinhos de água.

Também em paredes identificou-se outro tipo de sistema construtivo, que à data sem grande conhecimento sobre o assunto pareceu ao autor adobe. Localizado na ponta sudoeste da aldeia, na Rua Prof. Doutor Manuel Alfredo Morais Martins, trata-se de um raro exemplar de terra, dos três únicos avistados em taipa em habitações¹⁸⁷. E, talvez por não exprimir uma presença de vulto na região, algumas publicações avancem apenas a sua crível ocorrência a norte do Alto Alentejo¹⁸⁸, enquanto outras nem chegam¹⁸⁹ a considerar uma delimitação mais inclusiva¹⁹⁰.

A significância da taipa propriamente dita, sucede, no entanto, da zona em que esta é praticada; quer-se dizer, ao passo que no Norte de Portugal a madeira empregue no processo cumpre um fim estrutural (taipa de *fasquio* e de *rodízio*), no Centro e no Sul o mesmo apetrecho é utilizado como molde (*cimbre*) de paredes autoportantes¹⁹¹.

Na figura subsequente, sobre um *soco* de xisto com uma *assentada*¹⁹² por taipal, observa-se um tipo de taipa homogénea muito xistenta, porém simples (sem argamassas). As juntas são perceptíveis e capeadas por escassilhos de tamanho considerável que se repetem significativamente na cumeeira.

¹⁸⁵ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 255

¹⁸⁶ AA. VV; *Os Muros-apiários da Região de Castelo Branco e Zona Envolvente*; Açafa On-line, N^o 3 (2010); p. 25

¹⁸⁷ Cfr. Anexo II; ficha técnica 022-023

¹⁸⁸ Cfr. CORREIA, Mariana; *Taipa no Alentejo*; Argumentum; Lisboa, 2007; p. 29

¹⁸⁹ Cfr. TAVARES, António Freitas; *Construção em Terra na Região Centro in Arquitecturas de Terra. Trunfos e Potencialidades Materiais e Tecnologia Lógica do Restauro Actualidade e Futuro*; Comissão de Coordenação da Região Centro. *Alliance Française* de Coimbra. Museu Monográfico de Conimbriga; Conimbriga, 1992; pp. 29-58

¹⁹⁰ Cfr. TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa e BELÉM, Margarida da Cunha; *Diálogos de Edificação: Estudo de Técnicas Tradicionais de Construção*; CRAT; Lisboa, 1998; p. 28

¹⁹¹ TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa e BELÉM, Margarida da Cunha; *Diálogos de Edificação: Estudo de Técnicas Tradicionais de Construção*; CRAT; Lisboa, 1998; p. 63

¹⁹² Cfr. TAVARES, António Freitas; *Construção em Terra na Região Centro in Arquitecturas de Terra. Trunfos e Potencialidades Materiais e Tecnologia Lógica do Restauro Actualidade e Futuro*; Comissão de Coordenação da Região Centro. *Alliance Française* de Coimbra. Museu Monográfico de Conimbriga; Conimbriga, 1992; p. 30



Fig. 26 - Casa; Rua Nova nº61, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018



Fig. 27 - Outão; Rua da Ruinha, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018



Fig. 28 - Parede em taipa; Rua Prof. Doutor Manuel Alfredo Morais Martins, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018

Nas frontarias das casas típicas (com o xisto aparente), não é estranho ainda encontrar as ombreiras e as vergas das portas e janelas guarnecidas a branco, conquanto em nenhum caso assinalado se continuem a ligar — supõe-se que à época reforçando uma qualquer ideia de simetria, ou contra pragas —, sempre que sobrepostas verticalmente as aberturas¹⁹³ (Fig. 29).

Outro elemento bem concebido, recorrentemente anexo às fachadas desta tipologia é o *poial* (banco de pedra raso), onde, na mesma tendência dos balcões alpendrados, se entretém dispersa e convive sentada a população envelhecida.



Fig. 29 - Malpica do Tejo, década de 1950



Fig. 30 - Aglomerado; Rua do Reduto, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018

Graças à D.^a Maria Edite, e porque chovia, foi possível compreender melhor quais as mudanças encetadas ao longo do tempo na parte das habitações — quer ocupadas, quer em ruína — a que, o mais das vezes, se tornou impossível chegar, o interior. Com efeito, para responder às

¹⁹³ AA. VV; *Arquitetura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 255*

necessidades contemporâneas dos novos grupos sociais, a “[...] compartimentação [...] de concepção feliz.”¹⁹⁴ tombada em APP pelos profissionais da Zona 3 alterou-se profundamente. Regressada às origens, depois de migrada alguns anos num grande centro urbano, o desembaraço financeiro permitiu-lhe adquirir a habitação gémina, onde, do primeiro piso, e derrubando a parede, cambiou a cozinha para o rés-do-chão (Fig. 33). Estabelecida essa ligação, profundou a sala comum sacrificando o nicho da loiça (*cantareira*), bem como o lugar das escadas interiores (figura anterior), levando agora aos quartos. Por outro lado, a introdução de uma instalação sanitária na habitação, ou aposta a esta, é vista como algo positivo no âmbito do processo de saneamento que facilitou criar condições para a higienização, entre outras, das gentes.



Fig. 31 - D.ª Maria Edite; Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018



Fig. 32 - Escada interior (pormenor); Rua Nova nº21, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018



Fig. 33 - Cantareira; Rua Nova nº97, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018

Nas traseiras das casas os pequenos redutos de produção à escala familiar deram espaço a bucólicas porções de terreno cobertas de vegetação rasteira e sem interesse, pois a agricultura e a criação de animais já não representam a base generalizada da vida local¹⁹⁵.

No entender do autor, as cantareiras marcam a componente formal definitiva da tipologia em questão. Acerca delas se pode acrescentar que as divisórias (prateleiras) nem sempre são de xisto — situações se palpam em madeira, rebocadas e caiadas. Da mesma maneira que, pela solenidade com que decoradas, parecem transpor a sua utilidade imediata (de louceiro), assemelhando-se a uma espécie de oratório da vida doméstica. Segundo a D.ª Conceição, encontravam-se tradicionalmente ladeadas por *cadeiras de ombreira*, dando a parte reentrante por *cantareira de dentro* e a protuberante — rodeada de frigideiras de metal (*caços*) e réstias de alhos ou cebolas — por *cantareira de fora*.

Em dias de festa era costume engalanar-se com os têxteis do *bragal* as paredes de casa, onde decorriam celebrações como o copo-d’água após um casamento.

Dignos de referência são, enfim, os orifícios nas portas por onde “os gatos iam aos ratos” (*gateiras*) — concretização que se opunha, como mencionado, à de uma relação promíscua com

¹⁹⁴ Cfr. AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 255

¹⁹⁵ Cfr. AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 226

os animais não tão evidente em Malpica do Tejo —; as tranquetas de aldraba (*bedelhos*)¹⁹⁶ e *pica-portas*¹⁹⁷; e a simplicidade das dobradiças¹⁹⁸ (Figs. 34 e 35) em que as mesmas entradas se rebatiam.



Fig. 34 - Gonzo; Rua de Pires Correia, Malpica do Tejo (Castelo Branco), 2018



Fig. 35 - Gonzo; Ar. Moura, década de 1950

Prosseguindo pela Rua de S. Bento atravessou-se o Monte de São Domingos¹⁹⁹ até Monforte da Beira em direcção à Zebreira. A meio do caminho, no Ladoeiro²⁰⁰, e mesmo antes, em plena estrada municipal 351, a construção transita novamente para a correspondência granito/xisto — a que se sobrepõe o primeiro —, pontuada, agora sim, pelo tijolo de adobe. Os registos seguintes tiveram lugar, na devida ordem, próximo à Capela do Espírito Santo e na Rua da Zebreira. Contudo, foi na “Quinta do Lameiro Cativo”, com o actual proprietário, que se apreendeu a técnica para aproximadamente reproduzir depois. Adquirida no rescaldo da Revolução de Abril pelo Sr. José dos Santos, o complexo agrícola comporta, fechado para a estrada, um edifício em banda com três núcleos (de cinco) em terra, que, de acordo com o próprio, ali se encontram centenários sem grande manutenção.

¹⁹⁶ Cfr. Anexo II; ficha técnica 014

¹⁹⁷ Ibid.; ficha técnica 241

¹⁹⁸ Ibid.; ficha técnica 035-036

¹⁹⁹ Ibid.; ficha técnica 047-051

²⁰⁰ Ibid.; ficha técnica 052-053



Fig. 36 - Outão em adobe; estrada M351, Ladoeiro (Idanha-a-Nova), 2018



Fig. 37 - Adobe (pormenor); Rua da Zebreira nº43, Ladoeiro (Idanha-a-Nova), 2018

O acto de preparação consiste na abertura de uma *represa* no chão (*adobeira*) a que se junta a terra do buraco cavado — se adequada —, ou, de preferência, *saibro* (mistura de areia e argila) com resteva, excreção animal (bosta) — na condição de ligantes —, e água. Daí, os compostos são *sovados* até originar uma pasta mais ou menos consistente (Fig. 38). Esta é, de seguida, estendida em fôrmas de madeira (*adobros*) de secção paralelepípedica nas dimensões aproximadas de 15x20x40, previamente humedecidas (Fig. 39). De um dia para o outro retiram-se-lhes os moldes e são colocados a secar ao sol por cerca de uma quinzena, sendo virados com frequência (Fig. 40).

Evidentemente, este era um processo — ao corrente da produção de telha — praticado sobretudo durante os meses de estio.

Logo que secos os tijolos colocavam-se sobre uma base em alvenaria de pedra (*soco*), distante do chão entre 30 e 50 cm, que protegia as primeiras *fiadas* dos agentes meteóricos (chuva) e de onde arrancavam as paredes²⁰¹. Muro acima as juntas eram preenchidas com cascalho — como se viu na taipa —, atenuando o *alaque* que da carga permanente deriva, consolidando-o.

Dependendo da aplicação, podiam ser deixados à vista (nos palheiros), ou capeados e caiados (nas habitações).

²⁰¹ TAVARES, António Freitas; *Construção em Terra na Região Centro in Arquitecturas de Terra. Trunfos e Potencialidades Materiais e Tecnologia Lógica do Restauro Actualidade e Futuro*; Comissão de Coordenação da Região Centro. *Alliance Française* de Coimbra. Museu Monográfico de Conimbriga; Conimbriga, 1992; p. 32



Fig. 38 - Preparação da massa, 2020



Fig. 39 - Colocação da massa no adobro, 2020



Fig. 40 - Tijolo de adobe à escala 1:2, 2020

4.4.2 Zebreira²⁰²

Na Zebreira a morfologia do assentamento pouco difere da descrita em Malpica. Acede-se à povoação pela estrada N240, que reparte o núcleo primitivo, a SE, e, ao longo da qual, a NO, se implanta um casario estruturado com maior rigor geométrico, formalmente menos interessante. Atentou-se por isso no primeiro, onde um olhar desafectado confirma a preeminência — discutível em ocasiões — do granito na construção (Fig. 41).

Foi aliás aqui, por entre *calejas*, que se reconheceu na toponímia dos lugares um recurso sensível para a compreensão de determinados aspectos a que, de outro modo, não se chegaria, ou tardaria chegar. É o caso reduzido, todavia assinalável, em que o termo que nomeia uma rua, adjectiva, na mesma medida, a coordenada geográfica para que esta se encontra orientada. Fala-se do topónimo “avesseira” — próprio do “que é voltado a norte, húmido e frio, onde não dá o sol”²⁰³ —, ou somente “fria”, em Alpedrinha, de Rua Fria²⁰⁴.

Semelhante na distribuição programática, semelhante nos elementos formais exteriores e interiores supracitados, a “tipologia habitacional” da Zebreira parece ensaiar, desta feita no primeiro andar, o fabrico da varanda alpendrada (Fig. 42). Contam-se salientes em relação à fachada vários exemplos, ora apoiadas sobre corpulentas *mísulas* de granito²⁰⁵, ora em balanço. Os alpendres erguem-se no seguimento da pendente do telhado, nenhum deles já seguro por *esteios* de madeira²⁰⁶.

De examinar o interior na forma correcta ficou-se, infelizmente, à distância de uma porta soaberta (Fig. 43).

²⁰² Cfr. Anexo II; ficha técnica 054-63

²⁰³ Cfr. *Avesseira* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto Editora; Porto, 2003-2020. [consulta. 2020-07-08]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/avesseiro>

²⁰⁴ Cfr. Anexo II; ficha técnica 176

²⁰⁵ Ibid.; ficha técnica 055-56

²⁰⁶ Cfr. *Zebreira* in OAPIX [em linha]. Ordem dos Arquitectos, 2011. [consulta. 2020-07-09]. Disponível na Internet: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1857.01.3/index.htm>



Fig. 41 - Prevalência do granito; Rua Eng. João Magro Romão, Zebreira (Idanha-a-Nova), 2018



Fig. 42 - Aglomerado (pormenor) - varanda; Rua Prof. António M. Romão n.º7, Zebreira (Idanha-a-Nova), 2018



Fig. 43 - Interior; Rua Capitão João Boavida n.º8, Zebreira (Idanha-a-Nova), 2018

No percurso de regresso para Castelo Branco, sob a Ponte de Pônsul (“Moinheca”), como uma nave espacial camuflada no panorama, desceu-se até um dos moinhos de água da margem esquerda do rio (a montante)²⁰⁷. A construção acha-se, também ela, na sequência dos palheiros referidos em Malpica do Tejo enquanto auxiliar da prática agrícola²⁰⁸, mas pré-industrial na sua génese, e com particularidades tipológicas que os tornam — aos moinhos — “suficientemente característicos como edifícios.”²⁰⁹. O moinho no desenho a seguir diz-se com a roda do engenho motor na horizontal, e de *rodízio* porque a água necessária para o colocar em andamento era desviada do caudal do rio através de uma levada. Se a torrente subisse inundando os rodízios este ficava inutilizável. Em contrapartida, a tipologia de submersão (*rodete*), adossada às paredes dos açudes, só funciona com o engenho impulsor submerso. É do sistema de rodízio, no entanto, que há mais traços na região.

O conjunto dispõe-se em alvenaria de pedra de xisto, justaposta em seco na técnica do carril, e em *falsa cúpula* na cobertura.

No interior, três mós andadeiras. A primeira em granito e as sobrantes numa pedra muito branca (calcário, provavelmente). A presença de outra *mó* à entrada da unidade leva a crer que o moinho possuísse dois “casais” — como de costume na zona —, embora apenas se tenham visto três cavidades dos rodízios²¹⁰. Duas *alveiras*, para fazer pão branco (de trigo), e duas *negreiras*, para fazer pão escuro (de centeio)²¹¹.

²⁰⁷ Cfr. Anexo II; ficha técnica 064-070

²⁰⁸ Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 224

²⁰⁹ Cfr. AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 257

²¹⁰ Cfr. Anexo II; ficha técnica 068

²¹¹ Adufe. Revista Cultural de Idanha-a-Nova. 10 Janeiro/Junho 2007; pp. 14-21



Des. 3 - Moinho de água; N240 (Castelo Branco), 2018

4.4.3 Monsanto²¹²

“[...] as casas coladinhas umas às outras parecem construções de miúdos, todas coladas, todas com a mesma janela, todas com uma porta também [...] e em que se dão recados de parede a parede.”²¹³

A NE deitou-se para a “Aldeia Mais Portuguesa de Portugal”, cuja eleição nos moldes ideológicos em que se consagrou, importa dizer-se, não surtiu qualquer tipo de constrangimento à realização de ensaios escritos e fotográficos pelos modernistas do IARP — como desacertadamente se avançou na efeméride dos cinquenta anos sobre APP, promovida pela EUAC²¹⁴. Porventura, são antes factores como a súbita imponência do meio, considerando a planura do território, que provocaram e continuam a provocar a feeria de que os olhos se enchem à chegada.

Nesta divisão, Monsanto é a única localidade em contexto montanhoso.

Isolada numa vertente cimeira do monte-ilha (*inselberg*²¹⁵), revela ocupação orgânica e concentrada. O que, não fosse pelo fenómeno de desertificação humana a que os lugarejos do Interior estão votados, resultaria numa convergência populacional de índice alto. Contrariamente ao que se possa pensar, esta situação nada teve que ver com a maninhez dos terrenos do sopé da montanha — e que de resto não se verifica. A proximidade espanhola (*raia*) num tempo marcadamente dúbio impunha que, por uma questão defensiva, se edificasse em pontos altos e

²¹² Cfr. Anexo II; ficha técnica 077-094

²¹³ Trás-os-Montes [Registo vídeo]. Realização de António Reis e Margarida Martins Cordeiro [em linha]. Centro Português de Cinema, 1976. [consulta. 2020-07-15]. Disponível na Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=lrLcALuZNA8> (min 63:01)

²¹⁴ Cfr. EUAC Colóquio 01: “Inquérito à Arquitectura Popular...”: Arq. José Manuel Pedreirinho [Registo vídeo] in O Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa: 50 Anos Depois [em linha]. Escola Universitária das Artes de Coimbra; Coimbra, 2012. [consulta. 2020-07-16]. Disponível na Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=2YHQI1va9IA&list=PL5DE45FDFQ28B14BE&index=1> (min 28:09)

²¹⁵ Cfr. Anexo II; ficha técnica 094

inacessíveis; dentro, ou junto de estruturas para o efeito (castelos)²¹⁶. Portanto, as ruas Monsantinas são admiravelmente estreitas, abruptas e labirínticas, ondeando pelo meio das fragas entre, sob e sobre as quais o casario se distribui (Fig. 44). Inevitavelmente, fundar o povoado nestas condições peou-lhe o crescimento e o núcleo original foi abandonado aos poucos, fixando-se na freguesia de S. Salvador (vila), mais abaixo²¹⁷. Ainda nos casos em que a disseminação automóvel potenciou a expansão viária dos sítios, em Monsanto parece ter causado o destino inverso. Se por um lado a ligou às localidades vizinhas, por outro tornou-se também mais fácil para os seus habitantes abandoná-la em busca de melhores condições de vida (emigração). Margarida Cordeiro e António Reis já dão conta desta realidade a certa altura na longa-metragem “Trás-os-Montes”: “Não fica ninguém! Ontem foi-se embora a senhora Mariana, amanhã quem será?”²¹⁸.



Fig. 44 - Vista parcial sobre a povoação; Miradouro do Largo da Barreira do Relógio, Monsanto (Idanha-a-Nova), 2018



Fig. 45 - "Aspecto parcial do aglomerado"; Monsanto, 1956

É, pois, incompreensível como Monsanto está reduzida a um título que há tantos anos encerra valores tão pouco contemporâneos como a pureza, quando, nas circunstâncias em que foi percorrida pelo autor, é — à revelia dos assentamentos eminentemente urbanos — dos povoados em que menos se observa unidade habitacional. O conjunto oscila entre volumes rentes ao chão, que não ultrapassam um andar, e os outros, cujo *gabarito* se lhes sobrepõe. Neste, há construções de balcão (variavelmente alpendrado); sem balcão; e, num primitivismo impressionante, aproveitando como abrigo, base ou encosto as grandes formações rochosas que a figura seguinte

²¹⁶ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 269

²¹⁷ *Ibid.*

²¹⁸ Cfr. *Trás-os-Montes* [Registo vídeo]. Realização de António Reis e Margarida Martins Cordeiro [em linha]. Centro Português de Cinema, 1976. [consulta. 2020-07-20]. Disponível na Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=lrLcALuZNA8> (min 103:52)

documenta. Do ponto de vista económico esta prática permitia aos construtores poupar elementos morfológicos (paredes/telhado) que os penedos assumiam²¹⁹.



Fig. 46 - Casa entre penedos; Rua dos Anoques, Monsanto (Idanha-a-Nova), 2018

Não faltou matéria-prima para edificar Monsanto. Desde os espessos aparelhos que compõe as muralhas da fortaleza, aos mais humildes objectos do quotidiano rural, o emprego do granito é outro dos aspectos que contribuiu decisivamente para o feitio particular da localidade. Em ocasiões atentamente *emparelhado*, foi, o mais das vezes, colocado em seco com dispensa de argamassa e cal a *afagar* os *paramentos*. Vestígios há, todavia, da última a guarnecer aberturas²²⁰.

Quiçá por se encontrar longe dos cursos de água — suspeição que as ruínas do moinho de vento na encosta oeste do assentamento reforçam —, a necessidade levou à escolha de sistemas de moagem alternativos que, adaptados ao espaço disponível e que a toponímia igualmente localiza (Rua da Atafona), consistiam numa roda *volante* e *dormente* (com rebordo), sobre dois blocos de pedra (*peanha*), accionadas verticalmente a braço por um cabo de madeira (*maiota*) entre uma tábua cravada na parede e a andadeira²²¹. O termo *atafona* designa os engenhos movidos a tracção animal, podendo estender-se a estas mós manuais rotativas (Figs. 47 e 48).

²¹⁹ AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 295

²²⁰ Cfr. Anexo II; ficha técnica 080-089

²²¹ AA. VV; Tecnologia Tradicional Portuguesa. Sistemas de Moagem; Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1983; pp. 34-36



Fig. 47 - Mó manual rotativa (pormenor);
Rua da Barreira Quebrada, Monsanto
(Idanha-a-Nova), 2018



Fig. 48 - Mó manual rotativa; Monsanto, 1938

Outro testemunho curioso da gestão agrária são as pocilgas ou furdas (Fig. 50), pequenos abrigos inteiramente em pedra seca, formados por um corpo de planta circular com embocadura para tão-só um animal, cobertos por falsa abóbada enterrada no *extradorso*; e uma barreira murada a cercar o espaço para onde a pocilga abre (*aido*)²²². Por fim, avistou-se na Rua da Lajinha uma superfície de pedra (figura anterior) similar a um banco e que imediatamente remete para os poiais de Malpica e da Zebreira. Segundo prova recolhida em entrevista a uma moradora, tratava-se, de facto, de um banco, mas de asados, que servia de pouso lavrado à base dos vasilhames que iam a encher de água às nascentes — ao fundo do arruamento encontra-se a Fonte Ferreiro.

Em Salvaterra do Extremo chamam-lhes *pitalhas* (pia das talhas).



Fig. 49 - Banco de asados; Rua da Lajinha,
Monsanto (Idanha-a-Nova), 2018

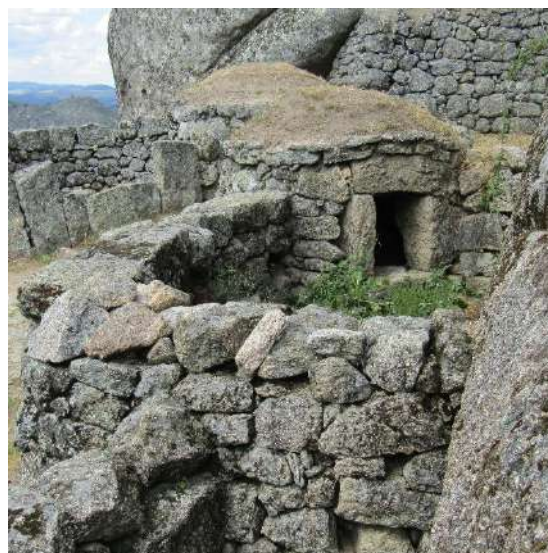
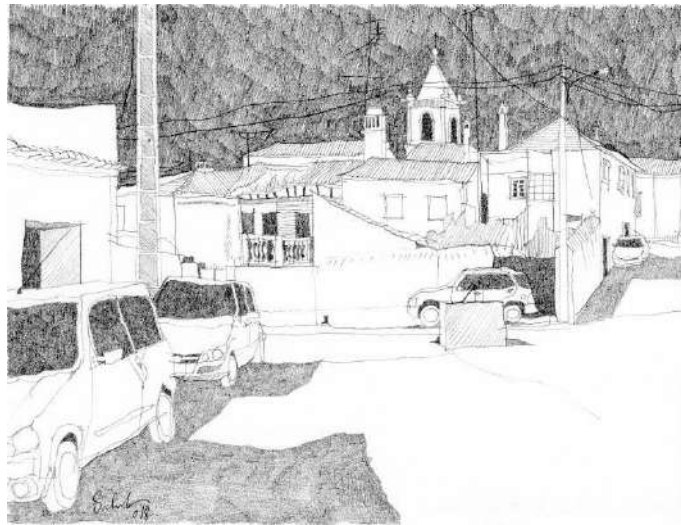


Fig. 50 - Pocilga (pormenor); Rua do Castelo,
Monsanto (Idanha-a-Nova), 2018

²²² AA. VV; Construções Primitivas em Portugal; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1969; pp. 145-187

4.4.4 Lardosa²²³

Porque o estado de coisas o facilita, chegou-se ao segmento Lardosa/Covilhã de comboio regional, que apeia ao lado duma frente edificada sem grande prodígio arquitectónico. É necessário avançar um pouco mais na povoação para começar a assimilar os seus níveis de desenvolvimento estrutural. Na Lardosa, e inédito até agora, foi o estabelecimento do caminho de ferro no século XIX — parte integrante da “Linha da Beira Baixa” — que provocou a primeira grande dilatação da aldeia, para este, e, ultimamente, na convergência da estrada N18 e da auto-estrada A23, para poente. Orgânico, o aglomerado de casas amontoou-se em redor de uma igreja (Des. 4), mas de forma menos disseminada que em situações relatadas. Esta concentração deve-se à fartura dos campos, libertos de agruras maiores, ao encontro dos quais os arruamentos não precisaram partir.



Des. 4 - Largo; Rua da Fonte Nova, Lardosa (Castelo Branco),
2018

Guiado o autor pela D.^a Ana Maria numa área balizada entre a Superfície de Aplanção de Castelo Branco e a falda montanhosa da Serra da Gardunha — para Orlando Ribeiro a delimitação física ante “as serranias que, pelo Norte, barram o horizonte próximo e o planalto a que não se vê o fim”²²⁴, meridionalmente —, predominam as alvenarias de granito rebocadas. A horizontalidade continua a imprimir uma certa timidez na construção, que, ainda assim, é abundante nas configurações de andar²²⁵. Tendo por base localidades anteriores, no programa habitacional da Lardosa tampouco se nota a acomodação dos animais no piso térreo e a varanda alpendrada ocorre, como na Zebreira, desfasada em relação às paredes dos edifícios — sacada — (Des. 5), posicionando-se por vezes ao mesmo nível.

Na Rua da Fonte Nova foi possível compilar um relato mediatamente insignificante, mas que é revelador do espírito crítico que os populares têm sobre o seu património, insurgindo-se há uns

²²³ Cfr. Anexo II; ficha técnica 095-110

²²⁴ Cfr. RIBEIRO, Orlando; Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo Geográfico; Coimbra Editora; Coimbra, 1945; p. 227

²²⁵ Cfr. Anexo II; ficha técnica 097

anos contra os empreiteiros que, repavimentando com cubos (“paralelos”) a calçada, ameaçavam destruir um banco de pedra que aqui dá pelo nome de *pedrão*²²⁶.



Des. 5 - Casa; Largo Dr. José A. Coelho, Lardosa (Castelo Branco), 2018

Sensivelmente até Alpedrinha a importância da água no abastecimento das populações é bem patente nos “equipamentos” que se espalham de forma significativa nesses povoados e que vão desde rudimentares carreiros esculpidos nas rochas — levadas — (Fig. 51), a aparatosas fontes encastradas nos flancos dos largos (Fig. 52). Na Lardosa, registam-se bem conservados dois exemplares de fontes cobertas, na tipologia de *chafurdo* ou *mergulho* — que consistem num furo pouco profundo, sem bica, resguardado com anteparos e arco de volta perfeita, onde se mergulhavam as vasilhas (daí o nome) —, ladeadas por *bancos de asados* (Fig. 53)²²⁷.



Fig. 51 - Levada (pormenor); Azinhaga da Lagariça, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018



Fig. 52 - Chafariz D. João V; Praça dos Paços do Concelho, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018



Fig. 53 - Fonte de chafurdo ou mergulho; Rua da Fonte Coberta, Lardosa (Castelo Branco), 2018

²²⁶ Ibid.; ficha técnica 096

²²⁷ Ibid.; ficha técnica 103-106

4.4.5 Freixial do Campo²²⁸

Nas extremidades da planície recaiu-se fora da lógica de deslocação nas aldeias do Freixial e Sobral (para oeste) a rematar o Campo. Implantado no meio caminho entre Juncal e Tinalhas, Freixial do Campo manifesta o último factor identificado no percurso que concorreu para a estruturação dos lugares — sustentadamente formados depois do medievo —, e que vingaram ao longo das estradas que ligam outras terras²²⁹ (Fig. 54).

Com os panos de parede a descoberto, granito e xisto emparelham-se na mesma medida (Fig. 55), confirmando-se a presença numa zona de transição, em razão disso, “plena”. *Ombreiras*, *padieiras* e *contra-vergas* eram executadas de preferência em granito²³⁰ reforçando igualmente nos *cunhais* o aprisionamento do outro, mecanicamente mais instável²³¹. Em ATP, as propriedades dos materiais são apontadas como um indício para que a generalidade dos edifícios não excedesse dois andares, o que necessariamente lhes conferia maior solidez. Formalmente, esta disposição remonta ao tempo “[...] em que os homens dormiam por cima do local onde os animais ficavam de noite, para melhor os guardarem [...]”, concentrando “[...] o seu reduzido mas complexo mundo agro-pecuário sob o tecto da própria casa em que habitavam.”²³². À repetição se deve a chegada desta e doutras determinações aos nossos dias. Pese embora, factores de ordem climática que a condição social, aliada à restrita economia de meios, dificilmente terão conseguido suprir na época; pois com o calor exalado da criação por entre as físgas das pranchas irregulares do soalho se aqueciam os donos por cima²³³.

Nos arredores da povoação, numa quelha para os lados da Rua do Poço Novo, acedeu-se ao edifício na figura seguinte, cujas assoalhadas incólumes permitiram saciar a vista do querer que se tinha em analisar a cozinha da região presencialmente.



Fig. 54 - Rua da Igreja, Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018



Fig. 55 - Parede (pormenor); Rua do Ceringas, Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018



Fig. 56 - Casa; quelha entre a Rua do Poço Novo e a estrada M550, Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018

²²⁸ Ibid.; ficha técnica 111-126

²²⁹ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 272

²³⁰ Cfr. Anexo II; ficha técnica 124-126

²³¹ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 281

²³² Cfr. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; p. 362

²³³ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; pp. 288-289

À entrada um pequeno vestíbulo separa a diminuta alcova sem janela, que intercomunica com a sala comum, do compartimento onde se preparavam as refeições. Atravessando-o, as paredes de *tabique* perdem a alvura da *argamassa de cal*, até que completamente tintas da *fuligem* da lareira na cozinha. Para quem construía fechando o máximo possível das habitações aos elementos, rasgar uma chaminé no telhado significava ter de lidar com perdas térmicas superiores, a que toda essa área, por não se revestir, já estava aliás sujeita. Assim o calor da fumaça permanecia mais tempo no interior da divisão, filtrada gradualmente pelo imbricado das telhas²³⁴. Por razões óbvias, o local no chão onde se acendia o lume — a *pedra do lar* — desencontrava-se do tabuado da laje de piso (Figs. 57 e 59) arrancando do rés-do-chão a um canto da casa²³⁵. Em nenhum caso se observou o forno de cozer o pão na cozinha. Testemunho notável da coesão social em que se vivia, na Beira Baixa cada localidade possuía o seu (comunitário), de que toda a gente se servia.



Fig. 57 - Vestíbulo; queilha entre a Rua do Poço Novo e a estrada M550, Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018

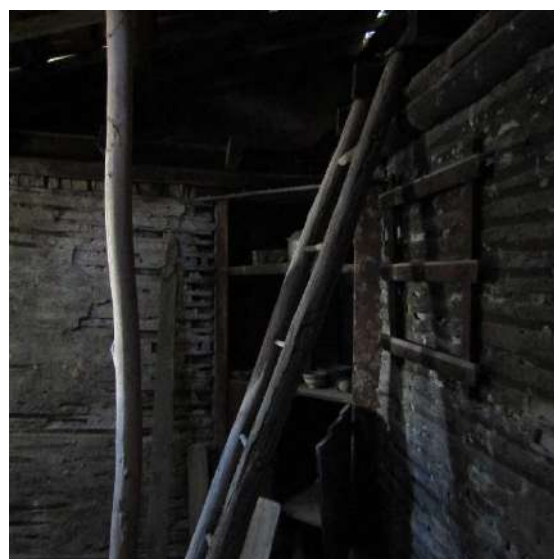


Fig. 58 - Cozinha (pormenor); Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018



Fig. 59 - "Cozinha, mostrando a lareira com chaminé e o preguiceiro ao lado, e o forno do pão"; Celorico de Basto, Tecla



Fig. 60 - Francela; Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018

²³⁴ Cfr. Trás-os-Montes [Registo vídeo]. Realização de António Reis e Margarida Martins Cordeiro [em linha]. Centro Português de Cinema, 1976. [consulta. 2020-08-04]. Disponível na Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=lrLcALuZNA8> (min 103:06)

²³⁵ Cfr. Anexo II; ficha técnica 122

A importância do forno chega a ser tal, que, não raro, se organizavam assentamentos inteiros ao seu redor, como na aldeia abandonada de “Pomar” — localizada em 40.073908, -7.072810 —, perto de Penha Garcia.

De maneira quase anedótica, dentro da cozinha, uma escada móvel de madeira levava ao sobrado (Fig. 58); no cimo, a “despensa” doutros tempos²³⁶. E com pouco mais se apetrechava o espaço. O mobiliário era escasso e tosco, mas também ele com um forte sentido prático a que o engenho na execução sobre-elevava. A juntar à escada de madeira identifica-se um louceiro de canto (*cantoneira*); a grade da louça, e arrumada sobre a lareira uma mesa de fazer queijo — *francela* (Fig. 60).

Talvez porque ainda não se enquadrem nas colecções doutros museus — que só os etnográficos e os municipais —, ao mencioná-los se lhes esteja fazendo melhor justiça.

Do Freixial procurava-se especificamente um conjunto que, a sê-lo necessário, por si apenas resumiria muito do que até aqui já se disse. Mas só com as juras da D.^a Maria — que em miúda gastou as brincadeiras no balcão das casas da Fig. 61 —, se ponderou a sequente como representação do “mesmo”, sessenta e três anos depois. Até então não era ainda clara a influência que a Revolução Industrial, entre outros agentes exteriores, estavam exercendo na criação de protótipos com valor regional²³⁷. Na relação com o meio, à semelhança das “casas de brasileiro”, o desajuste formal das de “emigrante” traduz as oscilações no gosto das pessoas que, regressadas do estrangeiro após uma vida de trabalho e cujo acesso facilitado a novos materiais de construção romperam — sob desejos de afirmação pessoal — com tradições construtivas reproduzidas desde sempre nos povoados, descaracterizando-os.



Fig. 61 - "Casas com varanda orientada a sul";
Freixial do Campo, 1955



Fig. 62 - Casas de emigrante; Largo da Igreja nº11,
Freixial do Campo (Castelo Branco), 2018

²³⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; p. 148

²³⁷ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos*; Lisboa, 2004; p. 257

Sobre as primeiras escreveu mordazmente Camilo: “[...] um palacete de azulejo côr de gema de ovo, com terraço no teto para quatro estátuas simbólicas das estações do ano, e dous cães de bronze, em baixo, sôbre as ombreiras do portão de ferro, com as armas fundidas, de saliências arrogantes, entre os dous molossos de dentaduras anavallhadas, minazes, como todos os bichos da heráldica.”²³⁸

Difícilmente se podem equiparar, mas não deixa de ser interessante como as “casas de brasileiro” retrataram, a dada altura, “casas de emigrante”, classificadas e com interesse público nos nossos dias.

4.4.6 Sobral do Campo²³⁹



Fig. 63 - Rua da Santa Cruz, Sobral do Campo (Castelo Branco), 2018



Fig. 64 - Casa; Rua da Santa Cruz nº11, Sobral do Campo (Castelo Branco), 2018



Fig. 65 - Interior; Rua da Santa Cruz nº11, Sobral do Campo (Castelo Branco), 2018

A onze quilómetros dali, no Sobral do Campo, pouco mais há a acrescentar. Dir-se-ia provavelmente alguma coisa das varandas alpendradas; que é de madeira o único exemplar avistado²⁴⁰, e que em razoáveis condições se mantém enquanto não aparece novo dono que o derrube. Mas falar-se-á delas com maior propriedade adiante, onde sobejam.

Ao largo da Igreja Matriz, em baixo, e da Capela da Santa Cruz, a um topo da localidade²⁴¹, o assentamento mete por ruas dilatadas e compridas (Fig. 63), com grandes quintais que confrontam organicamente as casas pelo tardoz. Atentou-se no número onze da Rua da Santa Cruz (Fig. 64), outra configuração de andar, cuja implantação aproveitou o pendor natural do arruamento para, numa cota inferior, resolver o piso térreo. O programa organiza-se nos moldes supracitados, sendo a escada que sobe para a despensa, fixa, ao invés de móvel, e as portas pintadas num vermelho vibrante (Fig. 65) — não se sabe se rasgo de individualidade —, indício aparente das deslocações possíveis dos moradores desta casa.

²³⁸ BRANCO, Camilo Castelo; Eusébio Macário; Livraria Chardron, de Léo & Irmão, Editores; 6.ª Ed.; Porto, s/d; p. 50

²³⁹ Cfr. Anexo II; ficha técnica 129-158

²⁴⁰ Ibid.; ficha técnica 142-143

²⁴¹ Ibid.; ficha técnica 129

No encaço da estrada para o Tripeiro fica o “Bairro dos Espanhóis”, um aglomerado de gente em tempos fortemente escarnecida pela população devido ao seu jeito de falar macarrónico, que ali *assentou arraiais*. Lamentavelmente, não houve maneira de provar se por essa razão tornaram costas aos vizinhos. Em todo o caso, cabe a hipótese de algo tão simples como o teor das relações interpessoais actuar no desenvolvimento urbano.

4.5 Beiras e Serra da Estrela - “Cova da Beira”

A antiga sub-região da “Cova da Beira” estende-se para trás da Gardunha até aos grandes picos do Sistema Central português, com a Serra da Estrela a dominar o panorama. Divididos pelo curso do Rio Zêzere, os terrenos desta zona adivinham-se muito férteis, outrora pouco arborizados, adequados à lavoura dos cereais e ao pastoreio, maioritariamente, de gado lanígero²⁴². Actualmente, a mancha florestal de Beiras e Serra da Estrela converge facilmente com a da Beira Baixa, pela propagação descuidada que verifica, o incentivo ao cultivo de espécies que rapidamente se tornaram — sobretudo onde crescia apenas, bem disseminada, vegetação rasteira — idiossincrásicas da região (cerejeira), e a redução violenta nos rebanhos para cerca de um oitavo da totalidade avançada por Orlando Ribeiro (40.000 cabeças)²⁴³, quando confrontada com os números sem detalhe de Ricardo Esteves em 2018 na Erada.



Fig. 66 - Ricardo Esteves; Erada (Covilhã), 2018

4.5.1 Alpedrinha²⁴⁴

“Estranha terra esta. A estrada passa-lhe ao pé, corta-a pelo meio, e contudo é como se passasse entre dois muros que nada deixassem ver. Não faltam povoações escondidas, mas esta Alpedrinha é secreta.”²⁴⁵

²⁴² RIBEIRO, Orlando; Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo Geográfico; Coimbra Editora; Coimbra, 1945; p. 98

²⁴³ Cfr. RIBEIRO, Orlando; Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo Geográfico; Coimbra Editora; Coimbra, 1945; p. 137

²⁴⁴ Cfr. Anexo II; ficha técnica 159-183

²⁴⁵ SARAMAGO, José; Viagem a Portugal; Porto Editora; Porto, 2016; p. 270

Contrariando a sequência geográfica dos lugares foi-se primeiro a Alpedrinha, onde se deu, pela serra, com a trajetória a pé para Castelo Novo. A cerca de um quilómetro da localidade saiu-se na estação de caminho de ferro, cujo sucesso passou igualmente despercebido à malha urbana de Castelo Novo e Alcaide, cada qual alcantilada em seu cabeço (Fig. 67) — aonde o comboio não chegava. Afrentada ao edifício dos Passos do Concelho, em torno do símbolo da autonomia local (pelourinho²⁴⁶), a vila concentra-se, de forma orgânica, no sopé da encosta. Das bolsas graníticas que no contexto de montanha afloram se extraíram e talharam, com a precisão variável decorrente da finalidade, as pedras que levantaram Alpedrinha. O despique no trabalho da alvenaria é, aliás, tão evidente na área, que provavelmente só em Castelo Novo encontra paralelo: ora em seco se empilham como ossos os aparelhos de um valado (Fig. 68), ora com rendilhados eruditos se lavraram as pedras de chafarizes e palácios (Fig. 69). Talvez por isso lhe tenha chamado “secretá” Saramago, Alpedrinha não se dá ao transeunte. Percorrendo-a mesmo, praticamente deserta, os grandes edifícios nobres e religiosos, ou duma qualquer classe média rural, — que aqui bem podia ter existido — destoam, como que estranhos ao lugar, tão humilde e aparatosa de repente.



Fig. 67 - Vista geral sobre a povoação; Rua da Estação, Alpedrinha (Castelo Branco), 2018



Fig. 68 - Parede em osso; Rua Maria Rosa Barata Parteira, Alpedrinha (Castelo Branco), 2018



Fig. 69 - Vista parcial sobre o Chafariz D. João V e o Palácio do Picadeiro; Rua António José Salvado Motta, Alpedrinha (Castelo Branco), 2018

A quase toda a extensão da estrada de acesso à localidade, a mesma que a “corta pelo meio”, é-se como que saudado pelas varandas do tipo habitacional que ainda resistem, abertas de par em par para o Campo. Porquanto não só ausências formais (chaminé) tenham derivado, sobretudo no Inverno, da severidade climática. Em oposição, as varandas alpendradas parecem verdadeiros coadores de luz, postas a uma face do edifício, corroendo-o, por vezes. Idealmente, orientavam-se para o quadrante com maior exposição solar durante o dia (SO), resguardadas das massas de ar predominantes. Quando a implantação desfavorecia viravam-se para qualquer parte do sector SE²⁴⁷. Não é descabido relacionar que assim se procedia também porque não havia fornecimento eléctrico, e enquanto a serventia da lareira gastava lenha, a luminosidade e o calor do sol estavam, sempre que o estado de coisas o permitisse, à disposição²⁴⁸.

²⁴⁶ Cfr. Anexo II; ficha técnica 178

²⁴⁷ Ibid.; ficha técnica 167-175

²⁴⁸ AA. VV.; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos*; Lisboa, 2004; pp. 289-291

Mas as varandas não são o elemento formal mais distintivo da arquitectura “beirã” apenas por traduzirem um propósito funcional. No limite, ultrapassam-no o desvelo colocado pelos construtores para as valorizar, e que, discutivelmente, atingiu o seu ápice no Paúl.

O que delas sobra em Alpedrinha é mais uma visão ecléctica e deformada (Fig. 70) daquilo que foram (Fig. 71).



Fig. 70 - Aglomerado; Rua Francisco Sá Pereira, Alpedrinha (Castelo Branco), 2018



Fig. 71 - "Casas com varandas"; Alpedrinha, 1956

Num dos lados a que o Chafariz D. João V foi encaixar começa a desenhar-se um arruamento cujo calçado fora do comum leva, pensava-se inicialmente tão-só desde o Palácio do Picadeiro até à Capela de S. Sebastião. Ora, contornando-se a ermida, esta suposição resvala perante quase duzentos metros de estrada Romana que o viaduto de acesso ao Túnel da Gardunha interrompe. Como havia conhecimento das rotas da transumância associadas a este tipo de percursos (*canada pastoril*²⁴⁹), meteu-se serra acima ao encontro de construções que reflectissem a permanência sazonal das ovelhas e dos seus condutores na montanha. A via retoma depois da ponte e são mais mil e duzentos metros de vereda bem pavimentada²⁵⁰ que termina sensivelmente no confronto da freguesia de Alpedrinha com a de Alconçosta.

Já na cumeada, a vegetação é reduzida, e o território, mais céu do que terra, desdobra-se numa manta de *geoformas* muito interessantes (Des. 6). Continuou-se por caminhos de terra batida — não menos nobres —, onde, cinzeladas pelo tempo, vão aparecendo *ruínas acasteladas*²⁵¹, *pedras boroas*²⁵², *pias*²⁵³, *blocos pedunculados*²⁵⁴, entre outras. Somente na descida para Castelo Novo

²⁴⁹ Cfr. AA. VV; Rota da Lã Translana. Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e *Comarca Tajo-Salor-Almonte* (Espanha). Vol. I Reconhecimento e valorização patrimonial; Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior; Covilhã, 2008; p. 394

²⁵⁰ Cfr. Anexo II; ficha técnica 184

²⁵¹ Ibid.; ficha técnica 185

²⁵² Ibid.; ficha técnica 187

²⁵³ Ibid.; ficha técnica 192

²⁵⁴ Ibid.; ficha técnica 193

se deu com os primeiros resquícios das construções ideadas. Próximo de uma pequena habitação arruinada, sobre um afloramento rochoso, reparou-se num monte de pedras²⁵⁵ — dificilmente se lhe poderia chamar outra coisa — disposto de tal forma, que só essa designação não satisfez. Embora sem certezas, dado o seu aspecto igualmente ruinoso, tratava-se de um abrigo artificial, que em nada mais consiste senão num anteparo curvo de pedras chatas e descoberto. Contra ele, na concavidade, abrigavam-se os pastores do vento e do sol, ou, em ocasiões, algum animal feroz²⁵⁶. Era com certeza nesta última tendência que se cercavam as colmeias e o gado com muros de pedra, herança dum tempo em que o urso-pardo terá cruzado periodicamente a região.

Na bibliografia de pormenor avança-se para a estrutura o termo *malhão encurvado*; *morouço* e *mariola* nos dicionários — estes dois últimos de objecto diferente, porém.

Aproveitando uns penedos como cunhais, logo abaixo na paisagem inscreve-se outro abrigo²⁵⁷ em pedra seca, este agora para animais. De dimensões consideráveis, o *bardo* apresenta planta irregular, a que se acede por uma interrupção no muro alto e espesso. Nele se recolhia o gado, que ali pernoitava.

E as casas que se vêem nisto se mantêm, rudes e pesadas, com os aparelhos *bujardados* grosseiramente²⁵⁸. Mas o que impressiona, porque todos os exemplos ao abandono, é a vegetação que mal os cobre, e a limpeza das pedras, quase polidas de tão alvas.



Des. 6 - Paisagem característica; Serra da Gardunha (Fundão), 2018

²⁵⁵ Ibid.; ficha técnica 194

²⁵⁶ AA. VV; Construções Primitivas em Portugal; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1969; pp. 27-28

²⁵⁷ Cfr. Anexo II; ficha técnica 198-199

²⁵⁸ Ibid.; ficha técnica 196-197

4.5.2 Castelo Novo²⁵⁹

Entrou-se em Castelo Novo pela Calçada da Ponte Pequena, sobre o último troço de estrada Romana que descreve o percurso — aproximadamente quilómetro e meio no total.

Sob o ponto de vista da situação o assentamento relembra Monsanto, encastrado abruptamente no plano declivoso (Fig. 72), e interdependente face ao castelo que o consolidou no espaço. Em seu redor, partindo do mesmo centro, o casario distribui-se sem grande ordenamento entre si.



Fig. 72 - Vista parcial sobre a povoação; estrada de acesso a Castelo Novo, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018

À semelhança de Alpedrinha, o contraste assinalado na Arquitectura que se tem vindo a estudar e aquela tendencialmente mais apelativa salta à vista. Hoje, as terminologias aplicadas por alguns teóricos²⁶⁰ da especialidade — que por arquitectura popular entendem “casas de emigrante” e por solares de província arquitectura vernacular — sobrevivem de grande confusão, ou até, uma certa ligeireza de apuro. Isto é, se se quiser reduzir os termos à sua mera significância, então toda a construção que se faz num país é vernacular, mas nem sempre as palavras — sobretudo as palavras — devem ser alvo do sectarismo do passado, veja-se. Na verdade, o que sucedeu foi a Arquitectura feita pelo povo, para o povo, ter influenciado a erudita e vice-versa. O próprio vulto que as casas solarengas imprimem nos povoados, muito embora na pedra da região, ou recriando mesmo elementos formais típicos, facilmente se dissocia do estilo de vida de quem habitava na prática o meio e dele tirava o sustento diário.

²⁵⁹ Ibid.; ficha técnica 214-234

²⁶⁰ Os mesmos que participaram na “Escola de Verão” organizada pela *Intbau* e o *Premio Rafael Manzano de Nueva Arquitectura Tradicional* entre 16 e 29 de Julho de 2018.

Retirada do contexto habitual (Fig. 73) e sobrevalorizada em escala e na ornamentação (Figs. 74 e 75), a varanda alpendrada, por exemplo, perde o seu sentido utilitário tornando-se num rígido objecto de distribuição vertical; belo, com certeza, mas isso apenas²⁶¹.



Fig. 73 - Aglomerado; Azinhaga do Ribeiro, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018



Fig. 74 - Casa seiscentista; Rua de S. Bráz, Castelo Novo (Castelo Branco), 2018



Fig. 75 - Balcão alpendrado do Paço Episcopal de Castelo Branco; Castelo Branco, 2020

4.5.3 Alcaide²⁶²

Em Alcaide é o trato das pessoas que parece alterar-se, desconfiadas e duras de conversa, insensíveis ao mais luminar “Bom dia!”. Aninha-se numa elevação da vertente nordeste da serra, envolto por floresta de castanheiro densa; condições que podem ter contribuído para o semblante mais carregado da gente (porque isolada). A água é uma presença muito viva na ribeira que arruma a localidade a um sítio e São Macário a outro, e que de resto dá algumas pistas sobre a fisionomia do assentamento baseada na ocupação das *courelas* à volta. Húmidos e ferazes, a necessidade de poupar os terrenos para a agricultura fez com que a povoação, especialmente junto à Matriz de São Pedro, se contrair e desenvolvesse em núcleos habitacionais de concentração elevada²⁶³. Propícia aos cultivos de regadio, sem que deles haja vestígios, a terra a que continua a presidir a oliveira remexe-se para consumo próprio numa ou noutra pequena horta espreitando dos valados.

Em razão da proximidade com os grandes centros transformadores de matérias-primas (Fundão e Covilhã) subjazem no casario qualidades eminentemente urbanas. Com a plataforma alpendrada posta a um lado, a maioria dos conjuntos ainda se apresenta duas “portas meias” coroadas por uma janela (Fig. 76), geralmente de arestas *chanfradas* ou recortadas no estilo da época (Manuelino). Habitadas noutrora por uma gente estranha ao amanho da terra — judeus que, vitimados pela intolerância religiosa se instalaram ao longo de toda a raia beirã e abaixo do Tejo —, preencheram o local no rés-do-chão reservado às criações, para aí desenvolverem os seus *mesteres*. Com a grande diferença que as ditas lojas comunicam através de uma porta interior com a escada de acesso ao piso assoalhado²⁶⁴.

²⁶¹ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; pp. 257-322

²⁶² Cfr. Anexo II; ficha técnica 235-262

²⁶³ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 266

²⁶⁴ *Ibid.*; p. 306



Fig. 76 - Casa; Rua de S. Pedro nº2, Alcaide (Fundão), 2018



Fig. 77 - Janela; Travessa da Fonte do Lugar, Alcaide (Fundão), 2018



Fig. 78 - Porta; Rua da Laje, Alcaide (Fundão), 2018

Nas circunstâncias há pouco descritas não se esperava que o xisto reaparecesse assim, e no seguimento da transformação que o Freixial e o Sobral do Campo abarcam (Fig. 77). Em Alcaide, surge numa tonalidade afogueada, com dimensões cuja extracção não lhe permitia cobrir os vãos das portas e das janelas. Esta condição levou a que se optasse, de forma original e harmoniosa, por vergas de madeira de castanho²⁶⁵, capazes dum desempenho idêntico ao da pedra (Fig. 78).

4.5.4 Fundão²⁶⁶

De Alcaide ao leito do vale, no fundão, são seis minutos. Apeia-se, e os edifícios fronteiros — particularmente próximos da linha férrea que assegurava o rápido transporte das mercadorias — revelam, sem demora, usos ligados à indústria. Se há sessenta anos a economia das cidades já tinha pouco de agrícola²⁶⁷, pois nada tem agora. Logo, as imagens de satélite confirmam uma maior regularidade no traçado do Fundão, ao passo que o longor das Ruas da Cale; Dr. Teodoro Mesquita; Dr. João Pinto e José Germano da Cunha combinadas insinua a charneira do desenvolvimento urbano da cidade, entre as aldeias do oeste montuoso e a Covilhã.

À primeira vista, não se sabia por onde meter. Perante edifícios que se alinham invariáveis, a cadência no ambiente citadino é tanta que haver-se cortado nesta e não noutra rua pouco aflige. O meio também não parece ter colocado obstáculos de monta às casas²⁶⁸. Largos e compridos²⁶⁹, participa aos arruamentos um casario bem parcelado, com altura até dois/três pisos²⁷⁰, balizado pelas ruas detrás. Sinalizam-no os “cruciformes”²⁷¹ esculpidos nas ombreiras das portas para fazer ver que ali moravam cristãos-novos (judeus convertidos ao Catolicismo).

Salvos o refreado Palácio Tudela Castilho e as inúmeras igrejas e capelas que sagram o casco histórico do Fundão, a maior parte da construção — capeada — oculta vários dos seus princípios edificativos no tocante aos materiais. Por outro lado, as zonas mais degradadas tornam-nos

²⁶⁵ Ibid.; p. 281

²⁶⁶ Cfr. Anexo II; ficha técnica 263-274

²⁶⁷ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos*; Lisboa, 2004; p. 230

²⁶⁸ Ibid.

²⁶⁹ Cfr. Anexo II; ficha técnica 263

²⁷⁰ Ibid.; ficha técnica 266-273

²⁷¹ Ibid.; ficha técnica 274

visíveis. Regra geral, predomina o granito no rés-do-chão das casas, e, respondendo às limitações económicas que impediam fazê-las totalmente em pedra, a madeira²⁷², a partir do primeiro andar. Surpreendentemente, apontando a máquina fotográfica para uma janelinha²⁷³ com *caliça* à volta, mostra-se, tão deslocado do sítio onde se deu primeiro com ele, uma parede em adobe (prática assim alargada aos grandes centros, e mais comum do que foi feito crer atrás). Reviu-se no *outão* do número cinco da Rua do Registo e numas ruínas da Marquês de Pombal.

Entretanto, nas forqueaduras das principais artérias, a que a uniformização dos tipos não sucedeu, ou pelo menos tarda em suceder, permanecem desde singelos apontamentos de calçada irregular (Fig. 79), ao complexo madeiramento dum alpendre de capela (Fig. 80), lembrando este, em terras que não são de mar, as avessas do casco de uma embarcação.



Fig. 79 - Pavimento (pormenor); Rua Nova, Fundão, 2018

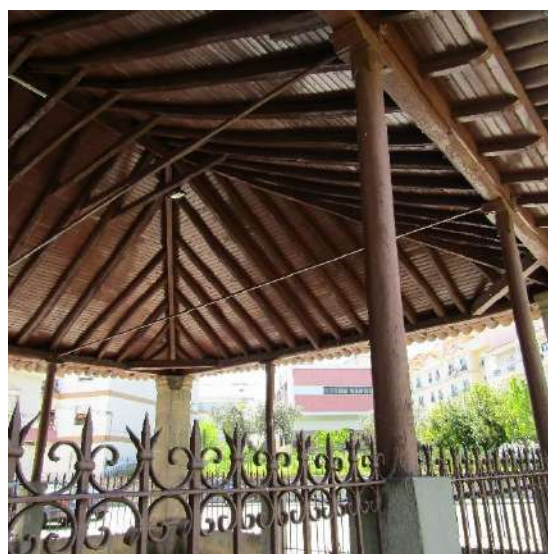


Fig. 80 - Telheiro (pormenor); Capela de Santo António, Fundão, 2018

4.5.5 Pêro Viseu²⁷⁴

Seguindo pela estrada N346 chega-se a Pêro Viseu, uma localidade no caminho de retorno ao Campo (por Penamacor), cujo acesso a contorna apenas (Fig. 81). Fica no sopé de uma pequena elevação dobrada (pelo Ferro) em direcção à Estrela e divide-se em dois aglomerados distintos: o da povoação propriamente dita, retraída num embaçado aleatório de casas, e, desconexo da mesma, o lugar “dos Casais”²⁷⁵. Sob pena de se plantar o erro no discurso, a interpretação que se segue é desprovida de qualquer base científica; mas ao motivo deste afastamento, mais do que ódios e malquerenças antigos, poderá coligir-se a religião. Senão veja-se, a dada altura no aglomerado distingue-se uma casa com quatro marcas cruciformes da mesma porta²⁷⁶, a reforçar, possivelmente, a conversão de uma família suspeita de criptojudaísmo, ou sacralizado por cristãos

²⁷² Ibid.; ficha técnica 264

²⁷³ Ibid.; ficha técnica 265

²⁷⁴ Ibid.; ficha técnica 275-290

²⁷⁵ Ibid.; ficha técnica 281

²⁷⁶ Ibid.; ficha técnica 279

um espaço tido como herético devido a ocupação anterior. As interpretações são várias e divergem. Ainda assim, é curiosa — irónica acompanhando este raciocínio — a presença de uma capela a cujo *orago* cortaram a língua no século IV d.C. para que não pudesse persuadir mais pagãos ao Catolicismo, S. Romão.

Nisto, julgou-se ter encontrado uma inscrição (Fig. 82) disfarçada de hebraico, que os entendidos Claude Stuczynski e Herman Prins Salomon, por intermédio do Prof. António Bento²⁷⁷, infelizmente negaram.



Fig. 81 - Vista parcial sobre a povoação; estrada N346, Pêro Viseu (Fundão), 2018



Fig. 82 - Inscrição (?); Rua dos Casais nº17, Pêro Viseu (Fundão), 2018

Sem efeito, procurou-se a figura perovisense de APP²⁷⁸ por toda a aldeia. Pêro Viseu é um dos exemplos onde o paradigma observado em tempos assume por inteiro a condição de memória. Porém, identificou-se outra sorte de balcão alpendrado. Em vez de debruçada para o arruamento, ou em balanço na sacada, a plataforma desenvolve-se paredes-meias com a respectiva habitação e a gémina, coberta pela água do telhado (Fig. 83).

Por sua vez, os revestimentos de telha de canudo e chapa ondulada de zinco pregados (Figs. 84 e 85) escondem a estrutura fasquiada que servia de parede nalguns pisos, o *tabique exterior*. Se se pensar, a escolha deste sistema não tinha só que ver com os poucos recursos familiares avançados; na mesma medida que o soco separava os tijolos de adobe dos agentes meteóricos, uma parede de tábua em contacto com o solo estava vulnerável, além do bicho-da-madeira, à humidade.

A par do que se entende por taipa no Norte, também se lhe pode chamar “taipa beiroa”²⁷⁹.

²⁷⁷ Os entendidos foram consultados directamente.

²⁷⁸ Cfr. AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 288

²⁷⁹ Cfr. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; p. 149



Fig. 83 - Casa; Rua dos Casais nº17, Pêro Viseu (Fundão), 2018



Fig. 84 - Parede (pormenor); Rua da Almoinha, Pêro Viseu (Fundão), 2018



Fig. 85 - Aglomerado; quelha entre a Rua Capitão Alves Roçadas e a António Augusto de Aguiar, Covilhã, 2018

Aos povoados da falda serrana chega-se recuando ao Fundão.

4.5.6 Peso²⁸⁰

No desenlace da estrada municipal 515, atravessando o Zêzere, ergue-se o Peso. Entre Coutada e Vales do Rio, o assentamento organiza-se perpendicularmente à estrada que os liga, de encontro à lógica tombada no Freixial e Fundão. Sem rumo claro, a localidade apresenta vários níveis de fixação ao longo de um único eixo no sentido ascendente. Junto à Igreja Matriz; na confluência da Rua Direita com a Sargento José Paulo dos Santos e em torno da Capela do Senhor dos Passos. Não obstante a extensão das ruas, que lhe confere alguma regularidade, o edificado atulha-se de forma orgânica um contra o outro.

Mais coisa menos coisa, a partir do Peso começa a verificar-se uma alternância muito interessante no aprisionamento dos materiais da zona. Num mesmo edifício a porta do térreo apõe o xisto nos umbrais e o castanho na padieira²⁸¹, enquanto a de acesso à habitação²⁸² cede ao granito. A novidade está na janela, que inclui como parte integrante da contra-verga um pano de xisto rusticado²⁸³, porquanto o local é próprio à extração de peças generosas.

A julgar pelo exterior, as tipologias regressam à configuração prévia — de base rural —; ao passo que as varandas se intensificam em quantidade e qualidade.

Antes de se chegar à Covilhã o autor desviou-se uma última vez no encalço do Paúl e da Erada, a meio de onde se estacou para dar conta dos efeitos que o tempo deixou na paisagem (Figs. 86 e 87).

²⁸⁰ Cfr. Anexo II; ficha técnica 296-304

²⁸¹ Ibid.; ficha técnica 297

²⁸² Ibid.; ficha técnica 299

²⁸³ Ibid.; ficha técnica 298



Fig. 86 - Vista parcial sobre o Barco; estrada N343 (Covilhã), 2018



Fig. 87 - "Vista geral"; Barco, 1956

4.5.7 Paúl²⁸⁴

Se o “Concurso da Aldeia Mais Portuguesa, ou seja, daquela que se encontrasse em mais perfeito estado de graça nacional”²⁸⁵ tivesse sido isento, por um lado não se teria realizado — afinal, com que critérios se avalia tal coisa? —, por outro o Paúl encabeçaria os resultados, tão-só pela imaginação e singularidade em que vivificava (Figs. 88 e 89).

Transposto para os nossos dias é o caso mais malsucedido de todo o itinerário. Em 1938 chega a ser comparado com uma cesta de brinquedos, “em que os olhos dos meninos se maravilham e não sabem extasiados e indecisos o que mais apetecer e mais escolher”²⁸⁶, para, anos depois (desde o Inquérito), e até esta parte, se haver transformado definitivamente “num burgo anódino (Fig. 90), como tantos outros que nada distingue nem recomenda.”²⁸⁷



Fig. 88 - Paúl, 1955



Fig. 89 - Paúl, 1955



Fig. 90 - Vista parcial sobre o "Canto dos Cachopos", Paúl (Covilhã), 2018

²⁸⁴ Ibid.; ficha técnica 305-314

²⁸⁵ Cfr. A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal [Registo vídeo]. Realização de António de Menezes [em linha]. Portugal, 1938. [consulta. 2020-09-14]. Disponível na Internet: <http://www.cinemateca.pt/cinemateca-digital/Ficha.aspx?obraid=2233&type=Vídeo> (min 01:43)

²⁸⁶ Ibid.; (min 16:28)

²⁸⁷ Cfr. AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 241

A povoação implanta-se na vertente oposta do morro que a separa do Barco, contígua à Ribeira de Paúl ou Caia. Dado o contexto, a planura em que se desenvolveu é insuficiente para a colocar nas povoações de planície, e está tão bem consolidada morfológicamente que estranha por aqui não haver um castelo. Ladeando o conjunto, a estrada que a acede aflui na que vem de Ourondo, metendo pela aldeia adentro, e desde a qual partem tortuosos e labirínticos arruamentos (Fig. 91). O casario apresenta-se, por isso, concentrado.

Havia no Paúl uma expressão arquitectónica tão diferente e original que levou à identificação de outra sub-região própria (“D”) na Zona 3²⁸⁸. Percorrendo a localidade é já muito difícil percebê-lo. Os exemplos rarecem — e os que duram talvez inadequados —, mas lá vão deixando ver, senão algumas das suas características, então muito do que se perdeu.

Em termos absolutos as casas apresentam três andares distribuídos por uma escada interior. O rés-do-chão, para o gado ou as alfaias agrícolas; e os restantes assoalhados²⁸⁹. Como a situação não é especialmente favorável à resolução do terreno em declive, opunham-no, onde justificasse, à cota de *soleira* estabelecendo um *meio-piso*²⁹⁰. As paredes das habitações em osso são num tipo de granito que se cinge aos contornos naturais do Paúl e alguns núcleos circundantes. Colhidas no leito do curso de água, as *bolas da ribeira* (Fig. 92) ingressavam na construção mediante um golpe ao meio que as quebrava em dois fragmentos e cujos paramentos se voltavam para fora/dentro das paredes exteriores duplas. Contrariamente ao que se afirma em APP, o Sr. Alfredo Sardinha (um popular versado nestas questões) assegura que a “grande dureza”²⁹¹ dos calhaus é proporcional ao engenho com que forem percutidos. E vai mais longe, atribuindo a concentração invulgar de ovoides nesta zona ao derretimento do glaciário do Vale do Zêzere ali perto (Unhais da Serra/Manteigas), que há milhares de anos os terá esculpido e depositado durante o processo de fusão. Finalmente, eram emparelhados e firmados no *corrume* com argamassa de barro e capeias de xisto²⁹² (Fig. 93).



Fig. 91 - Rua da Quelhinha, Paúl (Covilhã), 2018



Fig. 92 - "Bola da Ribeira"; Ribeira de Paúl ou Caia, Paúl (Covilhã), 2018



Fig. 93 - Janela (pormenor); Travessa da Lameira, Paúl (Covilhã), 2018

²⁸⁸ Ibid.; p. 242

²⁸⁹ AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 250*

²⁹⁰ Cfr. Anexo II; ficha técnica 306

²⁹¹ Cfr. AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 282*

²⁹² AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 250*

De taipa beiroa, o último andar é rematado pela varanda de pau (Fig. 94). Cerne da índole paradigmática do Paúl, destaca-se nelas o “gradeamento” de ripas muito recortadas (Fig. 95), como os *balaústres* de pedra nos grandes edifícios. O que, alternadamente, mostra a acção da arquitectura erudita no imaginário do trabalhador/construtor rural.



Fig. 94 - Varanda de madeira; Travessa da Lameira, Paúl (Covilhã), 2018



Fig. 95 - Balaústres de madeira; Travessa da Lameira, Paúl (Covilhã), 2018

4.5.8 Erada²⁹³

A meia dezena de quilómetros fica a Erada. De origem mais remota no tempo, exala grande parte do deslumbramento que se esperava ter presenciado antes. Não porque totalmente igual nas particularidades, mas imediata em relação ao Paúl. Num ermo da encosta logra-se o assentamento pela zona nova, após um desvio na estrada que segue para Taliscas. Estruturalmente, o traçado primitivo não se liga com nenhuma povoação vizinha, e ao centro de uma igreja que já não existe (Largo da Igreja Velha). Foi aqui, quase no fim do percurso, que se encontrou pela primeira vez, como resposta à pergunta: “Como teriam sido estes ambientes povoados de gente?”, crianças pequenas (Fig. 98). Até esta parte o mais das localidades estão envoltas num silêncio estrondoso — comparável apenas ao que resultou do mais recente sucedimento mundial. Entre as ruas da Vinha e a do Canto Redondo o casario exhibe bons exemplos da Arquitectura em causa. Irregular, e com as pedras dum xisto muito vermelho desnudas, os tipos não assinalam grande variação, excepto formalmente nos casos em que este adere na íntegra sobretudo os vãos. Na Erada, além da baliza temporal que encerram, há duas janelas manuelinas cujo trabalho de valorização da pedra não passa despercebido, a “dos Bicos” (Fig. 96) e a “dos Bonecos”, perceptível na figura seguinte. Esta última chegou mesmo a ser retirada da origem, até que a população, reconhecendo nela parte da sua identidade, a fez regressar. Por isso se acha mais elevada em relação ao registo de 1956²⁹⁴.

²⁹³ Cfr. Anexo II; ficha técnica 315-326

²⁹⁴ Cfr. *Erada* in OAPIX [em linha]. Ordem dos Arquitectos, 2011. [consulta. 2020-09-21]. Disponível na Internet: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1678.01.3/index.htm>



Fig. 96 - "Janela dos Bicos"; Rua do Fundo do Povo, Erada (Covilhã), 2018



Fig. 97 - Aglomerado (pormenor); Rua da Praça, Erada (Covilhã), 2018

Nalgumas portas da localidade descobriram-se os melhores exemplos de trancas em madeira. Recordando os bedelhos que se viram no sudeste beirão, os *cravelhos* (Fig. 99) seguem os princípios de uma fechadura contemporânea a que se deixou somente os componentes básicos: dois pedaços de pau colocados em cruz, um fixo e o outro corrediço, como as linguetas dos trincos.

E se ligados à Arquitectura são raríssimos os elementos com que as gentes destas paragens enfeitaram os espaços que habitavam²⁹⁵, foi seguramente na Arte Pastoril que encontraram o suporte adequado para gravar crenças, preocupações e sonhos. Também elas no intuito de trancar alguma coisa (a pele dos chocalhos), as *tázegas* que a figura a seguir ilustra são em madeira de *abetouro* — preferencialmente o tronco da urze — e foram esculpidas com uma navalha muito afiada por um pastor nos tempos livres enquanto *apascentava* o gado.

Já as *tramelas*²⁹⁶ são variações de fecho ainda mais rudimentares e sem ornamentação.



Fig. 98 - Marta e José; Erada (Covilhã), 2018



Fig. 99 - Cravelho; Rua do Canto Redondo, Erada (Covilhã), 2018



Fig. 100 - Tázegas; Erada (Covilhã), 2018

²⁹⁵ AA. VV; *Arquitetura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos*; Lisboa, 2004; p. 331

²⁹⁶ Cfr. Anexo II; ficha técnica 233

4.5.9 Covilhã²⁹⁷

“De manhã quanto te levantas
Que briosa vais para o tear
E os Hermínios que tu encantas
Vestem lã para te namorar [...]”²⁹⁸

Na Covilhã, a situação é tanto ou quanto idêntica à experimentada no Fundão. Como até aqui já se deu a entender, é fácil perder o rasto à arquitectura popular na cidade. A estrita ligação com o meio que a caracteriza reflecte-se no edificado, que se “desvirtua” e “perde a autenticidade”²⁹⁹, se quebrada. Tal é ainda mais verdade numa terra cujo passado industrial pendeu por edifícios naturalmente subsidiários das actividades desenvolvidas, e abertura a outro tipo de materiais permitiu construir amplificando e superando as velhas formas.



Fig. 101 - Vista parcial sobre a Covilhã, séc. XIX

Flanqueada pela Serra da Estrela, a Covilhã situa-se numa crista montanhosa (Fig. 101) — apontando para a planície que os cumes a levante interrompem —, entre a Ribeira da Carpinteira e a da Goldra. De acesso automóvel tortuoso, chegou-se-lhe de comboio, na zona que gradualmente se afasta do aglomerado inicial, e a que se deitou, rua acima. À entrada do casco histórico o casario assoma — a sítios — encavalitado sobre as remanescências da velha cercadura (Des. 7) em que, transposta, se cruzam arruamentos estreitos e particularmente inclinados³⁰⁰.

“Corpo agreste de cantaria”³⁰¹, impera o granito em volumes pautados pela verticalidade, nos exemplos a que se alude e na Covilhã em específico vencido o primeiro andar; opondo-lhe o tabique exterior revestido no segundo, não raro até um terceiro piso. Há vestígios bem disseminados das técnicas de capeamento supracitadas, mais uma. A telha de meia cana pregada a prumo — e a que quase passa despercebida (porque caiada), não fosse a sua recorrência —; em quantidades igualmente incomuns, a chapa ondulada de zinco, e, por fim, lajetas de ardósia como escamas de peixe — contemporâneas da primeira.

²⁹⁷ Ibid.; ficha técnica 328-343

²⁹⁸ GONÇALVES, Joaquim Pedro; SOUSA, Nóbrega e; Cidade-Neve [Registo sonoro]. Portugal, 1970

²⁹⁹ Cfr. AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. XIX

³⁰⁰ Cfr. Anexo II; ficha técnica 328

³⁰¹ Cfr. GONÇALVES, Joaquim Pedro; SOUSA, Nóbrega e; Cidade-Neve [Registo sonoro]. Portugal, 1970



Des. 7 - Vista parcial sobre as muralhas da cidade; Rua António Augusto de Aguiar, Covilhã, 2018

Nos interiores a que se pôde chegar, ruínas entreabertas, nota-se uma disposição mais apurada do programa face aos modelos rurais. Repetem-se alguns elementos próprios como o armário embutido na parede; mas os espaços adivinham, desta feita, maior proporção e regularidade. De salientar ainda os acabamentos de cores variadas como não se achou entretanto³⁰².

Aos abrigos artificiais da Serra da Gardunha juntou-se a variante com que o autor se deparou na volta para Castelo Branco³⁰³. Representantes de uma possível “Arquitectura efémera/móvel”, os abrigos sobre carros³⁰⁴ são exemplares raríssimos [sobretudo os de madeira (Fig. 102) ou palha] da estreita ligação que o homem mantinha com os animais.



Fig. 102 - Abrigo móvel - carro de pastor; Póvoa de Rio de Moinhos (Castelo Branco), 2020



Fig. 103 - A *British shepherd's hut* (um carro de pastor inglês)

³⁰² Cfr. Anexo II; ficha técnica 332-337

³⁰³ Ibid.; ficha técnica 344-345

³⁰⁴ Cfr. Trás-os-Montes [Registo vídeo]. Realização de António Reis e Margarida Martins Cordeiro [em linha]. Centro Português de Cinema, 1976. [consulta. 2020-09-27]. Disponível na Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=lrLcALuZNA8> (min 40:06)

Geralmente aproveitando o leito rodado de um carro de bois (*chedeiro*), traduzem-se numa casota de taipais com cobertura de duas águas. Eram uma alternativa mais confortável às esteiras e choços vegetais³⁰⁵, pois neles o pastor e a sua família (três pessoas no máximo) passavam a noite estacados no meio do campo perto do rebanho.

Perdidos por aí, os espécimes coevos (em chapa zincada) são os eremíticos sobreviventes de lides que deixam poucas saudades e para já não inspiram revivalismos, pelo menos em Portugal (Fig. 103).

4.6 Médio Tejo - “Charneca”

Findo o traçado ascendente, o autor dirigiu-se para oeste. Estrada N3 fora, construções térreas polvilham o relevo a princípio pouco acidentado, que, conforme se vai embrenhando no caminho, se ergue e precipita abruptamente. O granito que rareia dá entrada ao calcário numa área cuja pedra cardeal é o xisto. É aliás no termo que a apoda – à sub-região “G”³⁰⁶ – que surgem as primeiras questões, porquanto descrevendo um “terreno inculto e árido onde há apenas vegetação rasteira”³⁰⁷, longe se esteve de o encontrar. À Charneca propriamente dita, o vulgo hoje chama “pinhal”, possivelmente em razão da acção de arborização que o “Plano de Povoamento Florestal” (1938-68)³⁰⁸ fomentou no Interior³⁰⁹. E se entre outras espécies da região já se enumera o pinheiro em APP, nunca de forma vinculativa, como agora.

A parte da EIM de Médio Tejo em que se recai confronta com a barreira natural do Rio Zêzere que desagua lá longe no Tejo (Constância). Cursos menores galgam os vales ao longo dos quais, por norma, se alinham as localidades³¹⁰. Húmidos e férteis, nos patamares que o homem sulcou às encostas para a prática da agricultura, ainda vicejam — sempre à escala familiar — o milho e a vinha. Isto não significa, todavia, que outros cultivos, nomeadamente os de sequeiro (trigo), não possam ser explorados; de acordo com o depoimento recolhido em entrevista a um *charneco*, semeavam-se nas courelas superiores aonde a água desde logo não chega ou é tão necessária.

Alvo constante dos interesses privados que por meio do fogo quantificam o valor da paisagem natural — património-comum —, o pinheiro está para a Charneca como o eucalipto para o Campo. Engoliram numa mancha densa a azinheira, o castanheiro, a oliveira e o sobreiro, que, apesar de observáveis, são-no em quantidades manifestamente menores.

³⁰⁵ AA. VV; Construções Primitivas em Portugal; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1969; p. 55

³⁰⁶ Cfr. AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 242

³⁰⁷ Cfr. *Charneca* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto Editora; Porto, 2003-2020. [consulta. 2020-09-27]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/charneca>

³⁰⁸ DEVY-VARETA, Nicole; O Regime Florestal em Portugal através do século XX (1903-2003) in Revista da Faculdade de Letras — Geografia I série, vol. XIX; Porto, 2003; pp. 447-455

³⁰⁹ *Plano de Povoamento Florestal* in Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas [em linha]. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2017. [consulta. 2020-09-27]. Disponível na Internet: <http://www2.icnf.pt/portal/florestas/gf/regflo/q-e>

³¹⁰ AA. VV; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 263



Fig. 104 - Carregamento de cortiça; estrada N2, Pedrógão Pequeno (Sertã), 2018

4.6.1 Vila de Rei³¹¹

Em oposição aos povoados do Campo e da Cova da Beira — equilibrando o xisto, ou acastelando o granito —, edifícios cujas alvenarias tradicionalmente se encontram rebocadas e caiadas sintetizam os solos calcários em que a terra é profícua e definem a feição geral das localidades quanto mais para poente. Por certo a maior e instintiva diferença.

Vila de Rei implanta-se bem disseminada ao longo da vertente este de uma pequena elevação. Partem dela ruas bastante compridas (Fig. 105) com casas até dois pisos, invariavelmente mais regulares quanto à planta. Na relação térreo/sobradado não é óbvio o destaque que os animais possam ter tido no primeiro, e a harmonia do risco estende-se às fachadas com vãos eminentes e simétricos, testemunhando interiores igualmente mais cuidados. Esta uniformidade concorre para o aparecimento das chaminés (Fig. 106) enquanto elemento prático/formal de canalização do fumo da lareira, de porte e beleza assinaláveis³¹².

As paredes a que se viu o “esqueleto” são em xisto³¹³. Dada a conjuntura, imagina-se que os revestimentos observados também sejam à base de cal. Esta mescla promove não só a consolidação das mesmas, como confere durabilidade aos edifícios. Porém, “a falta de calcários na Beira” interior leva a concluir que o seu aproveitamento no Médio Tejo e demais EIM da província histórica da Beira Litoral seja anterior ao século XVIII, a partir do qual começaram a generalizar-se nas regiões dissociadas³¹⁴.

Enfim, mostra-se na forma em que é mais conhecida, uma substância líquida ou pastosa, usada para pintar, no caso específico da colorida definir beirados, paredes ou vãos, de amarelo a azul.

³¹¹ Cfr. Anexo II; ficha técnica 346-350

³¹² AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 256

³¹³ Cfr. Anexo II; ficha técnica 347-348

³¹⁴ Cfr. AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 279



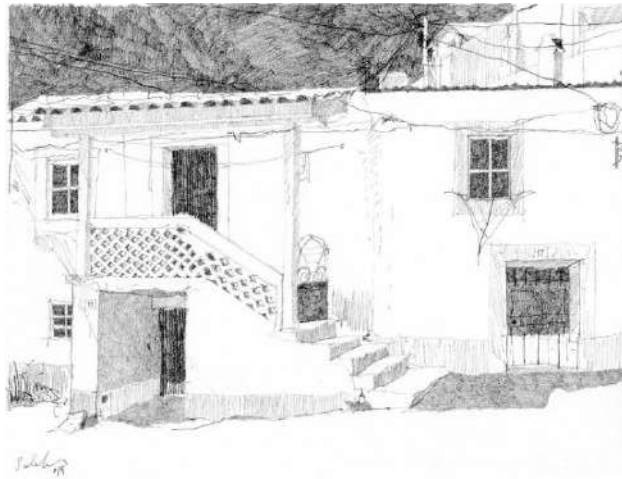
Fig. 105 - Rua Rainha St.a Isabel; Vila de Rei (Castelo Branco), 2018



Fig. 106 - Chaminé do Museu Municipal de Vila de Rei; Rua Direita, Vila de Rei (Castelo Branco), 2018

4.6.2 Pedrógão Pequeno³¹⁵

Localizada aquém do limite das comarcas que o Zêzere separa (Leiria de Castelo Branco), a vila de Pedrógão Pequeno é a última paragem. Aparentemente, o topónimo remete para o afloramento de tonalidade branca³¹⁶ (granito) que, em menor quantidade, facilmente se destaca do xisto, mais bem difundido e de cambiante enevoados.



Des. 8 - Aglomerado; Rua do Fundão, Pedrógão Pequeno (Sertã), 2018

Sem grande novidade, as casas concorrem para a rua (do Cabril) que ligava a origem do assentamento à povoação vizinha (Pedrógão Grande), pelo rio. No Pequeno, os caracteres que se identificaram ao longo da jornada pela arquitectura regional “beirã” fundem-se com os elementos

³¹⁵ Cfr. Anexo II; ficha técnica 351-358

³¹⁶ Cfr. *Pedrógão* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto Editora; Porto, 2003-2020. [consulta. 2020-10-4]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/Pedr%C3%B3g%C3%A3o>

próprios da condição transitória da localidade; reforçando, mais uma vez, o sortimento local que — melhor ou pior — persiste. A geometria simples, a horizontalidade e a articulação dos volumes está muito explícita em configurações quase se lhes poderia chamar térreas, ora com balcões alpendrados que atribuem ritmo às fachadas (Des. 8), ora deles desprovidas; autênticas casas de bonecas, cujas dimensões questionam um pouco a segmentação actual e a valia que tem viver para lá do necessário, no puramente acessório.

As habitações não vão além do primeiro andar, sob o qual se crêem já as criações ou o material agrícola. Granito e xisto formam paredes na sua maioria rebocadas e caiadas nas guarnições, e as chaminés intensificam-se³¹⁷.

A partir daqui, o balcão alpendrado propriamente dito convive com a outra tipologia distinguida atrás (a dos fechados). Vidraças orgulhosas, surgem encastrados nos topos dos edifícios (Fig. 107), ou projectados em relação às fachadas. Vulgarizaram-se na época em que o vidro correu os povoados substituindo gradualmente as portadas de madeira por janelas de “guilhotina”³¹⁸, e constituem, segundo se diz em APP, “[...] a maior contribuição do século XIX para a valorização da Arquitectura regional beirã [...]”³¹⁹, juntamente com a telha dita “Lusa” — considerada uma interpretação “‘neo-regionalista’ mais ou menos acertada [...]” da primitiva de canudo, “[...] mas com pala lateral de sotopor, para melhor vedação [...]”³²⁰ —, já no XX.

Ciente da questão, o autor encontrou num casario mais arcaico, ou cuja situação não permitia simplesmente à família que o habitou envidraçar os vãos, um exemplo (Fig. 108) em que as *almofadas* das folhas da portada regulavam a soma de luminosidade e ventilação possível.



Fig. 107 - Casa com envidraçado; estrada N2, Pedrógão Pequeno (Sertã), 2018



Fig. 108 - Portada de madeira; Travessa da Horta da Ribeira nº9, Meãs (Pampilhosa da Serra), 2018

³¹⁷ Cfr. Anexo II; ficha técnica 352-355

³¹⁸ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; p. 367

³¹⁹ Cfr. AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1*; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 291

³²⁰ Cfr. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; p. 370

4.7 Região de Coimbra

4.7.1 Meãs

Sob o ponto de vista da síntese que a Arquitectura faz ao longo do território, e o facto de esta não estacar entre limites imaginários ou naturais, ficar-se-ia pelo mencionado em Pedrógão; mas existe em APP uma figura³²¹ que ilustra directamente o asserto, cuja localização se confunde com o objecto fotografado, e sem o devido confronto não se apreciou dar por concluído o percurso. Foi assim, no final, que se percebeu que *catraia* refere uma construção típica inserida já na Região de Coimbra, contrariando a generalidade da legendagem do livro, alusiva exclusivamente às localizações onde colhidas quase todas as imagens da Zona 3. Como num *mangual a meã* articula a *mangueira* e o *pirtigo*, apontou-se para a localidade (entre Fajão e Ourondo) onde as alminhas que ladeiam as estradas são diferentes de quaisquer outras observadas anteriormente (Figs. 111 e 112). Assemelham-se a pequenas capelas, porém, dada a negligência, lembram sítios de pouca demora (Figs. 110 e 113). Une-as — a par do edificado “convencional” — a forte ligação com o meio, que advém, neste caso, dum fervor religioso semiânime.



Fig. 109 - "Catraia das Meãs", década de 1950



Fig. 110 - Catraia; Rua da Várzea, Meãs (Pampilhosa da Serra), 2018



Fig. 111 - Alminhas; estrada de acesso a Castelo Novo (Castelo Branco), 2018



Fig. 112 - Alminhas; Alcains (Castelo Branco), 2018



Fig. 113 - Alminhas; S. Paulo de Cima (Oleiros), 2019

³²¹ Cfr. AA. VV.; *Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 256*

Capítulo 5 Do Popular ao Contemporâneo

5.1 Súmula

“Num Mundo que as circunstâncias tornaram cada vez mais pequeno e independente, deixou de ser possível limitar no espaço e no tempo as repercussões, por exemplo, duma perna partida e do subsequente zelo religioso dum Inácio de Loyola, ou as da curiosidade e do engenho mecânico dum James Watt.”³²²

Ainda que durante grande parte da jornada que o capítulo anterior narra se ocupe da realocização das peças fotografadas na Zona 3 de APP, o autor não passou indiferente à “nova” construção que as rodeiam e a que a sucessão natural dos acontecimentos trouxe.

Aproximadamente até aos anos cinquenta do século XX, Portugal permanecia avesso às transformações que moldavam com afã as sociedades modernas, continuando a apoiar-se numa economia precária, de bases ainda muito arraigadas na terra. Mesmo assim, é certo que se deve entre nós a essa evolução lenta, ora a resistência de muitos elementos típicos da arquitectura popular, ora, porventura, a sua adaptação às circunstâncias do momento; porquanto nem as pessoas, nem o espaço por elas habitado tardam à margem do progresso. A introdução de novas tendências construtivas provam-no. Enquanto num passado longínquo (Pré-História) se adoptou a planta quadrangular em desfavor da *castreja* (circular), a partir do século XVIII envidraçar janelas generaliza-se e a telha de canudo é crescentemente substituída pela plana, como já se disse. Se mais não se alterou até à década de sessenta do século XX deveu-se à prolongada incapacidade do país para, no ápice tecnológico dentre guerras, se industrializar. Porém, e estabelecendo-se de modo decisivo, a indústria que colocava tijolo furado, blocos de cimento, folha de zinco, chapas de fibrocimento, entre outros, à disposição do camponês emigrante, rapidamente veio alterar o estado de coisas. Começam a chegar em grandes carregamentos, de camião ou comboio, nos caminhos que ligam os centros transformadores de matérias-primas aos recessos outrora isolados da nação.

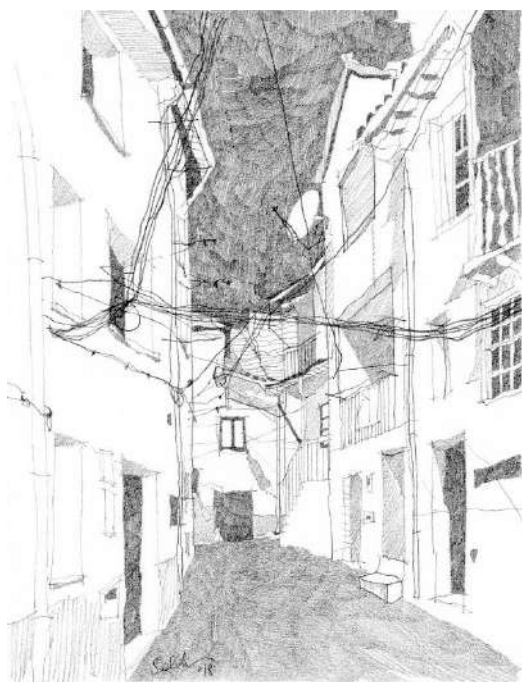
Primeiro nos materiais, depois na geometria simples, passando pelo interior, a casa popular sofre um autêntico revés a pender pela uniformização, maculada que fora a emblemática coerência das sociedades rurais. Nisto, o bloco cerâmico (Des. 10) radica-se de tal modo que se torna no material mais vulgar usado na edificação até aos nossos dias. Acessível e de fácil emprego, substitui mormente a pedra bruta dos panos de parede exteriores, mas logo se estende aos interiores, ainda de tabique. Na mesma linha estão também os blocos de cimento. Apesar das qualidades reconhecidas, os dois apresentam fraco desempenho à temperatura e humidade, podendo conduzir a deficiências energéticas de monta em habitações que, com a evolução dos tempos, se querem mais e mais eficientes. Por sua vez, substituídos pelo betão armado, este permite aumentar uma velocidade de construção já de si rápida e sólida; mas, diga-se, que nem sempre

³²² AA. VV.; Arquitectura Popular em Portugal. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004; p. 307

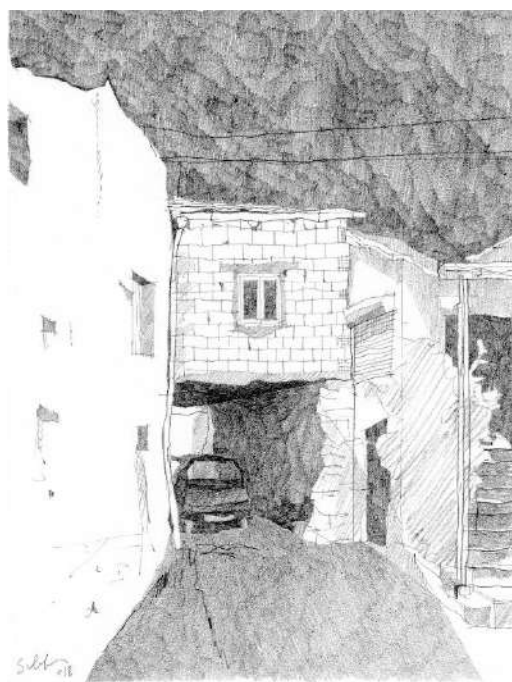
parece dar espaço a outras soluções — de tão habituado —, e insustentável, vista a elevada quantidade de recursos naturais que confluem para o seu fabrico e transporte³²³.

Com um sentido neo-regionalista acaso estranho, a noroeste de Portugal explorava-se tradicionalmente o *perpianho* — um tipo de cantaria hoje usado por todo o país muito além da “construção popular” e que consiste em blocos de granito cortados em pedra nas dimensões pretendidas, com a grande diferença face a aparelhos de alvenaria de pedra dita corrente de serem *aparelhados* a toda a face. Tem como desvantagem a capilaridade da superfície, muito propícia a infiltrações³²⁴; sendo especialmente identificável nos muros que cercam a maioria das habitações unifamiliares, ou a servir-lhes de acabamento exterior, como que tentando reproduzir laivos de uma qualquer ruralidade, em última análise, de subúrbio.

Nas coberturas, desde 2005 que as “telhas” de fibrocimento têm sido alvo de uma campanha de remoção em Portugal, depois que a presença do composto de amianto, mais propriamente a exposição às suas fibras, se verificou um agente prejudicial para a saúde pública. Granjeou de relativa popularidade na indústria da construção europeia entre 1945/90 graças ao poder das suas propriedades mecânicas e de durabilidade, resistindo sem dificuldade quando exposto a altas temperaturas, putrefacção, corrosão e assim por diante³²⁵.



Des. 9 - Ligações eléctricas; Travessa da Rua de Cima, Paúl (Covilhã), 2018



Des. 10 - Passadiço em tijolo furado; Travessa do Fundo do Povo, Erada (Covilhã), 2018

³²³ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; pp. 367-374

³²⁴ *Ibid.*; pp. 369-370

³²⁵ Cfr. *Amianto* in *Direção-Geral da Saúde* [em linha]. Direção-Geral da Saúde, 2020 [consulta. 2020-12-10]. Disponível na Internet: <https://www.dgs.pt/saude-publica1/amianto.aspx>

Não sendo materiais tradicionais locais, que subitamente o emigrante retornado, ou as gerações que lhes seguiram começaram a incorporar na nova casa — seja como forma de ostentação, seja para extinguir lembranças de uma vida à nascença demasiadamente pobre e ingrata —, o ritmo para os povoados assimilarem as mudanças bruscas, cujo tempo, noutra época, teria quiçá apurado, muito menos favoreceu. Consequentemente, e apesar da habitação rural representar uma melhoria cada vez maior do viver doméstico³²⁶, está à vista que a forma acentua outra versão (Fig. 114). Em lugar dum posicionamento que, houvera consciência, se teria obrado cautelosamente, substituíram-se sem discriminação soluções comprovadas, por uma autêntica “salada russa” de combinações monótonas e de mau gosto. Os Galegos, na vizinha Espanha, referem mesmo esta falta de coerência por “*feísmo*”. À semelhança do termo *kitsch*, são usados com valor pejorativo, reduzindo a qualidade de um determinado objecto(s) com base no grupo que o usa, ou, neste caso, habita³²⁷. Mas veja-se, é dado o momento que se deve distinguir Arquitectura de construção populares: o que antes o era, deixou de o ser — por todas as razões conhecidas —, colocando-se a questão, em que medida se dissocia *feísmo* de mau gosto se o construtor rural está limitado aos materiais que lhe são monetariamente possíveis, ou pior, quando o dinheiro sobra, edifica, mesmo assim, acrítico? E a resposta tampouco se alentará exclusivamente com aqueles habilitados para o efeito, se a arquitectura popular se diz, ela própria, “sem arquitectos”; no entanto, partilham de responsabilidade acrescida quando chamados a intervir nestes contextos, ainda que de forma tão-só consultiva.



Fig. 114 - Aglomerado; Rua do Ribeiro do Fojo, Paúl (Covilhã), 2018

³²⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; pp. 373-374

³²⁷ *Kitsch* in *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa* [em linha]. Porto Editora; Porto, 2003-2020. [consulta. 2020-12-18]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/kitsch>

Por esse motivo, identificam-se ao longo deste capítulo alguns sistemas/técnicas construtivos locais que, aliados a um conjunto polifacetado de estratégias projectuais — entendidas devidamente como alternativas também elas passíveis de apuro contínuo, e sobretudo ausentes do pretensiosismo formal permeável, como se viu, a imposições de “estilo” —, logram o mais primevo fim (abrigar) sem comprometer a exterioridade global dos lugares. E conclui-se que para além da sua aplicação não depender, ao que tudo indica, de qualquer especial adaptação, foram conotadas, “*à priori*”, como técnicas pobres ou menores.

Com excepção das alvenarias de pedra natural, que continuam sendo mais ou menos demoradamente preparadas em obra, aparelho a aparelho³²⁸, a construção em terra parece ser aquela cuja evolução concreta nota menor “investimento em equipamento e tecnicidade”³²⁹. Ou seja — porque flexível —, o método direcciona o capital em função dos meios que o industrial concentra e não dos que este precisaria de adquirir para transformar a matéria-prima³³⁰. Paralelamente, o facto de a terra ser um produto do local poupa no transporte e reduz, pois, os custos edificativos (vantagem económica). Entre outras, o investigador Jean Dethier lista, num artigo da área, oito vantagens em que o “domínio da construção em terra crua se desdobra e complementa”³³¹, e de que se salientam os aspectos energético, ecológico, político e cultural.

Quase todas subsidiárias do benefício económico, as vantagens energética e ecológica assimilam-se por comparação. Ao passo que os materiais industrializados resvalam em assunto de eficiência energética, quer durante a produção, quer depois de empregues, a inércia térmica que caracteriza a construção em terra permite desconsiderar tanto, não só revestimentos e isolamentos térmicos com que paredes de tijolo furado ou blocos de cimento se apetrecham, bem como prescindir de climatização adicional nos espaços.

Ora no rescaldo em que a preocupação com o Interior e os territórios de baixa densidade fora uma constante, a terra crua também oferece uma perspectiva política. Nos casos a que se alude, desde Malpica do Tejo até ao Fundão, o ressurgimento das técnicas documentadas poderá contribuir para a descentralização que a indústria pesada contém, reestruturando ao mesmo tempo o ordenamento e valorizando a coesão territoriais. O que a nível cultural assegura, enfim, “a manutenção de uma linguagem criativa e adaptada aos particularismos” de cada região³³².

Aviamentos telúricos, já ficou explícito que a sua proveniência e aplicação quase directa deduzem consideravelmente o valor da construção, todavia, não quer isto dizer que materiais como a taipa

³²⁸ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; *Arquitectura Tradicional Portuguesa*; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992; p. 370

³²⁹ Cfr. HOUBEN, Hugo e d’ORNANO Sébastien; *Indústria e Tecnologia da Construção de Terra in Arquitecturas de Terra. Trunfos e Potencialidades Materiais e Tecnologia Lógica do Restauro Actualidade e Futuro*; Comissão de Coordenação da Região Centro. *Alliance Française* de Coimbra. Museu Monográfico de Conimbriga; Conimbriga, 1992; p. 67

³³⁰ *Ibid.*

³³¹ Cfr. DETHIER, Jean; *Vantagens Concretas da Construção em Terra Crua in Arquitecturas de Terra. Trunfos e Potencialidades Materiais e Tecnologia Lógica do Restauro Actualidade e Futuro*; Comissão de Coordenação da Região Centro. *Alliance Française* de Coimbra. Museu Monográfico de Conimbriga; Conimbriga, 1992; p. 8

³³² *Ibid.*; pp. 8-10

e o adobe não tenham contrapartidas: são mais vulneráveis às intempéries, sobrecargas (do telhado) e desgaste. Além disso, o maior obstáculo que as tecnologias construtivas tradicionais enfrentam hoje — excepto indiferença — é o da falta de mão-de-obra sapiente.

Reiterado ao longo de séculos, o processamento das matérias-primas mantém-se; apostando-se cada vez mais na uniformização do material — a respeito dos tijolos de adobe — baseada em princípios de investigação sucessiva. O desenvolvimento do bloco de terra compactada (BTC), um método de produção industrial de adobes que o impulso tecnológico ocasionou³³³, por exemplo; e a adição de correctivos na amassadura da terra como o betume ou o cimento, embora se incentive, alternativamente, a cal hidratada com óleo. Também, entre revestir uma parede em terra ou alvenaria de tijolo pouco difere³³⁴. Com efeito, o que se distingue são os cuidados que impelem em momentos muito particulares da obra. Uma parede tanto pode ser rebocada e caiada, como com a superfície em osso; mas se se revestem ou pintam ambos os paramentos, então o interior tem precedência e só se passa para o exterior quando o outro bem seco³³⁵.

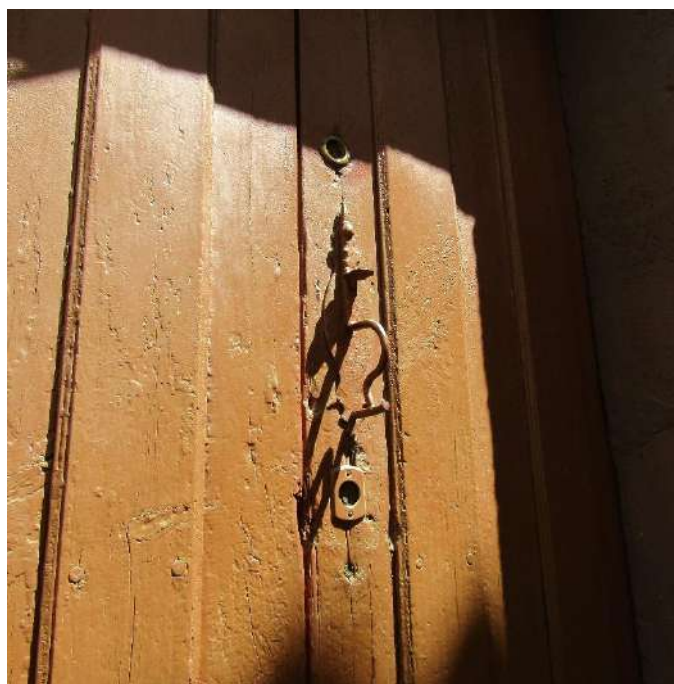


Fig. 115 - Porta (pormenor); Rua Teodósio Cerveira, Alpedrinha (Castelo Branco), 2018

Sob o ponto de vista dos acabamentos as alternativas são inúmeras e por vezes com atributos que superam a única intenção de capear os planos. A cal, quer na tonalidade de origem, quer pigmentada, foi desde sempre empregue pelas suas características desinfectantes a guarnecer aberturas³³⁶. Até chegar à parede a matéria-prima (calcário) passa por um processo de

³³³ CORREIA, Mariana; *Taipa no Alentejo*; Argumentum; Lisboa, 2007

³³⁴ TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa e BELÉM, Margarida da Cunha; *Diálogos de Edificação: Estudo de Técnicas Tradicionais de Construção*; CRAT; Lisboa, 1998; pp. 81-82

³³⁵ *Ibid.*; p. 84

³³⁶ *Ibid.*; p. 36

aquecimento prolongado — em fornos específicos — para lhe fazer perder a água (calcinação). Posteriormente em contacto com qualquer traço de humidade, as entretanto pedras de cal virgem transformam-se numa pasta ou ficam reduzidas a pó, consoante o método de extinção ou hidratação escolhido. Quando extinta com óleo e misturada com cimento para fazer argamassa exhibe propriedades hidrófugas (que protegem da água), permitindo, simultaneamente, à construção “respirar”. Ou seja, os interiores não conservam a condensação que se cria. E, no caso, é ainda um aviamento mais sustentável quando comparado com o cimento, cujo fabrico atinge temperaturas muito superiores às necessárias para haver calcinação³³⁷.

Bem mais simples — por isso fácil de reproduzir — e com aplicações diversas é a “tinta de leite”, que, como o nome indica, apõe no preparado de gesso com o pigmento pretendido o líquido branco e opaco³³⁸ (Fig. 115).

Para além do reconhecimento e emprego de materiais locais segundo as técnicas elencadas, o ordenamento territorial; a gestão consciente dos recursos naturais com o complemento dos renováveis e a implantação/organização programática das habitações calculando a influência solar são, no limite, estratégias transversais a todo o tipo de Arquitectura e que o exercício da mesma nem sempre tem em conta.

Do ponto de vista do território, concebem-se formas de organização infundidas, por exemplo, nas dos assentamentos observados nas diferentes sub-regiões das beiras — cuja maior concentração ou dispersão procede, entre outras, das circunstâncias do meio —, com prejuízo de casas perdidas ao largo de montes ou vales. Na mesma medida, deve exercer-se maior controlo sobre a exploração de culturas alóctones (eucalipto, abacate, mirtilo...) — que já atingem dimensões preocupantes no Alentejo, e a bom ritmo se espalham pela Cova da Beira e na *campanha* de Idanha —, provocando a redução da biodiversidade, acelerando a erosão dos solos e participando no processo de desertificação por si só gritante do Interior, bem como o desinteresse da paisagem, uniformizada.

A orientação e hierarquização dos compartimentos que constituem as habitações perseguindo o sol, por sua vez permitem tirar partido de uma fonte de energia inesgotável em benefício do desempenho térmico e luminoso independente dos espaços. Na arquitectura popular, em que os telhados se estendem para meridão, ou as empenas se fecham à *nortada*, ao valor estético e cultural que a assimilação na construção da varanda “beirã” pode proporcionar, pela captação solar — cuja conservação é especialmente importante durante o Inverno e possível se colocados vidros —, juntam-se as vantagens energéticas³³⁹.

Para ilustrar melhor estas noções assinalaram-se três projectos nacionais (um de reabilitação e dois de origem), a que se vincularam também outros pormenores anteriormente observados.

³³⁷ Ibid.; pp. 30-33

³³⁸ Ibid.; p. 118

³³⁹ FERNANDES, Jorge; O Contributo da Arquitectura Vernacular Portuguesa para a Sustentabilidade dos Edifícios; Universidade do Minho, 2012; Dissertação de mestrado; p. 158

5.2 Casos Práticos

5.2.1 A Casa do Avô Martinho, 2019 - CÔVO Interiores

“A Casa do Avô Martinho” é um projecto de reabilitação de 2019 pela firma de Arquitectura e Design “CÔVO Interiores” situada na aldeia de Touro, concelho de Vila Nova de Paiva, Viseu. Em plena província histórica da Beira Alta [hoje na transição entre as EIM de “Viseu Dão-Lafões” e “Douro” (NUTS III)], onde a arquitectura popular atinge uma outra expressão — com seus “sistemas de secagem e armazenamento de produtos agrícolas”³⁴⁰ (espigueiros) e elementos arquitectónicos típicos dos telhados outrora de *colmaço* (*cápeas* e *guarda-ventos*) —, o objecto implanta-se no “Beco de S. Martinho” (Fig. 116), orientado para levante.



Fig. 116 - Localização



Fig. 117 - Aspecto geral



Fig. 118 - Interior



Fig. 119 - Pormenor da escada

Construída pelo avô dos profissionais envolvidos quando este regressou do Brasil na década de 1940, a habitação (unifamiliar) é formada por três volumes distintos; géminos, dois deles, e o outro, anexo (Fig. 117). A residência propriamente dita organiza-se no agrupamento principal. Sendo mais uma configuração de andar, o térreo, que originalmente acolhia os animais, deu lugar

³⁴⁰ AA. VV; Espigueiros Portugueses; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular; Porto, 1963

à cozinha e à sala de estar (espaço comum). Já os quartos (espaço individual) distribuem-se por cima. No volume adjacente uma pequena assoalhada com duplo *pé-direito* serve de estúdio, enquanto o antigo “*palhal*” imediatamente a seguir assumiu as funções de garagem. 230m² de área no total. Percebe-se, desde logo, uma preocupação eminente por conservar a traça exterior na qualidade dos paramentos em osso a que, entre algumas fiadas, se tomaram apenas as juntas. Ao intervir, ter-se-á considerado, portanto, não só a memória do edificado, bem como a envolvente, numa linguagem afim. A opção por caixilharias de alumínio, ou pontos de luz branca cravados na pedra são, com certeza, discutíveis; mas, em todo o caso, remetem para a contemporaneidade e fazem com que o conjunto se destaque guardando relativa circunspeção.

Como não podia deixar de ser, o interior reflecte as exigências duma conjuntura cada vez mais desembaraçada e ao mesmo tempo ávida por conforto. O que, neste caso, revela espaços de um asceticismo e certa impessoalidade (Fig. 118) que o exterior, pelo contrário, não prevê — volta-se, pois, à casa reduzida ao estritamente necessário levantada no Freixial do Campo, por isso funcional. Neste quadro destaca-se a “figura” da caixa de escadas, cuja materialização acertada descreve uma peça em madeira de carvalho maciço, de que o primeiro degrau [pétreo (Fig. 119)] se diferencia e lembra aqueloutro avistado em Malpica do Tejo (Fig. 32)³⁴¹.

5.2.2 Casa em Moledo, 1991/98 - Arq. Eduardo Souto de Moura



Fig. 120 - Localização

Aproximadamente a duzentos e quarenta quilómetros da aldeia de Touro, mais acima no distrito de Viana do Castelo, fica a “Casa em Moledo” (Fig. 120). Implantado em antigos terrenos agrícolas da vertente oeste do Monte de Santo Antão — muito perto da linha de costa — surge, quase imperceptível, um volume rectangular de vidro, pedra e betão (Fig. 121). Para o edifício poder assentar firmemente no local houve necessidade de simplificar o amontoado de courelas que compunham o lote, e cujo alargamento só foi possível refazendo-o. No topo do plano inclinado, o aspecto formal da própria casa resulta da integração numa dessas faixas de terreno valado, enquadrando-se, decididamente, na paisagem.

³⁴¹ *A Casa do Avô Martinho* in *ArchDaily* [em linha]. *ArchDaily*; 2008-2020. [consulta. 2021-01-04]. Disponível na Internet: <https://www.archdaily.com.br/br/920318/casa-do-avo-martinho-covo-interiores>



Fig. 121 - Aspecto geral

Se bem que uma realização moderna, este é talvez o exemplo, dentre os casos assinalados, em que a arquitectura contemporânea — sem se comprometer — melhor assimila traços da popular. E que não deve ou pode ser visto como algo intencional, porque sobrevem de uma relação perfeita com o sítio. Nota-se pois, que grande parte do enquadramento da casa no meio circundante é devido à alvenaria de pedra natural nos socalcos (que esta replica); e ao facto do programa se articular perseguindo uma única massa térrea simples, o que reafirma a horizontalidade do conjunto. Exime-se tanto deste motivo a noção de hermetismo, já que as fachadas principal e posterior são em vidro. De referir, contudo, que só a última se “abre” totalmente para uns fraguados atrás (Fig. 122), mantendo-se um certo intimismo na frente.



Fig. 122 - Aspecto do tardoz



Fig. 123 - Ruínas; “Estrada de Pêro Viseu”, Pêro Viseu (Fundão), 2018

Finalmente, este vínculo do plano posterior com uma formação rochosa³⁴² não é desconhecido. Além do aproveitamento notável que se deu conta em Monsanto — fosse porque um penedo fazia as vezes de chão, parede ou telhado —, um pouco por toda a parte encontram-se resquícios de habitações tradicionais em que mais do que acostar-se o edifício na pedra, esta era escavada e dela se retiravam os aparelhos que haviam de formar a fachada principal (Fig. 123).

5.2.3 Casa em Taipa; Beja, 2004/06 - Arq. Bartolomeu Costa Cabral

Em pleno montado alentejano (Fig. 124), a “Moradia Herdade Delgado” (“Casa em Taipa”) situa-se na actual União das Freguesias de Salvada e Quintos (UFSQ), nas cercanias de Beja. Como não poderia deixar de ser, as imposições do meio no Alentejo são outras, sobretudo no que toca ao clima (de tipo continental) durante o Verão, muito quente e seco. Para Costa Cabral, fazer a casa em taipa surgiu não só por ser uma técnica conhecida e repetida ao longo de séculos contra as agruras estivais na zona, mas também porque um sistema adequado a casas térreas, como esta³⁴³.



Fig. 124 - Localização



Fig. 125 - Aspecto geral

³⁴² *Casa em Moledo* in *Wikiarquitectura* [em linha]. *Wikiarquitectura*. [consulta. 2021-01-05]. Disponível na Internet: <https://en.wikiarquitectura.com/building/house-in-moledo/>

³⁴³ AA. VV; Bartolomeu Costa Cabral: 18 Obras; Ed. Paulo Providência, Pedro Baía; 2ª Ed.; Porto: Circo de Ideias, 2019 in Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva [em linha]. *Access to memory [AtoM]* da Universidade do Porto. [consulta. 2020-01-06]. Disponível na Internet: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-herdade-delgado-casa-em-taipa>

A habitação (unifamiliar) assemelha-se muito com o projecto anterior ao desenvolver soluções que consideram as especificidades do local e na horizontalidade que os volumes, geometricamente articulados, imprimem no edificado (Figs. 125 e 126). Também aqui uma intervenção contemporânea com princípios tradicionais.

Projectada para um casal de artistas³⁴⁴, a casa combina um amplo conjunto de estratégias — desde a fundação até à cobertura —, cujo sucesso potencia as capacidades térmicas da terra, e a tornam, à casa, auto-suficiente. A juntar ao facto de se ter aproveitado a terra das próprias escavações para levantar as paredes do edifício, a cobertura encerra uma camada de água com 5 cm de espessura, que ajuda a regular a temperatura interior durante o ano. Entre outros, águas pluviais são armazenadas numa cisterna, painéis solares aquecem-na e asseguram o abastecimento eléctrico³⁴⁵.

No interior — muito ao jeito do arquitecto —, misturam-se vários tipos de madeiras³⁴⁶, que é ainda valorizado empregando-se outros materiais como o betão ou o mármore (Fig. 127).



Fig. 126 - Pormenor



Fig. 127 - Interior

³⁴⁴ Ibid.

³⁴⁵ *Casa em Taipa* in João Gomes. Arquitectura [em linha]. João Gomes. Arquitectura, 2019. [consulta. 2020-01-06]. Disponível na Internet: <https://joaosemog.wixsite.com/joaogomesarg/beja>

³⁴⁶ *Bartolomeu Costa Cabral* in Casa da Arquitectura [em linha]. Casa da Arquitectura. Centro Português de Arquitectura. [consulta. 2020-01-06]. Disponível na Internet: <https://casadaarquitectura.pt/bartolomeu-costa-cabral-apresenta-peca-tera-venda-exclusiva-na-loja-da-casa-da-arquitectura-2-junho-16h00/>

Capítulo 6 Consideração Final

6.1 Conclusões

Do trabalho escrito e que, em última consideração, partem objectos para investigações futuras, conclui-se que nada, em lugar nenhum, é estanque. E muito embora as mudanças — sobretudo as mais bruscas — por vezes não augurem qualquer coisa de imediatamente bom; melhor ou pior, mais rapidamente ou nem tanto, tudo tende a conciliar-se.

Passada em revista, a arquitectura tradicional qualifica-se desde os primeiros momentos pela abundância de sentidos e apreciações intrincadas entre si que a questão tem inspirado aos cultores das mais diferentes esferas ao longo dos séculos, pondo em evidência a sua complexidade. Engenha-se na senda das Guerras Liberais, numa época fortemente progressista, marcada pela libertação do indivíduo face ao poder do Estado e da qual emergem uma classe burguesa estabelecida e a cultura popular sintetiza a gesta dos Estados-nações. Desenvolve-se a partir de 1893, ano em que Henrique das Neves propõe a existência de um tipo habitacional exclusivamente português, enquadrado no pensamento nacionalista que fenómenos como o Ultimato inglês desencadeiam. A intenção difunde-se e apesar da crítica dispersa se lhe opor evocando a falta de homogeneidade arquitectónica em Portugal, consensualiza-se. Encontra em Raul Lino o seu maior ideólogo, cuja obra — escrita e edificada — se baseia na mistura tipológica dos elementos formais por si considerados mais representativos da arquitectura portuguesa, aplicados à construção moderna. Quando por imposição o Estado Novo amplia o formulário da casa “portuguesa” a todos os programas edificativos, os arquitectos modernos — impossibilitados de projectar a fim doutra maneira que não a pré-estabelecida — põe em marcha depois de muita contestação e uma tentativa frustrada de financiamento o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, que além de invalidar o modelo único com recurso à prova do sortimento regional e local observados, trata os factores que concorrem para essa diversidade.

Portugal é pois susceptível de um elenco de indicadores que resultam da sua particular circunscrição à escala planetária e influenciam, entre outros domínios, a Arquitectura. Da latitude, por exemplo, faz parte a maior ou menor acção (calorífica e iluminante) do sol sobre a terra, enquanto esta regula a duração dos dias. Também o ritmo climático, nomeadamente a precipitação ou as variações do gradiente térmico que constituem diferentes tipos de climas, se regem pelo mesmo indicador. E o facto de no Portugal peninsular o relevo acompanhar o declínio latitudinal, estabelece um limite claro entre o Norte e o Sul, as terras altas e as baixas.

Ainda que a persistência de estilos (Românico) e a horizontalidade dos volumes, traçados e articulados na sua versão mais simples, sejam representações daquilo que de unificador existe na arquitectura popular em Portugal, esta deve ser entendida como produto directo dos múltiplos contextos em que se insere, e por isso analisada não necessariamente à margem do que a rodeia, mas caso a caso. No Centro de Portugal, a zona inquirida pelos Arqs. Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo, João José Malato e revisitada pelo autor desta dissertação — em que a casa

“beirã” marca a transição entre os modelos “Nortenhos” e “Sulistas” —, conserva ainda muitas dessas particularidades. Sob o ponto de vista geográfico local, mantêm-se no imaginário colectivo separações antigas com suas respectivas nomenclaturas. O distrito de Castelo Branco continua a dividir-se em três sub-regiões heterogéneas (Campo, Cova da Beira e Charneca), cujas designações coincidem, mais ou menos, com as Entidades Intermunicipais definidas pela reforma territorial operada em 2013 (Beira Baixa, Beiras e Serra da Estrela e Médio Tejo, respectivamente) e que a Arquitectura sintetiza de acordo com agentes específicos: climáticos, económicos, sociais, geológicos e da cobertura vegetal que reveste cada uma delas. Da mesma forma que as circunstâncias do meio ditam a organização dos assentamentos: se com ruas dilatadas, porque ao encontro dos terrenos de cultivo; se concentrados para os poupar, ou recolhidos num castelo; se na confluência de estradas, ou ao longo de cursos de água.

Na Beira Baixa destaca-se o paradigma de Malpica do Tejo, afastado da ordem comum em todo o país que sobrepõe a habitação propriamente dita aos animais. A par das alvenarias de xisto e granito, identificam-se até ao Fundão vestígios de construções de terra (em taipa e tijolo de adobe). No Paúl são quase inexistentes os exemplares daquele que era um caso único na região. E na Charneca é já o calcário que imprime a feição característica aos objectos, tendencialmente mais cuidados e regulares. Mas o que hoje prevalece sobretudo nos locais são efeitos coincidentes da ruptura que o esvaziamento para o estrangeiro e a introdução de novos materiais construtivos causaram nos meios rurais, com o processo de abandono das localidades (desertificação humana) e o signo estético inaugurado pelas “casas de brasileiro” no século XIX, e as de “emigrante” no XX.

A recolha e salvaguarda de conhecimento informal reiterado ao longo de gerações torna-se particularmente significativa num tempo e a uma sociedade que, na procura incessante pela nova tendência, em contraposição inviabiliza potenciais fontes de riqueza disponíveis na natureza, ou tendo por base ideias elaboradas sem fundamento prévio, não explora outras soluções. Um edifício não é mais contemporâneo se a utilização dos últimos materiais no último estilo não reflectirem os tempos. Desde a implantação da obra segundo o trajecto do sol, ao emprego de materiais locais, suponha-se a terra, a arquitectura popular faz especial sentido nos contextos em que ainda se pode identificar e transmite valor acrescentado à construção, seja do ponto de vista energético e ecológico — quando não mesmo político e cultural —, em busca de formas de fazer mais responsáveis e edifícios cada vez mais eficientes.

Glossário

Abetouro, tipo de madeira com que se executam alguns objectos pastoris ou se acende o lume, torga;

Açude, paredão que se ergue entre as margens de um curso de água, represa;

Adobeira, local onde se adoba;

Adobar, fazer adobes;

Adobe, tijolo nesse material;

Adobro, fôrma de madeira com formato paralelepípedo usada para adobar;

Afagar, acto de nivelar saliências, alisar, desbastar;

Água, cada uma das pendentes de um telhado;

Aido, pátio pequeno, eido;

Alaque, abatimento natural a que os edifícios estão sujeitos devido à carga dos materiais, deflexão;

Alminhas, pequena construção religiosa erguida à beira das estradas, catraia;

Almofada, saliência biselada nas portas e janelas de madeira;

Aparelhar, acabamento dado na maioria das vezes às faces exteriores e interiores de um aparelho;

Aparelho, corpo de pedra que ingressa numa construção;

Apascentar, pastorear;

Argamassa de cal, mistura à base de areia, água e cal aplicada como revestimento de paredes exteriores ou interiores, emboço;

Asado, vasilha de barro com asas;

Assentada, cada uma das camadas necessárias para levantar uma parede em taipa;

Assentar arraiais, estabelecer-se num determinado sítio, fixar-se;

Atafona, engenho movido a tracção animal cuja designação se estende a outros moinhos, mó manual rotativa;

Aviamentos, materiais para uma obra;

Balaústre, pequena coluna de pedra dos corrimões e varandas;

Banco de asados, bloco de pedra comprido com o feitio da base dos vasilhames esculpido na superfície, pitalhas;

Barbilho, pequena peça talhada em madeira de torga que se ajusta no focinho das crias de cabra e ovelha para deixarem de mamar;

Bardo, estrutura pastoril de pedra ou madeira onde se reúne o gado caprino e ovino para a ordenha, ou guardar apenas, redil;

Bedelho, fechadura de ferrolho corredeço, muito frequente em Malpica do Tejo, que tranca as portas pelo exterior;

Bolas da ribeira, tipo de pedra granítica com formato esférico ou ovoide, muito abundante no leito da Ribeira de Paúl, e com as quais se alteavam as paredes das casas dessa localidade, calhau rolado;

Bragal, enxoval;

Bujardar, percutir uma superfície com bujarda dando-lhe acabamento, rusticar;

Caços, caçoleta de metal com cabo comprido decorativamente suspensa em Malpica do Tejo na cantareira de fora;

Cadeira de ombreira, peça de mobiliário típica de Malpica do Tejo;

Caibro, viga de madeira da estrutura portante do telhado cujas extremidades apoiam no pau de fileira e no frechal;

Caleja, rua estreita, quelha, viela;

Calixa, fragmento de argamassa que com o tempo se desagrega da superfície de contacto;

Campanha, porção de terra plana, campina;

Canada, caminho valado por onde segue o gado transumante;

Cantareira, louceiro típico escavado nas paredes das casas do sudeste beirão;

Cantareira de dentro, parte reentrante da cantareira;

Cantareira de fora, parte da cantareira vulgarmente ladeada por cadeiras de ombreira, caços e réstias de alhos ou cebolas ao nível da parede;

Cantoneira, móvel de canto, louceiro;

Cápea, lajeta de pedra colocada no remate das paredes;

Capeias, fragmento de pedra introduzido no entalhe entre dois aparelhos, escassilho;

Castreja, que diz respeito a castro, fortificação da era pré-Romana;

Catraia, pequena construção religiosa erguida à beira das estradas, alminhas;

Chanfrar, cortar em ângulo, biselar;

Charneco, natural da Charneca;

Chedeiro, leito de um carro de bois;

Cimbre, estrutura de anteparos de madeira ou metal na qual materiais como o betão e a taipa lhe tomam a forma edificando-se, cofragem, molde;

Colmaço, cobertura de colmo;

Contra-verga, parte inferior de uma janela em oposição a padieira, parapeito;

Corrume, espaço entre dois materiais emparelhados, demarcação nas pedras onde os canteiros fixam o talho;

Courela, faixa de terreno cultivado, leira;

Cravelho, peça de madeira corrediça usada para trancar portas, janelas, chocalhos;

Cumeeira, parte mais alta do telhado de uma casa, telha que faz esse remate, telhão;

Cunhal, aresta de um edifício, esquina;

Embisgar, untar ou prender com visco, atrair;

Emparelhar, colocar lado a lado;

Envidraçado, varanda de madeira com vidraças;

Esteio, espeque de madeira, pedra ou ferro em se apoia alguma coisa, escora, prumo;

Extradorso, parte abaulada de uma abóbada ou arco;

Falsa cúpula, tipo de cobertura cujo extradorso se eleva por camadas horizontais, sucessivamente menores, até ao fecho, falsa abóbada;

Fiada, série de materiais emparelhados;

Folha, plano de madeira ou metal que constitui o todo das portas e janelas propriamente ditas;

Fonte de chafurdo ou mergulho, nascente coberta onde se enchem recipientes por imersão;

Francela, pequena mesa em madeira de azinho usada para fazer queijo, queijeira;

Frechal, viga do remate superior das paredes em que assenta a parte de baixo dos caibros;

Fresta, vão pequeno e estreito, janelo;

Fuligem, resquício sujo depositado pelo fumo da lareira nas chaminés ou paredes das cozinhas;

Furdão, abrigo coberto para porcos, pocilga;

Gabarito, altura de um edifício no seu ponto mais alto, cércea;

Gateira, abertura semicircular nas portas das casas antigas por onde passam os gatos;

Genius loci, conceito da Teoria da Arquitectura que exprime a índole de um determinado local com base nas suas características, espírito do lugar;

Grelhagem, textura criada a partir da colocação numa determinada maneira dos materiais (geralmente tijolo furado) que formam a guarda de um muro, varanda ou parede;

Guarda-ventos, espécie de cápea que encima as extremidades das pendentes dos telhados de colmo para o proteger do vento;

Imbricado, sobreposição parcial criada pelas telhas num telhado;

Inselberg, relevo escarpado que ocorre abruptamente numa superfície de aplanção, monte-ilha;

Lande, termo genérico para as três camadas produtivas do sobreiro (*bastão, lande e landisco* ou *lendisco*), não tão recomendado na engorda de porcos quanto o fruto da azinheira, a bolota propriamente dita, ou boleta;

Lojas, piso térreo onde se guardam os animais ou trabalha um artesão, oficina;

Maiota, pau instalado entre uma tábuca de madeira segura numa parede e um buraco na roda volante das mós manuais rotativas para, a braço, as colocar em andamento;

Mangual, alfaia agrícola composta por dois paus ligados, usada para debulhar cereais, malho;

Mangueira, a parte mais comprida do mangual que serve de cabo;

Mariola, monte de pedras que indica a direcção a seguir em terrenos onde não há caminho, morouço;

Meã, parte do meio do mangual que liga a mangueira e o pirtigo;

Meio-piso, andar intermédio, geralmente entre o térreo e o primeiro andar;

Mester, profissão que implica interferência manual, arte, ofício;

Mísula, elemento arquitectónico cravado nas paredes, em que se apoiam outros, sacada;

Mó, roda de pedra usada nos moinhos e lagares para esmagar cereais ou azeitona;

Mó alveira, roda de pedra que esmaga cereal claro (trigo);

Mó dormente, roda fixa do engenho sobre a qual desliza a andadeira triturando os cereais, mó de pouso;

Mó negreira, roda de pedra que esmaga cereal escuro (centeio);

Mó volante, roda por onde entra o cereal a girar e que em contacto com a dormente o tritura, mó andadeira;

Nártex, pórtico;

Nortada, massa de ar frio que sopra de norte;

Ombreira, laterais de uma porta ou janela sobre as quais assenta a padieira, umbral;

Orago, entidade a que é sagrado um templo, santo-padroeiro;

Outão, lateral de um edifício, empena;

Padieira, viga de pedra, castanho ou betão que cobre o vão de uma porta ou janela, lindeira, verga;

Palhal, embora o termo apareça no texto indigitando uma estrutura em que se guarda palha, este designa, mais apropriadamente, um lugar onde existem construções feitas ou cobertas nesse material;

Paramento, face exterior de um elemento construtivo;

Parede em osso, sem revestimento;

Pau de fileira, viga mais alta e densa do madeiramento do telhado em que assenta a parte de cima dos caibros;

Peanha, pequena base de pedra, plinto;

Pé-direito, espaço que dista entre o pavimento e o tecto de um piso num edifício;

Pedrão, nome que se dá na Lardosa ao banco de pedra raso à entrada de algumas habitações, poial;

Pedra do lar, local na cozinha onde se acende o lume, lareira;

Perpianho, tipo de cantaria, geralmente da largura da parede em que assenta, aparelhada a toda a face;

Pica-porta, tipo de fechadura em que se pressiona com o dedo uma peça metálica que levanta outra, para abrir a porta;

Pírtigo, extremidade do mangual que malha as sementes da espiga;

Pitalhas, nome que se dá ao bloco de pedra comprido com o feitio da base dos vasilhames esculpido na superfície em Salvaterra do Extremo, banco de asados;

Poial, nome que se dá em Malpica do Tejo ao banco de pedra raso à entrada de certas habitações, pedrão;

Raia, zona de fronteira, limite;

Represa, buraco cavado na adobeira para amassar adobe;

Rodízio, roda em madeira ou metal formada por um conjunto de travessas (penas) em que a água bate para activar os moinhos;

Sacada, pequena varanda saliente em relação à face de um edifício, balcão;

Soco, superfície em pedra que serve de base a algumas construções/lareiras, embasamento;

Soleira, termo que baliza o acesso de um edifício, cota zero, limiar da porta;

Sovar, amassar;

Tabique exterior, parede fasquiada cujos interstícios se enchem com restolho e se revestem depois, taipa beiroa;

Taipa de fasquio, sistema construtivo de paredes exteriores e interiores composto de estrutura de madeira coberta por duas camadas de tábuas na diagonal e na horizontal, respectivamente;

Taipa de rodízio, sistema construtivo de paredes exteriores e interiores, vigadas e preenchidas com tijolo burro;

Tardo, face posterior de um edifício, traseiras;

Tázega, nome que se dá na Erada à peça de madeira de abetouro colocada nos animais para trancar a coleira dos chocalhos, cágueda, chavelha;

Técnica do carril, prática construtiva de paredes de alvenaria de pedra em açudes e moinhos de água que consiste na justaposição de aparelhos de xisto a prumo;

Telha caneira, aquela com a concavidade para cima;

Telha cobertor, a outra com a concavidade para baixo;

Telhado valadio, de telha solta;

Terça, viga da estrutura portante do telhado que serve de apoio entre o pau de fileira e o frechal aos caibros, madre;

Tracção, força exercida de tal forma sobre um corpo que o puxa;

Tramela, peça giratória de madeira que tranca pequenas aberturas, taramela;

Trepôlo, ramo tenro que nasce na base das árvores e prejudica o seu cultivo. — Nas oliveiras incentiva-se o seu crescimento quando de substituir um espécime que não rende ou em fim de vida —, ladrão.

Bibliografia

- A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal [Registo vídeo]. Realização de António de Menezes. Portugal, 1938. (33 min)
- A Casa do Avô Martinho* in *ArchDaily* [em linha]. *ArchDaily*; 2008-2020. [consulta. 2021-01-04]. Disponível na Internet: <https://www.archdaily.com.br/br/920318/casa-do-avo-martinho-covo-interiores>
- A.C. Documentos de Actividad Contemporánea; Publicación del G.A.T.E.P.A.C.*; 1930/37
- Adufe. Revista Cultural de Idanha-a-Nova. 10 Janeiro/Junho 2007
- Adufe. Revista Cultural de Idanha-a-Nova. 11 Julho/Dezembro 2007
- Album du Portugal*; José Cierco Editeur; Porto, s/d
- AMARAL, Keil do; Uma Iniciativa Necessária in *Arquitectura: Revista de Arte e Construção* – 2ª Série, nº14; 1947; pp. 12-13
- Amianto* in Direção-Geral da Saúde [em linha]. Direção-Geral da Saúde, 2020 [consulta. 2020-12-10]. Disponível na Internet: <https://www.dgs.pt/saude-publica1/amianto.aspx>
- Ano Europeu do Património Cultural 2018* [em linha]. Ano Europeu do Património Cultural, 2018. [consulta. 2018-11-11]. Disponível na Internet: <http://anoeuropeu.patrimoniocultural.gov.pt/index.php/ano-europeu-do-patrimonio-cultural-2018/ano-europeu-do-patrimonio-cultural>
- António da Rocha Peixoto* in Biblioteca Municipal Rocha Peixoto [em linha]. Biblioteca Municipal Rocha Peixoto; Póvoa de Varzim, 1995-2016. [consulta. 2018-10-26]. Disponível na Internet: http://ww.cm-pvarzim.pt/biblioteca/index.php?op=h_personalidades&id=41
- A Paisagem de Artur Pastor [Registo vídeo]. Realização de Fernando Carrilho. Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca, 2014. (55 min)
- AA. VV; *Arquitectura do século XX*. Portugal; Prestel; Munique, 1997
- AA. VV; *Arquitectura Popular dos Açores*; Ordem dos Arquitectos. Conselho Directivo Nacional; Lisboa, 2000
- AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Ordem dos Arquitectos; Lisboa, 2004
- AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.1; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Lisboa, 1961
- AA. VV; *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol.2; Sindicato Nacional dos Arquitectos; Lisboa, 1961
- AA. VV; Bartolomeu Costa Cabral: 18 Obras; Ed. Paulo Providência, Pedro Baía; 2ª Ed.; Porto: Circo de Ideias, 2019 in Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva [em linha]. *Access to memory [AtoM]* da Universidade do Porto. [consulta. 2020-01-06]. Disponível na Internet: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-herdade-delgado-casa-em-taipa>
- AA. VV; *Construções Primitivas em Portugal*; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1969
- AA. VV; *Espigueiros Portugueses*; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular; Porto, 1963

AA. VV; História da Cultura e das Artes 11.º ano. 2.ª Parte; Porto Editora; Porto, 2009

AA. VV; Inquérito à Habitação Rural. A Habitação Rural nas Províncias da Estremadura, Ribatejo, Alto Alentejo e Baixo Alentejo; Imprensa Nacional Casa da Moeda; Lisboa, 2013

AA. VV; Os Muros-apiários da Região de Castelo Branco e Zona Envolvente; Açafa On-line, Nº 3 (2010)

AA. VV; Rota da Lã Translana. Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e *Comarca Tajo-Salor-Almonte* (Espanha). Vol. I Reconhecimento e valorização patrimonial; Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior; Covilhã, 2008

AA. VV; Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho; Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1978

AA. VV; Tecnologia Tradicional Portuguesa. Sistemas de Moagem; Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1983

AA. VV; Uma Casa Portuguesa [Registo sonoro]. Portugal, 1953

AA. VV; Um projecto de futuro para a Beirã (Marvão), baseado na Arquitectura e Urbanismo de Tradição Alentejana; Fundação Serra Henriques; Lisboa, 2018

AA. VV; Um projecto de futuro para a Beirã (Marvão), baseado na Arquitectura e Urbanismo de Tradição Alentejana in *A Reconstrução do Património Cultural; Arcadia Mediática*; Madrid, 2018; pp. 38-87

BARROS, Henrique de; As Províncias do Norte de Portugal. Minho, Douro-Litoral, Trás-os-Montes e Alto-Douro (Separata do 1.º volume do Inquérito à Habitação Rural); Gráfica Lisbonense; Lisboa, 1942

BARROS, Henrique de; Inquérito à Habitação Rural. II Vol. A Habitação Rural nas Províncias da Beira. Beira Litoral, Beira Alta e Beira Baixa; Gráfica Lisbonense; Lisboa, 1947

Bartolomeu Costa Cabral in Casa da Arquitectura [em linha]. Casa da Arquitectura. Centro Português de Arquitectura. [consulta. 2020-01-06]. Disponível na Internet: <https://casadaarquitectura.pt/bartolomeu-costa-cabral-apresenta-peca-tera-venda-exclusiva-na-loja-da-casa-da-arquitectura-2-junho-16h00/>

BASTO, Eduardo Alberto Lima e BARROS, Henrique de; Inquérito à Habitação Rural. I Vol. A Habitação Rural no Norte de Portugal. Minho, Douro-Litoral, Trás-os-Montes e Alto-Douro; Gráfica Lisbonense; Lisboa, 1943

BRANCO, Camilo Castelo; Eusébio Macário; Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, Editores; 6.ª Ed.; Porto, s/d

BRANCO, J. Paz; Manual do Pedreiro; Laboratório Nacional de Engenharia Civil; Lisboa, 1981

Casa em Moledo in *Wikiarquitectura* [em linha]. *Wikiarquitectura*. [consulta. 2021-01-05]. Disponível na Internet: <https://en.wikiarquitectura.com/building/house-in-moledo/>

Casa em Taipa in João Gomes. Arquitectura [em linha]. João Gomes. Arquitectura, 2019. [consulta. 2020-01-06]. Disponível na Internet: <https://joaosemog.wixsite.com/joaogomesarq/beja>

Classificação Climática de Köppen in Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) [em linha]. Instituto Português do Mar e da Atmosfera, 2020. [consulta. 2020-11-24]. Disponível na Internet: <https://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/>

Clima de Portugal Continental in Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) [em linha]. Instituto Português do Mar e da Atmosfera, 2020. [consulta. 2020-11-24]. Disponível na Internet: <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/>

Conversor monetário da Pordata in Pordata. Base de Dados de Portugal [em linha]. Fundação Francisco Manuel dos Santos; 2021. [consulta. 2021-05-26]. Disponível na Internet: <https://www.pordata.pt/Portugal>

CORREIA, Mariana; *Taipa no Alentejo*; Argumentum; Lisboa, 2007

Das Pedras Fez-se Terra: Histórias da Beira Baixa [Registo vídeo]. Realização de Madalena Boto. 2019. (45 min)

DAMASCENO, Joana; *Museus para o Povo Português. O Museu de Arte Popular e o discurso etnográfico do Estado Novo*; artigo baseado na dissertação de Mestrado de História Contemporânea com o mesmo título, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2007

DAVEAU, Suzanne; *Portugal Geográfico*; Edições João Sá da Costa; Lisboa, 1995

DETHIER, Jean; *Vantagens Concretas da Construção em Terra Crua* in *Arquitecturas de Terra. Trunfos e Potencialidades Materiais e Tecnologia Lógica do Restauro Actualidade e Futuro*; Comissão de Coordenação da Região Centro. *Alliance Française* de Coimbra. Museu Monográfico de Conimbriga; Conimbriga, 1992; pp. 7-11

DEVY-VARETA, Nicole; *O Regime Florestal em Portugal através do século XX (1903-2003)* in *Revista da Faculdade de Letras — Geografia I série*, vol. XIX; Porto, 2003; pp. 447-455

DIAS, Jorge; *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-pastoril*; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular; Porto, 1953

DIAS, Jorge; *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária*; Imprensa Nacional - Casa da Moeda; 1981

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto Editora; Porto, 2003-2020. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/>

D' OLIVEIRA, Alberto; *Eça de Queiroz (Páginas de Memórias)*; Portugal-Brasil L.da Sociedade Editora; Lisboa, 1919

Fantasia Lusitana [Registo vídeo]. Realização de João Canijo. 2010. (67 min)

FARIA, Júlia; *O território, o castelo e a comunidade. Reflexões sobre a intervenção patrimonial contemporânea nos castelos em Portugal*; Escola Superior Gallaecia, 2014; Dissertação de mestrado

FERNANDES, Jorge; *O Contributo da Arquitectura Vernacular Portuguesa para a Sustentabilidade dos Edifícios*; Universidade do Minho, 2012; Dissertação de mestrado

FERNANDES, Mário Gonçalves; *As Divisões Regionais de Portugal Continental na Cartografia dos Manuais Escolares de Geografia, do século XIX ao Estado Novo* in *Didáctica Geográfica* N. 18; *Asociación de Geógrafos Españoles*; 2017; pp. 133-149

FLORES, Carlos; *Arquitectura Popular Española*; Aguilar; Madrid, 1973

GALHANO, Fernando; *Desenho Etnográfico. Vol. I-Portugal*; Instituto Nacional de Investigação Científica; Lisboa, 1985

GALHANO, Fernando; O Carro de Bois em Portugal; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1973

GARRETT, Almeida; Viagens na Minha Terra; Publicações Europa-América; 1972

GARRETT, J. B. de Almeida; Viagens na Minha Terra; Typographia da Gazeta dos Tribunaes; Lisboa, 1846

GIRÃO, Amorim; Esbôço duma Carta Regional de Portugal; 2.^a edição; Imprensa da Universidade; Coimbra, 1933

GONÇALVES, Joaquim Pedro; SOUSA, Nóbrega e; Cidade-Neve [Registo sonoro]. Portugal, 1970

Houben, Hugo e d'ORNANO Sébastien; Indústria e Tecnologia da Construção de Terra in Arquitecturas de Terra. Trunfos e Potencialidades Materiais e Tecnologia Lógica do Restauro Actualidade e Futuro; Comissão de Coordenação da Região Centro. *Alliance Française* de Coimbra. Museu Monográfico de Conimbriga; Conimbriga, 1992; pp. 67-69

INE, I.P.; As Novas Unidades Territoriais para fins Estatísticos; Instituto Nacional de Estatística, I.P.; Lisboa, 2015

Kitsch in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto Editora; Porto, 2003-2020. [consulta. 2020-12-18]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/kitsch>

Lardosa in Câmara Municipal de Castelo Branco [em linha]. Câmara Municipal de Castelo Branco, 2020. [consulta. 2020-06-02]. Disponível na Internet: <https://www.cm-castelobranco.pt/municipo/juntas-de-freguesia/lardosa/>

LEAL, João; Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 2000

LEAL, João; Architectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português; Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva; Porto, 2009

LINO, Raul; A Nossa Casa. Apontamentos sobre o Bom Gosto na Construção das Casas Simples; Tipografia do Anuário Comercial; Lisboa, 1918

LINO, Raul; Casas Portuguesas. Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples; Edição de Valentim de Carvalho; Lisboa, 1933

LINO, Raul; Casas Portuguesas. Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples; Edições Cotovia; Lisboa, 1992

LOURENÇO, Eduardo; O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português; Gradiva Publicações, S. A.; 15.^a Ed.; Lisboa, 2019

LOURENÇO, Eduardo; O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1978

MAIA, Maria Helena e CARDOSO, Alexandra; O Inquérito à Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal in Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em Homenagem a José-Augusto França; APHA – Associação Portuguesa de Historiadores da Arte; 2012; pp. 535-546

Máscaras [Registo vídeo]. Realização de Noémia Delgado. Centro Português de Cinema, 1976. (115 min)

MELO, António; TAVARES, João Silva; A Minha Casinha [Registo sonoro]. Portugal, 1943

MESQUITA, Joana; O colmo nas terras do Parque Nacional Peneda-Gerês, Barroso; Universidade de Lisboa, 2015; Dissertação de mestrado

MESTRE, Victor; Arquitectura Popular da Madeira; Argumentum; Lisboa, 2001

MILHANO, José Vicente; Problemas Sociais. O Problema da Habitação; Edição da Casa Milhano; Covilhã, 1946

Moda da Ceifa [Registo vídeo] in Cantadeiras Populares. Povo que Canta II [em linha]. RTP, 1972. [consulta. 2020-06-08]. Disponível na Internet: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cantadeiras-populares/> (min 16:35)

MORAES, Wenceslau de; Meditações; Alma Azul; Coimbra | Alcains, 2009

MORAES, Wenceslau de; Nunca me senti plenamente feliz in Meditações; Alma Azul; Coimbra | Alcains, 2009

NEVES, Henrique das; A Cava de Viriato. Notícia Descritiva e Crítico-Histórica; Imprensa Lusitana; Figueira da Foz, 1893

OAPIX [em linha]. Ordem dos Arquitectos, 2011. [consulta. 2018-11-01]. Disponível na Internet: <http://www.oapix.org.pt>

O Costa do Castelo [Registo vídeo]. Realização de Arthur Duarte. Sonoro Filme, 1943. (132 min)

O Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa: 50 Anos Depois; Escola Universitária das Artes de Coimbra; Coimbra, 2012

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Arquitectura in LIMA, Fernando de Castro Pires de; A Arte Popular em Portugal. 1.º vol.; Editorial Verbo; Lisboa, 1959; pp. 15-137

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Arquitectura Tradicional Portuguesa; Publicações Dom Quixote; Lisboa, 1992

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Palheiros do Litoral Central Português; Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular; Lisboa, 1964

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de e GALHANO, Fernando; Tecnologia Tradicional Portuguesa. Pisões Portugueses; Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia; Lisboa, 1977

O Problema da Habitação e o I Congresso Nacional de Arquitectura in Infohabitar. Revista Semanal sobre o Habitat Humano [em linha]. Infohabitar, 2008. [consulta. 2018-10-28]. Disponível na Internet: <http://infohabitar.blogspot.com/2008/10/o-problema-da-habitao-e-o-i-congresso.html>

PAGANO, Giuseppe e DANIEL, Guarniero; *Architettura Rurale Italiana. Quaderni della Triennale*; Ulrico Hoepli Editore; Milano, 1936

PASTOR, Artur; Algarve. Portugal; Bertrand; Lisboa, 1965

PASTOR, Artur; Nazaré. Portugal; Bertrand; Lisboa, 1958

PEREIRA, Nuno Teotónio; A Arquitectura do Regime 1938-1948 in AA. VV; Arquitectura do século XX. Portugal; Prestel; Munique, 1997; pp. 33-39

Plano de Povoamento Florestal in Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas [em linha]. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2017. [consulta. 2020-09-27]. Disponível na Internet: <http://www2.icnf.pt/portal/florestas/gf/regflo/q-e>

Povo que Canta [Registo vídeo]. Realização de Alfredo Tropa. RTP, 1971-1974. (25 min)

1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva. Teses Conclusões e Votos do Congresso; Sindicato Nacional dos Arquitectos; 1948

RAPOPORT, Amos; *House Form and Culture*; Prentice-Hall, Inc.; N.J., 1969

RIBEIRO, Orlando; Opúsculos Geográficos VI. Estudos Regionais; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa, 1995

RIBEIRO, Orlando; Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo Geográfico; Coimbra Editora; Coimbra, 1945

Roque Gameiro in Tribo dos Pincéis [em linha]. Tribo dos Pincéis, 2017. [consulta. 2018-11-12]. Disponível na Internet: <http://tribop.pt/TPd/01/20#A%20Ponte%20de%20Av%C3%B4>

RUDOLFSKY, Bernard; *Architecture without Architects. An Introduction to Non-Pedigreed Architecture*; The Museum of Modern Art; New York, 1964

SALAZAR, Oliveira; Discursos e Notas Políticas. III; 1938-1943; Coimbra Editora, L.da

SALVADO, J.; MARTINS, A. M. T.; NEPOMUCENO, M. C. S.; *From popular to contemporary: a review on Portuguese vernacular architecture in Proceedings of the 4th International Conference on Preservation, Maintenance and Rehabilitation of Historic Buildings and Structures*; Green Lines Instituto para o Desenvolvimento Sustentável; Barcelos, 2019; pp. 389-397

SARAIVA, Clara; João Leal, Antropologia em Portugal: Mestres, Percursos, Tradições in Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia. vol. 12 (1)|2008; pp. 265-268

SARAMAGO, José; Viagem a Portugal; Porto Editora; Porto, 2016

SOBRAL, José Manuel; Anthony D. Smith (1939-2016) in *Análise Social*. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 220, LI (3.º), 2016; pp. 765-769

SONTAG, Susan; *On Photography*; Rosetta Books LLC; New York, 2005

Square Format in *Square Format Photographs* [em linha]. *Photographic Psychology: Image and Psyche*. [consulta. 2018-10-26]. Disponível na Internet: http://truecenterpublishing.com/photopsy/square_format.htm

STEICHEN, Edward; *The Family of Man*; The Museum of Modern Art; New York, 1955

TAVARES, António Freitas; Construção em Terra na Região Centro in *Arquitecturas de Terra. Trunfos e Potencialidades Materiais e Tecnologia Lógica do Restauro Actualidade e Futuro*; Comissão de Coordenação da Região Centro. *Alliance Française* de Coimbra. Museu Monográfico de Conimbriga; Conimbriga, 1992; pp. 29-58

TÁVORA, Fernando; O Problema da Casa Portuguesa. Cadernos de Arquitectura n. 01; Lisboa, 1947; citado por Ana Motta Veiga in *Revisitar Fernando Távora. Obra e Vida* [em linha]. *Wordpress*, 2018. [consulta. 2018-11-10]. Disponível na Internet: <https://revisitavora.wordpress.com>

TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa e BELÉM, Margarida da Cunha; *Diálogos de Edificação: Estudo de Técnicas Tradicionais de Construção*; CRAT; Lisboa, 1998

Território Comum. *Imagens do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, Portugal 1955-57*; Ordem dos Arquitectos; 2013

TEUNISSEN, Bert; *Domestic Landscapes. A Portrait of Europeans at Home*; Aperture; 2007

The Apollo 11 Flight Journal. Day 2, part 1: Midcourse Correction [Registo sonoro]. Estados Unidos da América, 1969 in *National Aeronautics and Space Administration* [em linha]. *NASA History Division*, 2020. [consulta. 2020-10-20]. Disponível na Internet: <https://history.nasa.gov/afj/ap11fj/05day2-mcc.html>

TORGA, Miguel; *Diário XII*; Gráfica de Coimbra; 2.^a Edição; Coimbra, 1977

Trás-os-Montes [Registo vídeo]. Realização de António Reis e Margarida Martins Cordeiro. Centro Português de Cinema, 1976. (108 min)

Veredas [Registo vídeo]. Realização de João César Monteiro. Instituto Português de Cinema, 1978. (120 min)

Vilarinho das Furnas [Registo vídeo]. Realização de António Campos. 1971. (65 min)

Anexos

Anexo I

Arquitetura Popular em Portugal

Zona 3

Arqs. Keil do Amaral, José Huertas Lobo e João José Malato

Castelo Branco - 63 imagens

Coimbra - 6 imagens

Guarda - 121 imagens

Santarém - 4 imagens

Viseu - 95 imagens

s/legenda - 15 imagens

s/localização - 8 imagens + 15

Exemplo: N.º da Página; N.º da figura; Descrição, ex.: vista geral; Região

218; 1ª; parede (pormenor); s/legenda

220; 2ª; vista parcial; Serra da Estrela. Guarda

220; 3ª; animais; s/legenda

221; 4ª; cenas da vida rural; Canas de Senhorim. Nelas. Viseu

222; 5ª; vista geral; arredores de Pinhel. Guarda

223; 6ª; vista geral; Catarredor. Coimbra

224; 7ª; cenas da vida rural; Linhares. Celorico da Beira. Guarda

225; 8ª; ponte; Serra de Montemuro. Viseu

226; 9ª; cenas da vida rural; Serra de Montemuro. Viseu

227; 10ª; abrigo móvel; Arrifana. Seia. Guarda

228; 11ª; cenas da vida rural; Vila Mendo de Tavares. Mangualde. Viseu

229; 12ª; vista geral; arredores da Guarda. Guarda

230; 13ª; vista parcial; Alvoco da Serra. Seia. Guarda

231; 14ª; aglomerado (pormenor); Sortelha. Sabugal. Guarda

231; 15ª; aglomerado (pormenor); Sabugal. Guarda

231; 16ª; aglomerado (pormenor); Outeiro da Vinha. Seia. Guarda

232; 17ª; interior; Monsanto. Idanha-a-Nova. Castelo Branco

232; 18ª; interior; Gralheira. Cinfães. Viseu

232; 19ª; interior; Gralheira. Viseu

232; 20ª; levantamento; Mezio. Castro Daire. Viseu

232; 21ª; levantamento; Monteiras. Castro Daire. Viseu

233; 22ª; interior; Castelo Novo. Fundão. Castelo Branco

233; 23ª; interior; Monsanto. Idanha-a-Nova. Castelo Branco

233; 24ª; interior; Nave de Haver. Almeida. Guarda

233; 25ª; levantamento; Cabeça das Mós. Santarém

233; 26ª; animais; Canas de Senhorim. Nelas. Viseu

234; 27ª; cenas da vida rural; Relva. Castro Daire. Viseu

235; 28ª; animais; Santa Marinha. Seia. Guarda

235; 29^a; arruamento; Colo de Pito. Castro Daire. Viseu

235; 30^a; arruamento; Monsanto. Idanha-a-Nova. Castelo Branco

235; 31^a; arruamento; Alpedrinha. Fundão. Castelo Branco

235; 32^a; arruamento (pormenor); Viseu

236; 33^a; aglomerado (pormenor); Outeiro da Vinha. Seia. Guarda

236; 34^a; aglomerado (pormenor); Outeiro da Vinha. Seia. Guarda

236; 35^a; aglomerado (pormenor); Outeiro da Vinha. Seia. Guarda

236; 36^a; levantamento; Outeiro da Vinha. Seia. Guarda

236; 37^a; vista parcial sobre largo; Moreira de Rei. Trancoso. Guarda

236; 38^a; levantamento; Moreira de Rei. Trancoso. Guarda

237; 39^a; largo (pormenor); Castelo Novo. Fundão. Castelo Branco

237; 40^a; vista parcial sobre largo; Castelo Novo. Fundão. Castelo Branco

237; 41^a; levantamento; Castelo Novo. Fundão. Castelo Branco

238; 42^a; vista parcial sobre largo; Trancoso. Guarda

239; 43^a; forno comum (levantamento); Parada. Almeida. Guarda

239; 44^a; tronco de ferrador; s/localização

239; 45^a; feira; s/localização

239; 46^a; poço público (levantamento); Lardosa. Castelo Branco

240; 47^a; vista parcial sobre arruamento desde um interior; Malpica do Tejo. Castelo Branco

243; 48^a; edificação; Freineda. Almeida. Guarda

243; 49^a; levantamento; s/legenda

244; 50^a; aglomerado (pormenor); Monsanto. Idanha-a-Nova. Castelo Branco

244; 51^a; vista parcial sobre largo; Vila Cova à Coelheira. Seia. Guarda

244; 52^a; aglomerado (pormenor); Urgueira. Sabugal. Guarda

244; 53^a; arruamento (pormenor); Senhora da Lapa. Sernancelhe. Viseu

244; 54^a; edificação (pormenor); Casteirão. Mêda. Guarda

244; 55^a; aglomerado (pormenor); Peva. Moimenta da Beira. Viseu

245; 56^a; habitação (levantamento); Vale de Igreja. Seia. Guarda

245; 57^a; edificação (pormenor); Valbom. Guarda

245; 58^a; aglomerado (pormenor); Outeiro da Vinha. Seia. Guarda

246; 59^a; aglomerado (pormenor); Moura Morta. Castro Daire. Viseu

246; 60^a; vista parcial sobre espigueiros; Relva. Castro Daire. Viseu

246; 61^a; aglomerado (pormenor); Moura Morta. Viseu

246; 62^a; vista parcial sobre largo; Monteiras. Castro Daire. Viseu

246; 63^a; ruína; Mezio. Castro Daire. Viseu

246; 64^a; edificação (pormenor); Relva. Viseu

246; 65^a; habitação (levantamento); Moura Morta. Viseu

247; 66^a; habitação (levantamento); Gralheira. Cinfães. Viseu

247; 67^a; habitação (levantamento); Moura Morta. Viseu

247; 68^a; vista parcial sobre edificação; Relva. Castro Daire. Viseu

248; 69^a; levantamento; s/legenda

248; 70^a; poço público; Vale da Mula. Almeida. Guarda
249; 71^a; edificação (pormenor); S. Pedro de Rio Seco. Almeida. Guarda
249; 72^a; edificação (pormenor); Malpartida. Almeida. Guarda
249; 73^a; edificação (pormenor); Navas. Almeida. Guarda
249; 74^a; edificação (pormenor); S. Pedro de Rio Seco. Almeida. Guarda
249; 75^a; edificação (pormenor); Malpartida. Guarda
249; 76^a; embasamento (pormenor); Navas. Almeida. Guarda
249; 77^a; habitação (levantamento); Malpartida. Guarda
250; 78^a; vista parcial sobre arruamento; Paúl. Covilhã. Castelo Branco
250; 79^a; edificação; Paúl. Covilhã. Castelo Branco
250; 80^a; edificação; Paúl. Covilhã. Castelo Branco
250; 81^a; edificação (pormenor); Paúl. Covilhã. Castelo Branco
250; 82^a; edificação (pormenor); Paúl. Covilhã. Castelo Branco
250; 83^a; edificação (pormenor); Paúl. Covilhã. Castelo Branco
250; 84^a; levantamento; Paúl. Covilhã. Castelo Branco
251; 85^a; habitação (levantamento); Paúl. Covilhã. Castelo Branco
251; 86^a; aglomerado (pormenor); Paúl. Covilhã. Castelo Branco
252; 87^a; habitação (levantamento); Nave de Haver. Almeida. Guarda
252; 88^a; vista parcial sobre edificação; Nave de Haver. Guarda
252; 89^a; edificação (pormenor); Nave de Haver. Guarda
252; 90^a; aglomerado (pormenor); Malhada Sorda. Almeida. Guarda
252; 91^a; estrada (pormenor); Malhada Sorda. Guarda
252; 92^a; lajes de pedra; Vilar Maior. Sabugal. Guarda
252; 93^a; arruamento (pormenor); Malhada Sorda. Guarda
253; 94^a; edificação (pormenor); Malhada Sorda. Almeida. Guarda
253; 95^a; levantamento; s/legenda
254; 96^a; aglomerado (pormenor); Malpica do Tejo. Castelo Branco
254; 97^a; aglomerado (pormenor); Malpica do Tejo. Castelo Branco
254; 98^a; aglomerado (pormenor); Malpica do Tejo. Castelo Branco
254; 99^a; interior; Malpica do Tejo. Castelo Branco
254; 100^a; interior; Malpica do Tejo. Castelo Branco
254; 101^a; vista parcial sobre arruamento desde um interior; Malpica do Tejo. Castelo Branco
254; 102^a; levantamento; Malpica do Tejo. Castelo Branco
255; 103^a; levantamento; Malpica do Tejo. Castelo Branco
255; 104^a; edificação (pormenor); Malpica do Tejo. Castelo Branco
256; 105^a; edificação (pormenor); Vila de Rei. Sertã. Castelo Branco
256; 106^a; edificação; Cabeça das Mós. Santarém
256; 107^a; aglomerado (pormenor); Sardoal. Santarém
256; 108^a; catraia; Meãs. Pampilhosa da Serra. Coimbra
256; 109^a; estação da via-sacra; Pedrógão Pequeno. Sertã. Castelo Branco
256; 110^a; capela de alminhas; Mouriscas. Abrantes. Santarém

260; 111 ^a ; interior; Prova. Mêda. Guarda
264; 112 ^a ; vista geral; Barco. Covilhã. Castelo Branco
265; 113 ^a ; vista geral; Loriga. Seia. Guarda
265; 114 ^a ; vista parcial; Monsanto. Idanha-a-Nova. Castelo Branco
266; 115 ^a ; vista parcial; Valezim. Seia. Guarda
267; 116 ^a ; aglomerado (pormenor); Marialva. Mêda. Guarda
267; 117 ^a ; vista geral; Travanca. Oliveira de Frades. Viseu
268; 118 ^a ; levantamento; Sabugal. Guarda
268; 119 ^a ; vista geral; Sabugal. Guarda
269; 120 ^a ; vista parcial; Sortelha. Sabugal. Guarda
269; 121 ^a ; vista parcial; Trancoso. Guarda
269; 122 ^a ; vista aérea; Almeida. Guarda
270; 123 ^a ; levantamento; Viseu
270; 124 ^a ; vista parcial; Senhora da Lapa. Sernancelhe. Viseu
271; 125 ^a ; vista aérea; Viseu
272; 126 ^a ; vista parcial; Coimbra
272; 127 ^a ; vista geral; Coimbra
274; 128 ^a ; edificação; Santa Comba Dão. Viseu
274; 129 ^a ; pocilgas sob as entradas para as habitações (levantamento); Cavadoude. Guarda
275; 130 ^a ; cenas da vida rural; Cujó. Castro Daire. Viseu
275; 131 ^a ; edificação (pormenor); Gralheira. Cinfães. Viseu
275; 132 ^a ; ruína; Moura Morta. Castro Daire. Viseu
276; 133 ^a ; edificação; Arrifana. Seia. Guarda
276; 134 ^a ; animais; Cabanas. Carregal do Sal. Viseu
276; 135 ^a ; interior; s/legenda
278; 136 ^a ; blocos de pedra; entre a Guarda e Vilar Formoso
278; 137 ^a ; trabalhos de construção; entre a Guarda e Vilar Formoso
278; 138 ^a ; trabalhos de construção; entre a Guarda e Vilar Formoso
278; 139 ^a ; edificação (pormenor); Moreira de Rei. Trancoso. Guarda
278; 140 ^a ; parede (pormenor); arredores de Viseu
278; 141 ^a ; edificação (pormenor); Vale de Igreja. Seia. Guarda
278; 142 ^a ; edificação (pormenor); Monteiras. Castro Daire. Viseu
279; 143 ^a ; vista parcial; Linhares. Celorico da Beira. Guarda
280; 144 ^a ; edificação (pormenor); Alvoco da Serra. Seia. Guarda
280; 145 ^a ; pavimento (pormenor); Cavadoude. Guarda
280; 146 ^a ; edificação (pormenor); Marialva. Mêda. Guarda
280; 147 ^a ; pavimento (pormenor); Malhada Sorda. Almeida. Guarda
280; 148 ^a ; parede (pormenor); Alvoco da Serra. Guarda
280; 149 ^a ; pavimento (pormenor); Guarda
281; 150 ^a ; edificação (pormenor); Outeiro da Vinha. Seia. Guarda
281; 151 ^a ; parede (pormenor); Candal. Coimbra

281; 152^a; edificação (pormenor); Malha-Pão. Seia. Guarda

282; 153^a; parede (pormenor); Paúl. Covilhã. Castelo Branco

282; 154^a; edificação (pormenor); Paúl. Covilhã. Castelo Branco

282; 155^a; edificação (pormenor); Paúl. Covilhã. Castelo Branco

282; 156^a; calhaus rolados; Paúl. Covilhã. Castelo Branco

283; 157^a; lajes de pedra; Malhada Sorda e Nave de Haver. Almeida. Guarda

283; 158^a; edificação (pormenor); Nave de Haver. Almeida. Guarda

283; 159^a; edificação (pormenor); Malhada Sorda e Nave de Haver. Almeida. Guarda

283; 160^a; aglomerado (pormenor); Malhada Sorda e Nave de Haver. Almeida. Guarda

283; 161^a; edificação (pormenor); Malhada Sorda e Nave de Haver. Almeida. Guarda

284; 162^a; vegetação; Nelas. Viseu

284; 163^a; vegetação; Moreira de Rei. Trancoso. Guarda

284; 164^a; trabalhos de serração; Vila Mendo de Tavares. Mangualde. Viseu

284; 165^a; interior; Pedrógão Pequeno. Sertã. Castelo Branco

284; 166^a; varanda de madeira (pormenor); Canas de Senhorim. Nelas. Viseu

284; 167^a; espigueiro (pormenor); Moura Morta. Castro Daire. Viseu

285; 168^a; cobertura (pormenor); Guarita. Santa Comba Dão. Viseu

285; 169^a; cobertura (pormenor); Canas de Senhorim. Nelas. Viseu

285; 170^a; porta (pormenor); Moura Morta. Castro Daire. Viseu

285; 171^a; cobertura (pormenor); Santa Comba Dão. Viseu

285; 172^a; pavimento (pormenor); Marialva. Mêda. Guarda

286; 173^a; fabrico de telhas; s/legenda

286; 174^a; pormenores de coberturas “telhados”; s/localização

286; 175^a; aglomerado (pormenor); Sabugal. Guarda

287; 176^a; aglomerado (pormenor); Bigorne. Lamego. Viseu

287; 177^a; pormenor de cobertura “colmatada” (levantamento); s/localização

287; 178^a; trabalhos de construção; s/legenda

288; 179^a; aglomerado (pormenor); Pêro Viseu. Fundão. Castelo Branco

288; 180^a; edificação (pormenor); S. Martinho de Peva. Moimenta da Beira. Viseu

288; 181^a; aglomerado (pormenor); Alpedrinha. Fundão. Castelo Branco

289; 182^a; aglomerado (pormenor); Castelo Novo. Fundão. Castelo Branco

289; 183^a; pormenor de uma varanda de madeira (levantamento); s/localização

290; 184^a; edificação (pormenor); Pedrógão Pequeno. Sertã. Castelo Branco

290; 185^a; edificação (pormenor); Santa Cruz da Trapa. S. Pedro do Sul. Viseu

290; 186^a; edificação (pormenor); Guarda

290; 187^a; “envidraçado”; Carregal. Sernancelhe. Viseu

290; 188^a; “envidraçado”; Moimenta da Beira. Viseu

291; 189^a; interior; Pedrógão Pequeno. Sertã. Castelo Branco

292; 190^a; protecção dum portal de pátio; s/localização

292; 191^a; aglomerado (pormenor); Peso. Covilhã. Castelo Branco

292; 192^a; edificação (pormenor); Vila Cova à Coelheira. Seia. Guarda

293; 193^a; cobertura (pormenor); Bigorne. Lamego. Viseu

293; 194^a; aglomerado (pormenor); Vila Boa. Castro Daire. Viseu

293; 195^a; cobertura (pormenor); Moura Morta. Castro Daire. Viseu

293; 196^a; aglomerado (pormenor); Sortelha. Sabugal. Guarda

293; 197^a; cobertura (pormenor); Relva. Castro Daire. Viseu

293; 198^a; cobertura (pormenor); Moura Morta. Viseu

293; 199^a; conjunto de casas; Malha-Pão. Seia. Guarda

294; 200^a; cenas da vida rural; Bustelo. Cinfães. Viseu

294; 201^a; edificação; Monsanto. Idanha-a-Nova. Castelo Branco

294; 202^a; edificação (pormenor); Cavadoude. Guarda

295; 203^a; aglomerado (pormenor); Monsanto. Idanha-a-Nova. Castelo Branco

295; 204^a; edificação (pormenor); Cavadoude. Guarda

295; 205^a; edificação; Algodres. Fornos de Algodres. Guarda

296; 206^a; vista parcial sobre espigueiros; Moura Morta. Castro Daire. Viseu

296; 207^a; espigueiro com estrutura de madeira (levantamento); Moura Morta. Castro Daire. Viseu

296; 208^a; cenas da vida rural; Almargem. Viseu

297; 209^a; aglomerado (pormenor); Marialva. Mêda. Guarda

297; 210^a; edificação (pormenor); Santa Comba Dão. Viseu

297; 211^a; organização do mercado local (levantamento); Santa Comba Dão. Viseu

298; 212^a; aglomerado (pormenor); s/legenda

299; 213^a; arruamento; Sabugal. Guarda

299; 214^a; aglomerado (pormenor); Sabugal. Guarda

300; 215^a; vista parcial sobre largo; Alpedrinha. Fundão. Castelo Branco

300; 216^a; edificação (pormenor); Mosteiro de Fráguas. Tondela. Viseu

301; 217^a; edificação (pormenor); Terrenho. Trancoso. Guarda

301; 218^a; pelourinho (pormenor); Vila da Rua. Moimenta da Beira. Viseu

301; 219^a; brasão; Torre do Terrenho. Trancoso. Guarda

302; 220^a; edificação (pormenor); Santar. Nelas. Viseu

302; 221^a; colunata (pormenor); Oliveira do Conde. Carregal do Sal. Viseu

303; 222^a; edificação (pormenor); Fundão. Castelo Branco

303; 223^a; edificação (pormenor); Fundão. Castelo Branco

304; 224^a; igreja; Sernancelhe. Viseu

304; 225^a; vista parcial sobre igreja; Marialva. Mêda. Guarda

304; 226^a; cunhal (pormenor); s/legenda

304; 227^a; cobertura (pormenor); Nave de Haver. Almeida. Guarda

305; 228^a; vista parcial sobre igreja; Marialva. Mêda. Guarda

306; 229^a; casa típica de judeus (levantamento); Alcaide. Fundão. Castelo Branco

306; 230^a; edificação (pormenor); Rochoso. Guarda

306; 231^a; edificação (pormenor); Erada. Covilhã. Castelo Branco

306; 232^a; vista parcial sobre edificação; Erada. Covilhã. Castelo Branco

307; 233 ^a ; inscrição (pormenor); Torre do Terrenho. Trancoso. Guarda
307; 234 ^a ; aglomerado (pormenor); Torre do Terrenho. Trancoso. Guarda
308; 235 ^a ; aglomerado (pormenor); Casteiçõ. Mêda. Guarda
310; 236 ^a ; aglomerado (pormenor); Santa Comba Dão. Viseu
310; 237 ^a ; espigueiro típico da região (levantamento); Souto de Lafões. Oliveira de Frades. Viseu
311; 238 ^a ; espigueiro (pormenor); Várzea da Serra. Tarouca. Viseu
312; 239 ^a ; edificação; Várzea da Serra. Tarouca. Viseu
312; 240 ^a ; edificação (pormenor); Trancoso. Guarda
312; 241 ^a ; edificação (pormenor); Malhada Sorda. Almeida. Guarda
312; 242 ^a ; edificação (pormenor); Touro. Vila Nova de Paiva. Viseu
313; 243 ^a ; edificação (pormenor); Parada. Almeida. Guarda
313; 244 ^a ; edificação (pormenor); Vila da Rua. Moimenta da Beira. Viseu
313; 245 ^a ; vista parcial sobre edificação; Erada. Covilhã. Castelo Branco
314; 246 ^a ; fachada de habitação típica (levantamento); Paúl. Fundão. Castelo Branco
314; 247 ^a ; aglomerado (pormenor); Relva. Castro Daire. Viseu
315; 248 ^a ; uma habitação típica (levantamento); Malpica do Tejo. Castelo Branco
315; 249 ^a ; interior; Malpica do Tejo. Castelo Branco
315; 250 ^a ; fachada de uma casa de habitação (levantamento); Erada. Covilhã. Castelo Branco
316; 251 ^a ; levantamento; S. Martinho de Peva. Moimenta da Beira. Viseu
316; 252 ^a ; levantamento; Santa Cruz da Trapa. S. Pedro do Sul. Viseu
317; 253 ^a ; varanda de madeira (pormenor); Canas de Senhorim. Nelas. Viseu
317; 254 ^a ; varanda de ferro (pormenor); S. Martinho de Peva. Moimenta da Beira. Viseu
317; 255 ^a ; levantamento; Santa Cruz da Trapa. S. Pedro do Sul. Viseu
317; 256 ^a ; interior; Prova. Guarda
318; 257 ^a ; casa seiscentista; Castelo Novo. Fundão. Castelo Branco
318; 258 ^a ; casa dos escalos (levantamento); Urgueira. Sabugal. Guarda
319; 259 ^a ; levantamento; s/legenda
319; 260 ^a ; edificação (pormenor); Sobral do Campo. Castelo Branco
319; 261 ^a ; edificação (pormenor); Casal de Cinza. Guarda
320; 262 ^a ; pormenores característicos do remate superior das escadas e do encurtamento dos vãos; s/localização
320; 263 ^a ; pormenores característicos do remate superior das escadas e do encurtamento dos vãos; s/localização
321; 264 ^a ; bancos; Freineda. Almeida. Guarda
321; 265 ^a ; parede (pormenor); Canas de Senhorim. Nelas. Viseu
321; 266 ^a ; edificação (pormenor); Linhares. Celorico da Beira. Guarda
321; 267 ^a ; parede (pormenor); Malhada Sorda. Almeida. Guarda
321; 268 ^a ; edificação (pormenor); Santa Comba Dão. Viseu
321; 269 ^a ; edificação (pormenor); Paúl. Covilhã. Castelo Branco
321; 270 ^a ; edificação (pormenor); Cujó. Castro Daire. Viseu
321; 271 ^a ; parede (pormenor); Santa Comba Dão. Viseu

321; 272 ^a ; edificação (pormenor); Nave de Haver. Almeida. Guarda
321; 273 ^a ; parede (pormenor); Marialva. Mêda. Guarda
322; 274 ^a ; edificação (pormenor); Marialva. Mêda. Guarda
322; 275 ^a ; alminhas; Cabanas. Carregal do Sal. Viseu
322; 276 ^a ; embasamento (pormenor); Mezio. Castro Daire. Viseu
323; 277 ^a ; parede (pormenor); Mosteiro. Aguiar da Beira. Guarda
323; 278 ^a ; edificação; Freixial do Campo. Castelo Branco
323; 279 ^a ; vista parcial sobre edificação; Freineda. Almeida. Guarda
323; 280 ^a ; aglomerado (pormenor); Malhada Sorda. Almeida. Guarda
323; 281 ^a ; edificação; A de Barros. Sernancelhe. Viseu
324; 282 ^a ; vista parcial sobre largo; Castelo Mendo. Almeida. Guarda
325; 283 ^a ; vista parcial sobre largo; Várzea da Serra. Tarouca. Viseu
325; 284 ^a ; vista parcial sobre largo; Algodres. Fornos de Algodres. Guarda
325; 285 ^a ; aglomerado (pormenor); Sortelha. Sabugal. Guarda
325; 286 ^a ; vista parcial sobre largo; Zebreira. Idanha-a-Nova. Castelo Branco
326; 287 ^a ; alminhas (pormenor); s/legenda
326; 288 ^a ; alminhas (pormenor); s/legenda
326; 289 ^a ; alminhas; s/legenda
326; 290 ^a ; alminhas; s/legenda
326; 291 ^a ; poço público; Rabaçal. Mêda. Guarda
326; 292 ^a ; poço público; Marialva. Mêda. Guarda
327; 293 ^a ; vista parcial sobre cruzeiros; Moura Morta. Castro Daire. Viseu
327; 294 ^a ; cruzeiro (pormenor); Cujó. Castro Daire. Viseu
328; 295 ^a ; brasão (pormenor); Freineda. Almeida. Guarda
328; 296 ^a ; cobertura (pormenor); Torre do Terrenho. Trancoso. Guarda
329; 297 ^a ; edificação (pormenor); Senhora da Lapa. Sernancelhe. Viseu
329; 298 ^a ; edificação (pormenor); Mosteiro de Fráguas. Tondela. Viseu
329; 299 ^a ; edificação (pormenor); Canas de Senhorim. Nelas. Viseu
330; 300 ^a ; alminhas (pormenor); Sabugosa de Baixo. Viseu
330; 301 ^a ; edificação (pormenor); Sezures. Viseu
330; 302 ^a ; edificação (pormenor); Nave. Sabugal. Guarda
330; 303 ^a ; embasamento (pormenor); Couto de Baixo. Viseu
331; 304 ^a ; vista parcial sobre um interior desde o exterior; Aldeia Viçosa. Guarda
332; 305 ^a ; edificação (pormenor); Rabaçal. Mêda. Guarda
333; 306 ^a ; igreja; Lourosa. Oliveira do Hospital. Coimbra
333; 307 ^a ; igreja; Covilhã. Castelo Branco
333; 308 ^a ; aglomerado (pormenor); Urgueira. Sabugal. Guarda
334; 309 ^a ; edificação (pormenor); Guarda
335; 310 ^a ; edificação (pormenor); Cujó. Castro Daire. Viseu
335; 311 ^a ; “envidraçado”; Fonte Arcada. Sernancelhe. Viseu
335; 312 ^a ; edificação; Santa Comba Dão. Viseu

Anexo II



obs.

—

ficha técnica 001

descrição

paisagem característica

concelho

Castelo Branco

freguesia

Castelo Branco

localidade

Monte do Chaveiro

localização

estrada N18-8

39.766195, -7.448947

data

11 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 002

descrição

ruínas fabris

concelho

Castelo Branco

freguesia

Castelo Branco

localidade

Monte do Chaveiro

localização

estrada N18-8

39.767691, -7.449793

data

11 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 003

descrição
ruínas fabris

concelho
Castelo Branco

freguesia
Castelo Branco

localidade
Monte do Chaveiro

localização
estrada N18-8
39.767691, -7.449793

data 11 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 004

descrição
paisagem característica

concelho
Castelo Branco

freguesia
Castelo Branco

localidade
Monte do Chaveiro

localização
junto à estrada N18-8
39.768243, -7.448929

data 11 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 005

descrição

interior em ruínas (pormenor)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Castelo Branco

localidade

Monte do Chaveiro

localização

junto à estrada N18-8

39.767057, -7.447897

data

11 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 006

descrição

aglomerado

concelho

Castelo Branco

freguesia

Castelo Branco

localidade

Monte do Chaveiro

localização

junto à estrada N18-8

39.766746, -7.447862

data

11 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 007

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Castelo Branco

localidade

Monte do Chaveiro

localização

junto à estrada N18-8

39.766746, -7.447862

data

11 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 008

descrição

outão (pormenor) - *terça*

concelho

Castelo Branco

freguesia

Castelo Branco

localidade

Monte do Chaveiro

localização

junto à estrada N18-8

39.766746, -7.447862

data

11 de Abril de 2018



ficha técnica 009

descrição

paisagem característica

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

estrada N18-8

39.692324, -7.400890

obs.

—

data

14 de Abril de 2018



ficha técnica 010

descrição

sobreiro

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

estrada N18-8

39.691373, -7.399811

obs.

—

data

14 de Abril de 2018



ficha técnica 011

descrição

outão

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

obs.

—

localização

Rua da Mina

39.687539, -7.397365

data

14 de Abril de 2018



ficha técnica 012

descrição

porta

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

obs.

—

localização

Rua da Mina

39.687539, -7.397365

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 013

descrição
porta

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
quelha antes do nº51 da Rua da Mina, à direita
39.684095, -7.397335

data 14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 014

descrição
porta (pormenor) - *bedelho*

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
quelha antes do nº51 da Rua da Mina, à direita
39.684095, -7.397335

data 14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 015

descrição

rua

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua de São José

39.682194, -7.396495

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 016

descrição

palheiro

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua da Fontainha

39.682398, -7.397375

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 017

descrição
palheiro (pormenor) - porta

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
Rua da Fontainha
39.682398, -7.397375

data 14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 018

descrição
ombreira (pormenor)

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
Rua da Fontainha
39.682398, -7.397375

data 14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 019

descrição

palheiro (interior em ruínas)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua da Fontainha

39.682398, -7.397375

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 020

descrição

palheiro (interior em ruínas)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua da Fontainha

39.682398, -7.397375

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 021

descrição
porta

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
Rua do Vale Covo nº18
39.681371, -7.397364

data 14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 022

descrição
outão (pormenor) - taipa

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
Rua Prof. Doutor Manuel Alfredo Morais
Martins
39.680944, -7.397884

data 14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 023

descrição

outão (pormenor) - taipa

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

quelha à direita de quem regressa, na Rua do Vale Covo

39.681547, -7.396982

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 024

descrição

casa

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua Nova nº54

39.681166, -7.395367

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 025

descrição
casa (interior em ruínas)

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
Rua Nova nº54
39.681166, -7.395367

data 14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 026

descrição
casa (interior em ruínas)

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
Rua Nova nº54
39.681166, -7.395367

data 14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 027

descrição

casa (interior em ruínas) - janela

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua Nova nº54

39.681166, -7.395367

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 028

descrição

casa (interior em ruínas)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua Nova nº54

39.681166, -7.395367

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 029

descrição

casa (interior em ruínas) - pavimento

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua Nova nº54

39.681166, -7.395367

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 030

descrição

casa (interior em ruínas) - porta

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua Nova nº54

39.681166, -7.395367

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 031

descrição
gentes

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
Largo da Igreja

data 14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 032

descrição
aglomerado

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
Rua da Ruinha
39.680183, -7.392906

data 14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 033

descrição

rua

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua da Ruinha

39.680113, -7.392843

data

14 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 034

descrição

palheiro

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua da Ruinha

39.679412, -7.392833

data

14 de Abril de 2018



ficha técnica 035

descrição

ombreira (pormenor) - *gonzos*

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

obs.

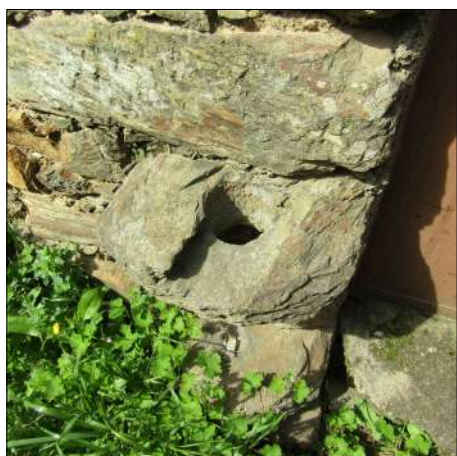
—

localização

Rua de Pires Correia, bifurcação
39.678094, -7.393910

data

16 de Abril de 2018



ficha técnica 036

descrição

gonzo

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

obs.

engenho formado por um espigão de madeira encaixado numa pedra furada, que possibilita o movimento das *folhas* das portas e janelas primitivas, charneira, dobradiça.

localização

Rua de Pires Correia, bifurcação
39.678094, -7.393910

data

16 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 037

descrição

rua

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua de Pires Correia, bifurcação

39.677741, -7.393781

data

16 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 038

descrição

outão

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua da Oliveira

39.680183, -7.392906

data

16 de Abril de 2018



ficha técnica 039

descrição

*tardo*z (pormenor)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

obs.

—

localização

Rua da Oliveira

39.680216, -7.392818

data

16 de Abril de 2018



ficha técnica 040

descrição

aglomerado

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

obs.

—

localização

Rua de Trás da Igreja

39.680806, -7.392213

data

16 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 041

descrição
palheiros

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
"quelha dos palheiros"
39.681259, -7.391405

data

16 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 042

descrição
palheiro (pormenor) - porta

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
"quelha dos palheiros"
39.681259, -7.391405

data

16 de Abril de 2018



ficha técnica 043

descrição
porta

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
Rua do Lombinho
39.682285, -7.393488

obs.

—

data 16 de Abril de 2018



ficha técnica 044

descrição
casa

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Malpica do Tejo

localização
Rua do Reduto
39.681533, -7.394373

obs.

—

data 16 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 045

descrição

rua

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua do Reduto

39.681620, -7.394549

data

16 de Abril de 2018



obs.

peça metálica submissa a esforços de *tracção*. Colocar tirantes = segurar com *gatos*, *gatear*.

ficha técnica 046

descrição

outão (pormenor) - *tirante*

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

rua perpendicular à Pedro Álvares Cabral

39.683681, -7.393974

data

16 de Abril de 2018



ficha técnica 047

descrição
paisagem característica

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Senhora das Neves

localização
Monte de São Domingos
39.687226, -7.367849

obs.

—

data 30 de Abril de 2018



ficha técnica 048

descrição
capela

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Senhora das Neves

localização
Monte de São Domingos
39.686967, -7.368167

obs.

—

data 30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 049

descrição
capela (pormenor)

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Senhora das Neves

localização
Monte de São Domingos
39.687141, -7.368063

data 30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 050

descrição
capela (pormenor) - pórtico

concelho
Castelo Branco

freguesia
Malpica do Tejo

localidade
Senhora das Neves

localização
Monte de São Domingos
39.687141, -7.368063

data 30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 051

descrição

Sr. Joaquim

concelho

Castelo Branco

freguesia

Malpica do Tejo

localidade

Malpica do Tejo

localização

Rua de S. Bento

data

30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 052

descrição
casa (pormenor) - porta

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
Ladoeiro

localidade
Ladoeiro

localização
Rua da Zébreira nº43
39.833929, -7.258722

data 16 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 053

descrição
casa (interior em ruínas) - adobe

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
Ladoeiro

localidade
Ladoeiro

localização
Rua da Zébreira nº43
39.833929, -7.258722

data 16 de Abril de 2018



ficha técnica 054

descrição
rua

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
Zebreira

localidade
Zebreira

obs.

—

localização
rua de acesso ao cemitério
39.842912, -7.063911

data 16 de Abril de 2018



ficha técnica 055

descrição
aglomerado (pormenor) - varanda

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
Zebreira

localidade
Zebreira

obs.

—

localização
Bairro de São Sebastião n°9
39.845557, -7.064531

data 16 de Abril de 2018



ficha técnica 056

descrição
casa

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
Zebreira

localidade
Zebreira

localização
Bairro de São Sebastião nº4
39.845557, -7.064531

obs.
—

data 16 de Abril de 2018



ficha técnica 057

descrição
outão

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
Zebreira

localidade
Zebreira

localização
Bairro de São Sebastião nº4
39.845557, -7.064531

obs.
—

data 16 de Abril de 2018



ficha técnica 058

descrição

casa

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

Zebreira

localidade

Zebreira

obs.

—

localização

Rua da Avesseira n.º8

39.843714, -7.064347

data

16 de Abril de 2018



ficha técnica 059

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

Zebreira

localidade

Zebreira

obs.

—

localização

Rua da Avesseira n.º8

39.843714, -7.064347

data

16 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 060

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

Zebreira

localidade

Zebreira

localização

Rua da Avesseira n^o8

39.843714, -7.064347

data

16 de Abril de 2018



obs.

designação antiga para os catorze passos (estações) de Jesus, desde a condenação até à sepultura.

ficha técnica 061

descrição

carreira do senhor

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

Zebreira

localidade

Zebreira

localização

Rua da Praça

39.844122, -7.065364

data

16 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 062

descrição

aglomerado (pormenor) - balcão

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

Zebreira

localidade

Zebreira

localização

Rua João Tomaz Dias Boavida

39.843999, -7.065422

data

16 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 063

descrição

casa

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

Zebreira

localidade

Zebreira

localização

Rua Prof. António M. Romão nº17/17A

39.843523, -7.065350

data

16 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 064

descrição

paisagem característica a vazante do rio

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFEBM

localidade

Rio Pônsul

localização

estrada N240

39.858569, -7.333633

data

30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 065

descrição

Ponte de Pônsul

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFEBM

localidade

Rio Pônsul

localização

estrada N240

39.859099, -7.333868

data

30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 066

descrição
moinho de água

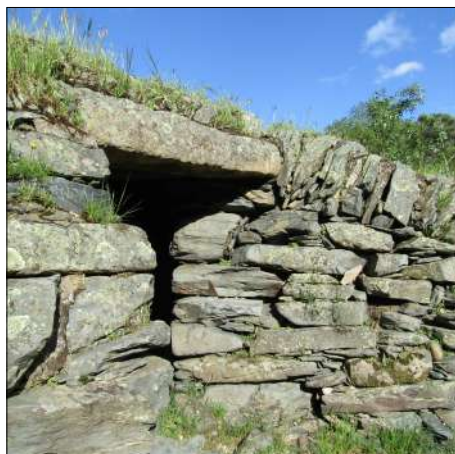
concelho
Castelo Branco

freguesia
UFEBM

localidade
Rio Pônsul

localização
junto à estrada N240
39.858873, -7.333462

data 30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 067

descrição
moinho de água (pormenor)

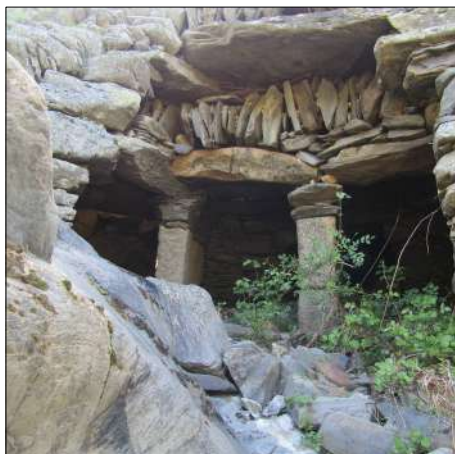
concelho
Castelo Branco

freguesia
UFEBM

localidade
Rio Pônsul

localização
junto à estrada N240
39.858873, -7.333462

data 30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 068

descrição

moinho de água (pormenor) - cavidades dos *rodízios*

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFEBM

localidade

Rio Pônsul

localização

junto à estrada N240

39.858873, -7.333462

data

30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 069

descrição

moinho de água (pormenor) - cavidade de um *rodízio*

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFEBM

localidade

Rio Pônsul

localização

junto à estrada N240

39.858873, -7.333462

data

30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 070

descrição

montante do rio

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFEBM

localidade

Rio Pônsul

localização

junto à estrada N240

39.859170, -7.333202

data

30 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 071

descrição

vista parcial sobre casario e Capela da Senhora do Miradouro

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

São Miguel de Acha

localidade

São Miguel de Acha

localização

Rua do Cais

40.016230, -7.321697

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 072

descrição

Capela da Senhora do Miradouro - interior

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

São Miguel de Acha

localidade

São Miguel de Acha

localização

Rua do Cais

40.016230, -7.321697

data

24 de Abril de 2018



ficha técnica 073

descrição
aglomerado

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
São Miguel de Acha

localidade
São Miguel de Acha

localização
Rua dos Olivais
40.016557, -7.321671

obs.

—

data 24 de Abril de 2018



ficha técnica 074

descrição
janela

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
São Miguel de Acha

localidade
São Miguel de Acha

localização
Rua dos Olivais nº33
40.016557, -7.321671

obs.

—

data 24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 075

descrição

varanda (pormenor) - tabique

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

São Miguel de Acha

localidade

São Miguel de Acha

localização

estrada N233

40.016626, -7.321093

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 076

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

São Miguel de Acha

localidade

São Miguel de Acha

localização

estrada N233

40.016626, -7.321093

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 077

descrição

vista parcial sobre casario e Capela do Espírito Santo

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

UFMIV

localidade

Monsanto

localização

Rua Fernando Namora

40.039839, -7.112069

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 078

descrição

aglomerado (pormenor) - balcão alpendrado

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

UFMIV

localidade

Monsanto

localização

Rua da Capela

40.039282, -7.114576

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 079

descrição
aglomerado

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
UFMIV

localidade
Monsanto

localização
Rua Marquês da Graciosa
40.039051, -7.114597

data 24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 080

descrição
casa (pormenor) - porta

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
UFMIV

localidade
Monsanto

localização
Rua do Sol Velho
40.038871, -7.114002

data 24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 081

descrição

casa (interior em ruínas)

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

UFMIV

localidade

Monsanto

localização

Rua do Sol Velho

40.038871, -7.114002

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 082

descrição

vista sobre a Torre do Relógio

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

UFMIV

localidade

Monsanto

localização

balcão apêndrado do Solar do Marquês da

Graciosa

40.039051, -7.114597

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 083

descrição

rua

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

UFMIV

localidade

Monsanto

localização

Rua da Frágua

40.038771, -7.115521

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 084

descrição

Dona Adriana

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

UFMIV

localidade

Monsanto

localização

Rua da Frágua

data

24 de Abril de 2018



ficha técnica 085

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
UFMIV

localidade
Monsanto

localização
Rua da Frágua
40.038679, -7.115625

obs.

—

data 24 de Abril de 2018



ficha técnica 086

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
UFMIV

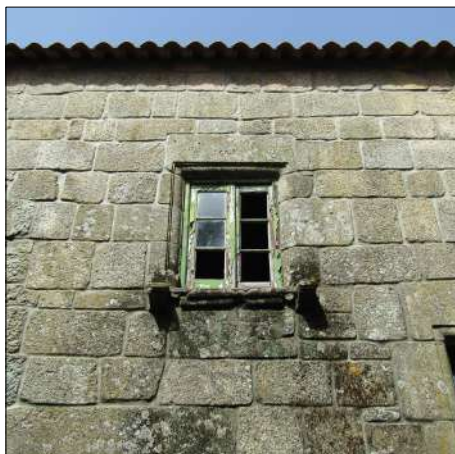
localidade
Monsanto

localização
Rua da Frágua
40.038679, -7.115625

obs.

—

data 24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 087

descrição
janela

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
UFMIV

localidade
Monsanto

localização
Rua da Frágua
40.038679, -7.115625

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 088

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
UFMIV

localidade
Monsanto

localização
Rua da Frágua
40.038679, -7.115625

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 089

descrição

porta

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

UFMIV

localidade

Monsanto

localização

Rua de Santo António

40.038553, -7.115717

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 090

descrição

rua

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

UFMIV

localidade

Monsanto

localização

Rua da Barreira Quebrada

40.038559, -7.115771

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 091

descrição
casa (pormenor) - porta

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
UFMIV

localidade
Monsanto

localização
Travessa da Sarça
40.038210, -7.115748

data 24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 092

descrição
casa (interior em ruínas)

concelho
Idanha-a-Nova

freguesia
UFMIV

localidade
Monsanto

localização
Travessa da Sarça
40.038210, -7.115748

data 24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 093

descrição

Dona Maria do Carmo

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

UFMIV

localidade

Monsanto

localização

Rua do Castelo

data

24 de Abril de 2018



obs.

—

ficha técnica 094

descrição

vista geral sobre o *inselberg* de Monsanto

concelho

Idanha-a-Nova

freguesia

UFMIV

localidade

Monsanto

localização

estrada N239
40.047298, -7.153936

data

1 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 095

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Castelo Branco

freguesia
Lardosa

localidade
Lardosa

localização
Rua da Fonte Nova nº22
39.988425, -7.446260

data 3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 096

descrição
pedrão

concelho
Castelo Branco

freguesia
Lardosa

localidade
Lardosa

localização
Rua da Fonte Nova nº22
39.988425, -7.446260

data 3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 097

descrição

vista parcial sobre o Largo Dr. José A. Coelho

concelho

Castelo Branco

freguesia

Lardosa

localidade

Lardosa

localização

Rua da Fonte Nova

39.988768, -7.446911

data

3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 098

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Lardosa

localidade

Lardosa

localização

Rua do Outeiro

39.989567, -7.446915

data

3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 099

descrição
casa (pormenor) - porta

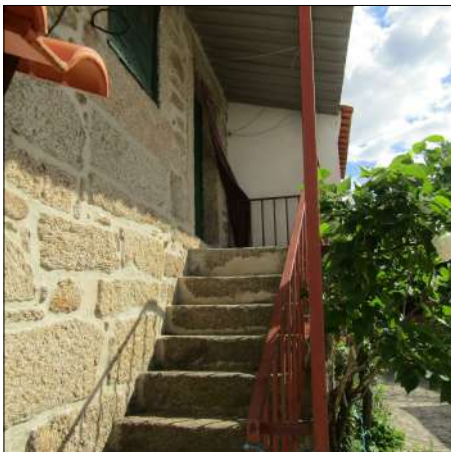
concelho
Castelo Branco

freguesia
Lardosa

localidade
Lardosa

localização
Rua do Outeiro
39.989567, -7.446915

data 3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 100

descrição
casa (pormenor) - balcão alpendrado

concelho
Castelo Branco

freguesia
Lardosa

localidade
Lardosa

localização
Rua do Outeiro
39.989567, -7.446915

data 3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 101

descrição
aglomerado

concelho
Castelo Branco

freguesia
Lardosa

localidade
Lardosa

localização
reduto depois do nº20 da Rua de São Sebastião,
à direita
39.989457, -7.447241

data 3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 102

descrição
janela

concelho
Castelo Branco

freguesia
Lardosa

localidade
Lardosa

localização
reduto depois do nº20 da Rua de São Sebastião,
à direita
39.989457, -7.447241

data 3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 103

descrição

fonte de *chafurdo* ou *mergulho*

concelho

Castelo Branco

freguesia

Lardosa

localidade

Lardosa

localização

Rua da Fonte Coberta

39.990504, -7.444935

data

3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 104

descrição

banco de *asados*

concelho

Castelo Branco

freguesia

Lardosa

localidade

Lardosa

localização

Rua da Fonte Coberta

39.990504, -7.444935

data

3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 105

descrição

fonte de chafurdo ou mergulho

concelho

Castelo Branco

freguesia

Lardosa

localidade

Lardosa

localização

Rua da Fonte Coberta
39.990504, -7.444935

data

3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 106

descrição

fonte de chafurdo ou mergulho

concelho

Castelo Branco

freguesia

Lardosa

localidade

Lardosa

localização

Rua da Fonte Coberta
39.990504, -7.444935

data

3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 107

descrição
interior em ruínas (pormenor)

concelho
Castelo Branco

freguesia
Lardosa

localidade
Lardosa

localização
Travessa do Rossio nº12
39.989291, -7.445742

data 3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 108

descrição
interior em ruínas (pormenor)

concelho
Castelo Branco

freguesia
Lardosa

localidade
Lardosa

localização
Travessa do Rossio nº12
39.989291, -7.445742

data 3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 109

descrição

Dona Maria de Fátima, "Ruço" e filho

concelho

Castelo Branco

freguesia

Lardosa

localidade

Lardosa

localização

Rua da Fonte Coberta

data

3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 110

descrição

tanque

concelho

Castelo Branco

freguesia

Lardosa

localidade

Lardosa

localização

Rua de Santo António nº11
39.989628, -7.447865

data

3 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 111

descrição

paisagem característica

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

localização

Rua da Fonte Nova

39.924839, -7.555070

data

12 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 112

descrição

aglomerado

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

localização

Travessa do Adro

39.924835, -7.556363

data

12 de Maio de 2018



ficha técnica 113

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

obs.

—

localização

Travessa do Adro nº4
39.924835, -7.556363

data

12 de Maio de 2018



ficha técnica 114

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

obs.

—

localização

Travessa do Adro nº4
39.924835, -7.556363

data

12 de Maio de 2018



ficha técnica 115

descrição
palheiro

concelho
Castelo Branco

freguesia
UFFJC

localidade
Freixial do Campo

localização
Travessa do Ceringas
39.926313, -7.556601

obs.

—

data

12 de Maio de 2018



ficha técnica 116

descrição
aglomerado

concelho
Castelo Branco

freguesia
UFFJC

localidade
Freixial do Campo

localização
Rua do Saco
39.924286, -7.556808

obs.

—

data

12 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 117

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

localização

Rua do Saco

39.924286, -7.556808

data

12 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 118

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

localização

Rua do Saco

39.924286, -7.556808

data

12 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 119

descrição

casa (interior em ruínas) - porta

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

localização

Rua do Saco e Igreja nº37
39.924286, -7.556808

data

12 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 120

descrição

casa (interior em ruínas)

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

localização

Rua do Saco e Igreja nº37
39.924286, -7.556808

data

12 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 121

descrição

casa (interior em ruínas) - porta

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

localização

Rua do Saco e Igreja nº37

39.924286, -7.556808

data

12 de Maio de 2018



obs.

local na cozinha onde se acende o lume.

ficha técnica 122

descrição

casa (interior em ruínas) - embasamento da *pedra do lar*

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

localização

Rua do Saco e Igreja nº37

39.924286, -7.556808

data

12 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 123

descrição
casa (interior em ruínas)

concelho
Castelo Branco

freguesia
UFFJC

localidade
Freixial do Campo

localização
Rua do Saco e Igreja nº37
39.924286, -7.556808

data 12 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 124

descrição
casa (pormenor) - janelas

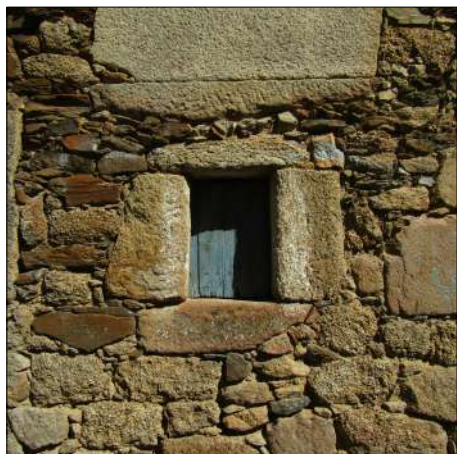
concelho
Castelo Branco

freguesia
UFFJC

localidade
Freixial do Campo

localização
Rua da Igreja nº32
39.924163, -7.556693

data 12 de Maio de 2018



ficha técnica 125

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

obs.

—

localização

Rua da Igreja nº32

39.924163, -7.556693

data

12 de Maio de 2018



ficha técnica 126

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Castelo Branco

freguesia

UFFJC

localidade

Freixial do Campo

obs.

—

localização

Rua da Igreja nº32

39.924163, -7.556693

data

12 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 127

descrição
ruínas

concelho
Castelo Branco

freguesia
Ufnasc

localidade
entre Tinalhas e Sobral do Campo

localização
estrada N352
39.975394, -7.541440

data 10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 128

descrição
ruínas (pormenor) - muro

concelho
Castelo Branco

freguesia
Ufnasc

localidade
entre Tinalhas e Sobral do Campo

localização
estrada N352
39.975394, -7.541440

data 10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 129

descrição

vista parcial sobre casario e a povoação

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Travessa do Chafariz

40.000288, -7.566227

data

8 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 130

descrição

muro (pormenor) - xisto

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua das Côrtes

39.995909, -7.563641

data

8 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 131

descrição
aglomerado

concelho
Castelo Branco

freguesia
Ufnasc

localidade
Sobral do Campo

localização
Rua do Outeiro de Baixo nº2 e 4
39.996465, -7.565451

data 8 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 132

descrição
aglomerado

concelho
Castelo Branco

freguesia
Ufnasc

localidade
Sobral do Campo

localização
Rua do Outeiro de Baixo nº4 e 2
39.996465, -7.565451

data 8 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 133

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua do Outeiro de Baixo nº8

39.996465, -7.565451

data

8 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 134

descrição

rua

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua do Outeiro de Baixo

39.996465, -7.565451

data

8 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 135

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua do Outeiro de Baixo nº12

39.996603, -7.565632

data

8 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 136

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

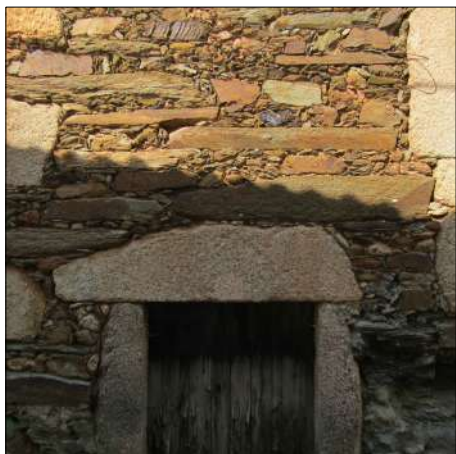
localização

Rua do Outeiro de Baixo nº12

39.996603, -7.565632

data

8 de Maio de 2018



ficha técnica 137

descrição

porta (pormenor) - *verga*

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

obs.

—

localização

Rua do Outeiro de Baixo nº12

39.996603, -7.565632

data

8 de Maio de 2018



ficha técnica 138

descrição

largo

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

obs.

—

localização

Largo do Espírito Santo

39.997340, -7.566469

data

8 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 139

descrição

Capela do Espírito Santo (pormenor) - *orago*

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Largo do Espírito Santo

39.997476, -7.566415

data

8 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 140

descrição

aglomerado

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua do Casalinho nº2 e 4

39.997043, -7.564049

data

10 de Maio de 2018



ficha técnica 141

descrição

outão

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

obs.

—

localização

Rua do Casalinho nº2 e 4
39.996913, -7.564373

data

10 de Maio de 2018



ficha técnica 142

descrição

rua

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

obs.

—

localização

Rua da Quelha do Meio
39.997809, -7.566860

data

10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 143

descrição

casa (pormenor) - varanda de madeira orientada a sudeste

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua da Quelha do Meio
39.997828, -7.566953

data

10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 144

descrição

casa

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua da Quelha do Meio
39.997924, -7.567078

data

10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 145

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua da Quelha do Meio

39.997924, -7.567078

data

10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 146

descrição

casa (pormenor) - porta e janela

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua da Quelha do Meio

39.997924, -7.567078

data

10 de Maio de 2018



ficha técnica 147

descrição
olival

concelho
Castelo Branco

freguesia
Ufnasc

localidade
Sobral do Campo

obs.

—

localização
quelha depois do nº27 da Rua do Outeiro do Vale, à esquerda
39.998679, -7.567244

data 10 de Maio de 2018



ficha técnica 148

descrição
aglomerado

concelho
Castelo Branco

freguesia
Ufnasc

localidade
Sobral do Campo

obs.

—

localização
Rua do Vale
39.998583, -7.566604

data 10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 149

descrição

casa (interior em ruínas)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Beco do Vale

39.998714, -7.566610

data

10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 150

descrição

casa (interior em ruínas)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Beco do Vale

39.998714, -7.566610

data

10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 151

descrição
casa (interior em ruínas)

concelho
Castelo Branco

freguesia
Ufnasc

localidade
Sobral do Campo

localização
Beco do Vale
39.998714, -7.566610

data 10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 152

descrição
casa (interior em ruínas) - embasamento da
pedra do lar

concelho
Castelo Branco

freguesia
Ufnasc

localidade
Sobral do Campo

localização
Beco do Vale
39.998714, -7.566610

data 10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 153

descrição

fonte de chafurdo ou mergulho

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua do Vale

39.999113, -7.567438

data

10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 154

descrição

banco de asados

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua do Vale

39.999113, -7.567438

data

10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 155

descrição

fonte de chafurdo ou mergulho (pormenor)

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua do Vale

39.999113, -7.567438

data

10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 156

descrição

aglomerado

concelho

Castelo Branco

freguesia

Ufnasc

localidade

Sobral do Campo

localização

Rua Joana Duarte

40.000929, -7.569584

data

10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 157

descrição
palheiro

concelho
Castelo Branco

freguesia
Ufnasc

localidade
Sobral do Campo

localização
Rua Joana Duarte
40.000940, -7.569483

data 10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 158

descrição
"Ti" Umbelina Santos

concelho
Castelo Branco

freguesia
Ufnasc

localidade
Sobral do Campo

localização
Rua de S. Sebastião

data 10 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 159

descrição

vista parcial sobre a Serra da Gardunha

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua do Areal

40.095766, -7.469273

data

22 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 160

descrição

ruínas

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua do Calvário

40.098769, -7.469229

data

22 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 161

descrição

ruínas (pormenor) - muro

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua do Calvário

40.098769, -7.469229

data

22 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 162

descrição

Chafariz do Espírito Santo

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua Dr. Eduardo Correia de Castro

40.097643, -7.466550

data

16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 163

descrição

Chafariz do Espírito Santo (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua Dr. Eduardo Correia de Castro

40.097643, -7.466550

data

16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 164

descrição

aglomerado

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua Deão Boavida nº11 e Largo do Espírito Santo

40.097329, -7.466837

data

17 de Junho de 2018



ficha técnica 165

descrição
aglomerado

concelho
Fundão

freguesia
Alpedrinha

localidade
Alpedrinha

obs.

—

localização
Largo do Espírito Santo e Rua Deão Boavida
nº11
40.097385, -7.466653

data 16 de Junho de 2018



ficha técnica 166

descrição
casa (pormenor) - porta

concelho
Fundão

freguesia
Alpedrinha

localidade
Alpedrinha

obs.

—

localização
Largo do Espírito Santo e Rua Deão Boavida
nº11
40.097385, -7.466653

data 16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 167

descrição

casa (pormenor) - varanda de madeira orientada a este

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Largo do Espírito Santo e Rua Deão Boavida
nº11

40.097385, -7.466653

data

16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 168

descrição

casa (pormenor) - varanda de madeira orientada a este

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Largo do Espírito Santo e Rua Deão Boavida
nº11

40.097385, -7.466653

data

16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 169

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua António Santos Pinto

40.097321, -7.466674

data

16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 170

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua do Outeiro

40.097117, -7.468360

data

16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 171

descrição
casa (pormenor) - janela

concelho
Fundão

freguesia
Alpedrinha

localidade
Alpedrinha

localização
Rua do Outeiro nº28
40.097117, -7.468360

data 16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 172

descrição
porta (pormenor)

concelho
Fundão

freguesia
Alpedrinha

localidade
Alpedrinha

localização
Rua do Outeiro nº28
40.097117, -7.468360

data 16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 173

descrição

casa (interior em ruínas)

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua do Outeiro n^o28

40.097117, -7.468360

data

16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 174

descrição

aglomerado

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua Maria José Coelho

40.098743, -7.468345

data

16 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 175

descrição

aglomerado (pormenor) - varanda revestida a chapa de zinco orientada a sul

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua do Rossio

40.100064, -7.467073

data

17 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 176

descrição

rua

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua Fria

40.099945, -7.467147

data

17 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 177

descrição

varanda (pormenor) - *grelhagem*

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua Fria

40.099945, -7.467147

data

17 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 178

descrição

vista parcial sobre o Largo do Pelourinho

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua Dr. José Vasco Mendes de Matos

40.099487, -7.467645

data

17 de Junho de 2018



ficha técnica 179

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Fundão

freguesia
Alpedrinha

localidade
Alpedrinha

obs.

—

localização
Rua D. Jorge da Costa
40.098842, -7.467466

data 17 de Junho de 2018



ficha técnica 180

descrição
casa (pormenor) - porta com ombreiras
alargadas

concelho
Fundão

freguesia
Alpedrinha

localidade
Alpedrinha

obs.

—

localização
Rua dos Valadares
40.098842, -7.467466

data 17 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 181

descrição

casa (pormenor) - porta e janela

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua dos Valadares

40.098842, -7.467466

data

17 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 182

descrição

casa (pormenor) - *alminhas*

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

Rua dos Valadares

40.098842, -7.467466

data

17 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 183

descrição

estrada Romana

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Alpedrinha

localização

quelha entre a Rua Deão Boavida e a da Estação
40.098365, -7.465843

data

17 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 184

descrição

estrada Romana

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Alpedrinha e Castelo Novo

40.103872, -7.471027

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 185

descrição

paisagem característica (pormenor) - *ruína acastelada*

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Alpedrinha e Castelo Novo

40.104271, -7.477552

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 186

descrição

paisagem característica

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Alpedrinha e Castelo Novo

40.103855, -7.477950

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 187

descrição

paisagem característica (pormenor) - *pedra boroa*

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Alpedrinha e Castelo Novo

40.104778, -7.477597

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 188

descrição

ruínas (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Alpedrinha e Castelo Novo

40.100955, -7.480446

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 189

descrição

ruínas (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Alpedrinha e Castelo Novo

40.100955, -7.480446

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 190

descrição

ruínas

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Alpedrinha e Castelo Novo

40.100801, -7.480671

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 191

descrição

vista parcial sobre a Casa do Guarda

concelho

Fundão

freguesia

Alcongosta

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Alpedrinha e Castelo Novo

40.104112, -7.484793

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 192

descrição

paisagem característica (pormenor) - *pias*

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Alpedrinha e Castelo Novo

40.099200, -7.485030

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 193

descrição

paisagem característica (pormenor) - *bloco pedunculado*

concelho

Fundão

freguesia

Alpedrinha

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Alpedrinha e Castelo Novo

40.096803, -7.487611

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 194

descrição

abrigo artificial - *malhão encurvado*

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.093086, -7.494285

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 195

descrição

ruínas

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.093449, -7.494487

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 196

descrição

ruínas (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.093449, -7.494487

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 197

descrição

ruínas (pormenor) - muro

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.093449, -7.494487

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 198

descrição
bardo (pormenor)

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Serra da Gardunha

localização
entre Castelo Novo e Alpedrinha
40.092870, -7.495552

data 23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 199

descrição
bardo (pormenor)

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Serra da Gardunha

localização
entre Castelo Novo e Alpedrinha
40.092870, -7.495552

data 23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 200

descrição
aglomerado

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Serra da Gardunha

localização
entre Castelo Novo e Alpedrinha
40.094604, -7.497200

data 23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 201

descrição
tardoz

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Serra da Gardunha

localização
entre Castelo Novo e Alpedrinha
40.094840, -7.497228

data 23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 202

descrição
tardoz (pormenor)

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Serra da Gardunha

localização
entre Castelo Novo e Alpedrinha
40.094858, -7.497272

data 23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 203

descrição
aglomerado - interior

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Serra da Gardunha

localização
entre Castelo Novo e Alpedrinha
40.094858, -7.497272

data 23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 204

descrição

outão

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.094701, -7.497339

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 205

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.094701, -7.497339

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 206

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Serra da Gardunha

localização
entre Castelo Novo e Alpedrinha
40.094752, -7.497374

data 23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 207

descrição
paisagem característica

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Serra da Gardunha

localização
entre Castelo Novo e Alpedrinha
40.087553, -7.501346

data 23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 208

descrição

vista parcial sobre ruínas e eira de pedra

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.084362, -7.497188

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 209

descrição

vista parcial sobre palheiros de vacas

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.092529, -7.497269

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 210

descrição

palheiro de vacas - interior

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.092590, -7.497076

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 211

descrição

palheiro de vacas (pormenor) - ?

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.092590, -7.497076

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 212

descrição

palheiro de vacas (pormenor) - cobertura

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.092590, -7.497076

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 213

descrição

palheiro de vacas (pormenor) - cobertura

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Serra da Gardunha

localização

entre Castelo Novo e Alpedrinha

40.092590, -7.497076

data

23 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 214

descrição

rua

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

Estrada Romana

40.077758, -7.492376

data

25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 215

descrição

porta

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

Estrada Romana nº21

40.077635, -7.492444

data

25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 216

descrição

rua

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

Estrada Romana

40.076824, -7.493525

data

25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 217

descrição

alminhas (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

estrada de acesso à localidade

40.078262, -7.493060

data

25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 218

descrição

casa

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

Rua do Miradouro nº4

40.078142, -7.494539

data

25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 219

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

Rua do Miradouro

40.078142, -7.494539

data

25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 220

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Castelo Novo

localização
Rua do Miradouro
40.078142, -7.494539

data 25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 221

descrição
janela

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Castelo Novo

localização
Rua do Miradouro nº2
40.078142, -7.494539

data 25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 222

descrição
casa seiscentista

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Castelo Novo

localização
Rua de S. Bráz
40.076775, -7.494806

data 25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 223

descrição
vista parcial sobre a povoação

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Castelo Novo

localização
Rua do Campo de Ténis
40.076058, -7.495286

data 25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 224

descrição

casa

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

Azinhaga do Ribeiro

40.076622, -7.496012

data

25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 225

descrição

levada

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

Azinhaga da Lagariça

40.076911, -7.496156

data

25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 226

descrição
aglomerado

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Castelo Novo

localização
Rua da Misericórdia
40.077403, -7.495378

data 25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 227

descrição
janela

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Castelo Novo

localização
Rua da Misericórdia
40.077372, -7.495309

data 25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 228

descrição
pelourinho

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Castelo Novo

localização
Praça dos Paços do Concelho
40.077802, -7.495740

data 25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 229

descrição
rua

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Castelo Novo

localização
Rua Prof. Gonçalves Coucho
40.078006, -7.495600

data 25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 230

descrição

vista parcial sobre a torre sineira e a povoação

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

Castelo

40.077847, -7.496415

data

25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 231

descrição

vista parcial sobre a torre sineira e a povoação

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

Castelo

40.077847, -7.496415

data

25 de Junho de 2018



obs.
casa geminada com a Quinta do Ouriço.

ficha técnica 232

descrição
porta

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Castelo Novo

localização
Rua do Campo de Ténis
40.076564, -7.495205

data 25 de Junho de 2018



obs.
casa geminada com a Quinta do Ouriço.

ficha técnica 233

descrição
porta (pormenor) - *tramela*

concelho
Fundão

freguesia
Castelo Novo

localidade
Castelo Novo

localização
Rua do Campo de Ténis
40.076564, -7.495205

data 25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 234

descrição

vista parcial sobre casario e o início da estrada Romana

concelho

Fundão

freguesia

Castelo Novo

localidade

Castelo Novo

localização

Calçada da Ponte Pequena
40.080588, -7.498455

data

25 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 235

descrição

rua

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua de São Pedro

40.132325, -7.441262

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 236

descrição

aglomerado

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua de São Pedro nº8

40.132518, -7.441657

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 237

descrição

vista geral sobre a Serra da Estrela

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua do Fundo do Povo

40.132254, -7.442238

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 238

descrição

rua

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua da Sra. de Oliveira de Cima

40.132049, -7.441995

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 239

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua da Sra. de Oliveira de Cima nº17 e

Travessa do Açogue

40.132004, -7.442103

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 240

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua da Sra. de Oliveira de Cima nº17 e

Travessa do Açogue

40.132004, -7.442103

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 241

descrição

porta (pormenor) - *pica-porta*

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua da Sra. de Oliveira de Cima nº17 e

Travessa do Açougue

40.132004, -7.442103

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 242

descrição

casa (pormenor) - *caibros decorados*

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua da Sra. de Oliveira de Cima nº17 e

Travessa do Açougue

40.132004, -7.442103

data

4 de Maio de 2018



ficha técnica 243

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

obs.

—

localização

Travessa do Açougue e Rua da Sra. de Oliveira
de Cima nº17

40.132085, -7.442179

data

4 de Maio de 2018



ficha técnica 244

descrição

ombeira (pormenor) - argola

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

obs.

—

localização

Travessa do Açougue e Rua da Sra. de Oliveira
de Cima nº17

40.132085, -7.442179

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 245

descrição

casa - interior

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Travessa do Açougue e Rua da Sra. de Oliveira
de Cima nº17

40.132085, -7.442179

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 246

descrição

casa - interior

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

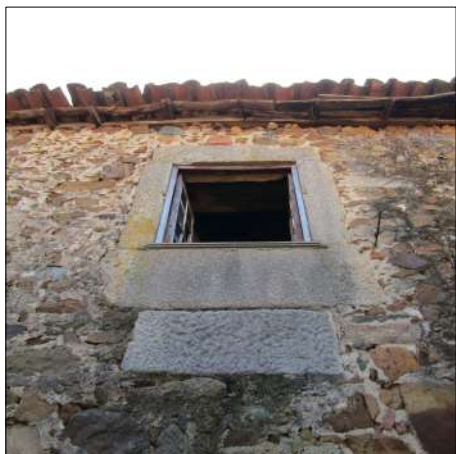
localização

Travessa do Açougue e Rua da Sra. de Oliveira
de Cima nº17

40.132085, -7.442179

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 247

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Travessa do Açogue e Rua da Sra. de Oliveira
de Cima nº17

40.132085, -7.442179

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 248

descrição

aglomerado

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

quelha entre a Rua da Sra. de Oliveira de Baixo
e a do Fundo do Povo

40.132157, -7.442526

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 249

descrição
aglomerado

concelho
Fundão

freguesia
Alcaide

localidade
Alcaide

localização
quelha entre a Rua da Sra. de Oliveira de Baixo
e a do Fundo do Povo
40.132217, -7.442562

data 4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 250

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Fundão

freguesia
Alcaide

localidade
Alcaide

localização
quelha entre a Rua da Sra. de Oliveira de Baixo
e a do Fundo do Povo
40.132217, -7.442562

data 4 de Maio de 2018



ficha técnica 251

descrição
aglomerado

concelho
Fundão

freguesia
Alcaide

localidade
Alcaide

obs.

—

localização
quelha entre a Rua da Sra. de Oliveira de Baixo
e a do Fundo do Povo
40.132217, -7.442562

data 4 de Maio de 2018



ficha técnica 252

descrição
cunhal (pormenor) - pilastra pintada

concelho
Fundão

freguesia
Alcaide

localidade
Alcaide

obs.

—

localização
Travessa da Fonte do Lugar
40.132926, -7.441895

data 4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 253

descrição
aglomerado

concelho
Fundão

freguesia
Alcaide

localidade
Alcaide

localização
Travessa do Espírito Santo
40.131529, -7.438289

data 4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 254

descrição
aglomerado (pormenor) - varanda de madeira orientada a sul

concelho
Fundão

freguesia
Alcaide

localidade
Alcaide

localização
Travessa do Espírito Santo
40.131529, -7.438289

data 4 de Maio de 2018



ficha técnica 255

descrição
porta

concelho
Fundão

freguesia
Alcaide

localidade
Alcaide

obs.

—

localização
Travessa do Espírito Santo
40.131358, -7.438151

data 4 de Maio de 2018



ficha técnica 256

descrição
porta (pormenor)

concelho
Fundão

freguesia
Alcaide

localidade
Alcaide

obs.

—

localização
Travessa do Espírito Santo
40.131358, -7.438151

data 4 de Maio de 2018



ficha técnica 257

descrição
aglomerado

concelho
Fundão

freguesia
Alcaide

localidade
Alcaide

obs.

—

localização
Rua do Espírito Santo
40.131297, -7.438275

data

4 de Maio de 2018



ficha técnica 258

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Fundão

freguesia
Alcaide

localidade
Alcaide

obs.

—

localização
Rua do Espírito Santo nº34
40.131360, -7.438374

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 259

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua do Espírito Santo

40.131360, -7.438374

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 260

descrição

casa (pormenor) - porta e janela

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua do Espírito Santo

40.131360, -7.438374

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 261

descrição

casa (pormenor) - porta e janela

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua do Espírito Santo
40.131360, -7.438374

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 262

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Fundão

freguesia

Alcaide

localidade

Alcaide

localização

Rua do Espírito Santo
40.131360, -7.438374

data

4 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 263

descrição

rua

concelho

Fundão

freguesia

Uffvdajanc

localidade

Fundão

localização

Rua da Quinta

40.140175, -7.496804

data

5 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 264

descrição

outão (pormenor) - tabique

concelho

Fundão

freguesia

Uffvdajanc

localidade

Fundão

localização

Rua da Quinta

40.140093, -7.496782

data

5 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 265

descrição

janela (pormenor) - adobe

concelho

Fundão

freguesia

Uffvdajanc

localidade

Fundão

localização

Rua da Misericórdia Velha

40.139126, -7.496785

data

5 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 266

descrição

rua

concelho

Fundão

freguesia

Uffvdajanc

localidade

Fundão

localização

Travessa da Fonte Grande

40.138896, -7.496535

data

5 de Maio de 2018



ficha técnica 267

descrição
porta

concelho
Fundão

freguesia
Uffvdajanc

localidade
Fundão

obs.

—

localização
Travessa da Fonte Grande nº9
40.138932, -7.496594

data 5 de Maio de 2018



ficha técnica 268

descrição
Sr. Manuel

concelho
Fundão

freguesia
Uffvdajanc

localidade
Fundão

obs.

—

localização
Rua José Germano da Cunha

data 5 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 269

descrição
aglomerado

concelho
Fundão

freguesia
Uffvdajanc

localidade
Fundão

localização
Largo de Santo António
40.139712, -7.496994

data 5 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 270

descrição
casa (pormenor) - portas

concelho
Fundão

freguesia
Uffvdajanc

localidade
Fundão

localização
Rua José Germano da Cunha nº22 e 20
40.138600, -7.497935

data 5 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 271

descrição

casa (pormenor) - janelas

concelho

Fundão

freguesia

Uffvdajanc

localidade

Fundão

localização

Rua José Germano da Cunha nº22 e 20

40.138600, -7.497935

data

5 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 272

descrição

pavimento (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Uffvdajanc

localidade

Fundão

localização

Rua Nova

40.138581, -7.498420

data

5 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 273

descrição
aglomerado

concelho
Fundão

freguesia
Uffvdajanc

localidade
Fundão

localização
Rua da Cale
40.136770, -7.500307

data 5 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 274

descrição
ombreira (pormenor) - marca cruciforme

concelho
Fundão

freguesia
Uffvdajanc

localidade
Fundão

localização
Rua da Cale
40.136770, -7.500307

data 5 de Maio de 2018



obs.

—

ficha técnica 275

descrição

rua

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Pêro Viseu

localização

Rua Dr. José Alves Ferreira

40.206914, -7.446500

data

26 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 276

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Pêro Viseu

localização

Rua Dr. José Alves Ferreira

40.207061, -7.446366

data

26 de Junho de 2018



ficha técnica 277

descrição
casa (pormenor) - balcão

concelho
Fundão

freguesia
Pêro Viseu

localidade
Pêro Viseu

localização
Caminho do Rolo nº4
40.207061, -7.446366

obs.

—

data 26 de Junho de 2018



ficha técnica 278

descrição
ombreira (pormenor) - marca cruciforme

concelho
Fundão

freguesia
Pêro Viseu

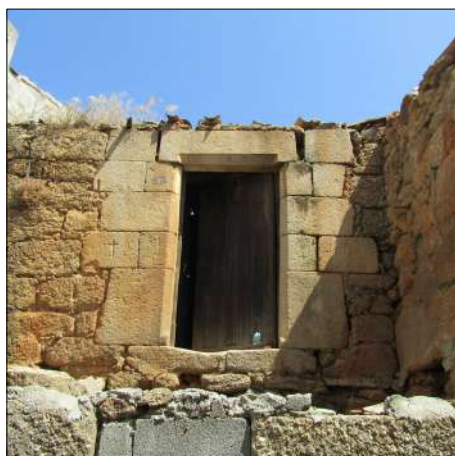
localidade
Pêro Viseu

localização
Caminho do Rolo nº4
40.207061, -7.446366

obs.

—

data 26 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 279

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Pêro Viseu

localização

Caminho do Rolo nº2
40.207061, -7.446366

data

26 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 280

descrição

ombreira (pormenor) - marca cruciforme

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Pêro Viseu

localização

Caminho do Rolo nº2
40.207061, -7.446366

data

26 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 281

descrição

rua

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Pêro Viseu

localização

Rua dos Casais

40.207039, -7.446183

data

26 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 282

descrição

ruínas (pormenor) - tabique

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Pêro Viseu

localização

Rua de S. Romão, em quintal privado

40.206473, -7.446278

data

26 de Junho de 2018



ficha técnica 283

descrição

casa

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Pêro Viseu

obs.

—

localização

Rua dos Casais nº22
40.206731, -7.446457

data

26 de Junho de 2018



ficha técnica 284

descrição

casa (interior em ruínas) - cozinha

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Pêro Viseu

obs.

—

localização

Rua dos Casais nº22
40.206731, -7.446457

data

26 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 285

descrição
aglomerado

concelho
Fundão

freguesia
Pêro Viseu

localidade
Pêro Viseu

localização
Rua do Senhor dos Passos
40.207631, -7.444165

data 26 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 286

descrição
porta

concelho
Fundão

freguesia
Pêro Viseu

localidade
Pêro Viseu

localização
Rua da Alegria
40.207610, -7.444207

data 26 de Junho de 2018



ficha técnica 287

descrição
rua

concelho
Fundão

freguesia
Pêro Viseu

localidade
Pêro Viseu

obs.

—

localização
Travessa dos Moinhos B
40.207015, -7.444306

data 26 de Junho de 2018



ficha técnica 288

descrição
janela

concelho
Fundão

freguesia
Pêro Viseu

localidade
Pêro Viseu

obs.

—

localização
Travessa dos Moinhos B nº19
40.207015, -7.444306

data 26 de Junho de 2018



ficha técnica 289

descrição

janela (pormenor) - marca cruciforme

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Pêro Viseu

obs.

—

localização

Travessa dos Moinhos B nº19

40.207015, -7.444306

data

26 de Junho de 2018



ficha técnica 290

descrição

aglomerado

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Pêro Viseu

obs.

—

localização

Travessa da Curva

40.207078, -7.443487

data

26 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 291

descrição

casa

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Ribeira da Meimoa

localização

junto à "Estrada de Pêro Viseu"

40.187769, -7.442928

data

30 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 292

descrição

casa (interior em ruínas) - janela

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Ribeira da Meimoa

localização

junto à "Estrada de Pêro Viseu"

40.187769, -7.442928

data

30 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 293

descrição

casa (interior em ruínas) - outão

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Ribeira da Meimoa

localização

junto à "Estrada de Pêro Viseu"

40.187769, -7.442928

data

30 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 294

descrição

casa (interior em ruínas)

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Ribeira da Meimoa

localização

junto à "Estrada de Pêro Viseu"

40.187769, -7.442928

data

30 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 295

descrição

ombreira (pormenor)

concelho

Fundão

freguesia

Pêro Viseu

localidade

Ribeira da Meimoa

localização

junto à "Estrada de Pêro Viseu"

40.187769, -7.442928

data

30 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 296

descrição
aglomerado

concelho
Covilhã

freguesia
UFPVR

localidade
Peso

localização
Rua Direita
40.194112, -7.563135

data 27 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 297

descrição
casa (pormenor) - porta

concelho
Covilhã

freguesia
UFPVR

localidade
Peso

localização
Rua Direita nº3
40.194136, -7.563232

data 27 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 298

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Covilhã

freguesia

UFPVR

localidade

Peso

localização

Rua Direita nº3

40.194136, -7.563232

data

27 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 299

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Covilhã

freguesia

UFPVR

localidade

Peso

localização

Rua Direita nº3

40.194136, -7.563232

data

27 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 300

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Covilhã

freguesia
UFPVR

localidade
Peso

localização
quelha depois do 2º reduto da Rua da Ladeira,
à direita
40.195503, -7.563657

data 27 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 301

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Covilhã

freguesia
UFPVR

localidade
Peso

localização
Travessa da Rua Direita
40.195631, -7.563679

data 27 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 302

descrição

casa (interior em ruínas)

concelho

Covilhã

freguesia

UFPVR

localidade

Peso

localização

Travessa da Rua Direita nº11

40.195620, -7.563723

data

27 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 303

descrição

casa (interior em ruínas) - cozinha

concelho

Covilhã

freguesia

UFPVR

localidade

Peso

localização

Travessa da Rua Direita nº11

40.195620, -7.563723

data

27 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 304

descrição
casa (interior em ruínas)

concelho
Covilhã

freguesia
UFPVR

localidade
Peso

localização
Travessa da Rua Direita nº11
40.195620, -7.563723

data 27 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 305

descrição
portão

concelho
Covilhã

freguesia
Paúl

localidade
Paúl

localização
Largo do Cúrral
40.200695, -7.637228

data 29 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 306

descrição
aglomerado

concelho
Covilhã

freguesia
Paúl

localidade
Paúl

localização
reduto da Rua do Chão Redondo, à direita
40.201377, -7.637338

data 29 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 307

descrição

casa (pormenor) - porta e janela

concelho

Covilhã

freguesia

Paúl

localidade

Paúl

localização

reduto da Rua do Chão Redondo, à direita nº2
40.201377, -7.637338

data

29 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 308

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Covilhã

freguesia

Paúl

localidade

Paúl

localização

reduto da Rua do Chão Redondo, à direita nº2
40.201377, -7.637338

data

29 de Junho de 2018



ficha técnica 309

descrição
aglomerado

concelho
Covilhã

freguesia
Paúl

localidade
Paúl

obs.

—

localização
Largo do Espírito Santo
40.201261, -7.638599

data 29 de Junho de 2018



ficha técnica 310

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Covilhã

freguesia
Paúl

localidade
Paúl

obs.

—

localização
Travessa do Espírito Santo
40.201302, -7.638615

data 29 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 311

descrição

casa (pormenor) - acesso

concelho

Covilhã

freguesia

Paúl

localidade

Paúl

localização

Travessa do Espírito Santo

40.201345, -7.638644

data

29 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 312

descrição

casa (pormenor) - *pau de fileira*

concelho

Covilhã

freguesia

Paúl

localidade

Paúl

localização

Travessa do Espírito Santo

40.201345, -7.638644

data

29 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 313

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Covilhã

freguesia

Paúl

localidade

Paúl

localização

Rua do Ribeiro do Fojo

40.202340, -7.635357

data

29 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 314

descrição

moinho de água (pormenor) - cavidade de um rodízio

concelho

Covilhã

freguesia

Paúl

localidade

Paúl

localização

Ribeira de Paúl ou Caia

40.203272, -7.639630

data

29 de Junho de 2018



obs.

—

ficha técnica 315

descrição

rua

concelho

Covilhã

freguesia

Erada

localidade

Erada

localização

Rua do Fundo do Povo

40.223210, -7.647660

data

4 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 316

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Covilhã

freguesia

Erada

localidade

Erada

localização

Rua do Fundo do Povo

40.223210, -7.647660

data

4 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 317

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Covilhã

freguesia

Erada

localidade

Erada

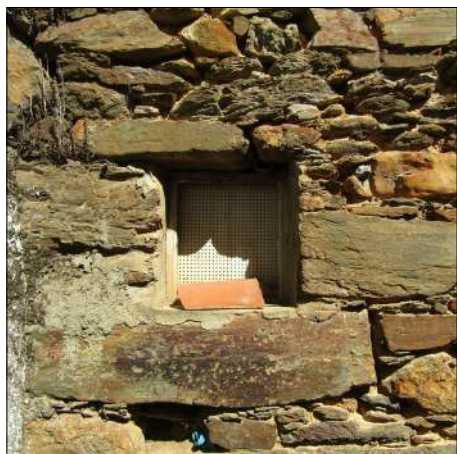
localização

Rua do Fundo do Povo

40.223210, -7.647660

data

4 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 318

descrição

casa (pormenor) - janela

concelho

Covilhã

freguesia

Erada

localidade

Erada

localização

Rua do Fundo do Povo

40.223210, -7.647660

data

4 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 319

descrição
aglomerado

concelho
Covilhã

freguesia
Erada

localidade
Erada

localização
Beco da Quelhinha
40.222984, -7.647683

data 4 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 320

descrição
janela

concelho
Covilhã

freguesia
Erada

localidade
Erada

localização
Beco da Quelhinha
40.222984, -7.647683

data 4 de Julho de 2018



ficha técnica 321

descrição
janela

concelho
Covilhã

freguesia
Erada

localidade
Erada

localização
Beco da Quelhinha
40.222984, -7.647683

obs.

—

data 4 de Julho de 2018



ficha técnica 322

descrição
casa (pormenor) - balcão alpendrado

concelho
Covilhã

freguesia
Erada

localidade
Erada

localização
Beco da Quelhinha nº4
40.222903, -7.647599

obs.

—

data 4 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 323

descrição

telheiro (pormenor) - estrutura

concelho

Covilhã

freguesia

Erada

localidade

Erada

localização

Beco da Quelhinha n.º4

40.222903, -7.647599

data

4 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 324

descrição

casa

concelho

Covilhã

freguesia

Erada

localidade

Erada

localização

quelha entre a Rua Nova e a da Vinha

40.223145, -7.646896

data

4 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 325

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Covilhã

freguesia

Erada

localidade

Erada

localização

quelha entre a Rua Nova e a da Vinha

40.223145, -7.646896

data

4 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 326

descrição

porta (pormenor) - *cravelho*

concelho

Covilhã

freguesia

Erada

localidade

Erada

localização

quelha entre a Rua Nova e a da Vinha

40.223145, -7.646896

data

4 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 327

descrição
fonte

concelho
Castelo Branco

freguesia
Alcains

localização
estrada N18
39.922979, -7.467484

data

6 de Julho de 2018



ficha técnica 328

descrição
rua

concelho
Covilhã

freguesia
UFCC

localidade
Covilhã

obs.

—

localização
Travessa do Varandado
40.279043, -7.509167

data 6 de Julho de 2018



ficha técnica 329

descrição
aglomerado

concelho
Covilhã

freguesia
UFCC

localidade
Covilhã

obs.

—

localização
Travessa do Varandado
40.278898, -7.509026

data 6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 330

descrição
aglomerado (pormenor) - passadiço

concelho
Covilhã

freguesia
UFCC

localidade
Covilhã

localização
Travessa do Varandado
40.278898, -7.509026

data 6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 331

descrição
passadiço

concelho
Covilhã

freguesia
UFCC

localidade
Covilhã

localização
Travessa do Varandado
40.278757, -7.508977

data 6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 332

descrição

casa

concelho

Covilhã

freguesia

UFCC

localidade

Covilhã

localização

Canto do Grilo

40.278710, -7.508207

data

6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 333

descrição

casa (pormenor) - porta

concelho

Covilhã

freguesia

UFCC

localidade

Covilhã

localização

Canto do Grilo nº9

40.278710, -7.508207

data

6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 334

descrição

porta (pormenor) - envidraçado

concelho

Covilhã

freguesia

UFCC

localidade

Covilhã

localização

Canto do Grilo nº9

40.278710, -7.508207

data

6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 335

descrição

casa - interior

concelho

Covilhã

freguesia

UFCC

localidade

Covilhã

localização

Canto do Grilo nº9

40.278710, -7.508207

data

6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 336

descrição
casa - interior

concelho
Covilhã

freguesia
UFCC

localidade
Covilhã

localização
Canto do Grilo nº8
40.278710, -7.508207

data 6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 337

descrição
casa - interior

concelho
Covilhã

freguesia
UFCC

localidade
Covilhã

localização
Canto do Grilo nº8
40.278710, -7.508207

data 6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 338

descrição
aglomerado

concelho
Covilhã

freguesia
UFCC

localidade
Covilhã

localização
Travessa do Ferreiro
40.279065, -7.506638

data

6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 339

descrição
rua

concelho
Covilhã

freguesia
UFCC

localidade
Covilhã

localização
Travessa do Ferreiro
40.279102, -7.506589

data

6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 340

descrição

ruínas

concelho

Covilhã

freguesia

UFCC

localidade

Covilhã

localização

Travessa do Ferreiro

40.279185, -7.506446

data

6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 341

descrição

Capela de Santa Cruz do Calvário (pormenor) -
exonártex alpendrado

concelho

Covilhã

freguesia

UFCC

localidade

Covilhã

localização

Calçada de Santa Cruz

40.281728, -7.508296

data

6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 342

descrição
aglomerado

concelho
Covilhã

freguesia
UFCC

localidade
Covilhã

localização
Rua das Rosas
40.279715, -7.506452

data

6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 343

descrição
aglomerado (pormenor)

concelho
Covilhã

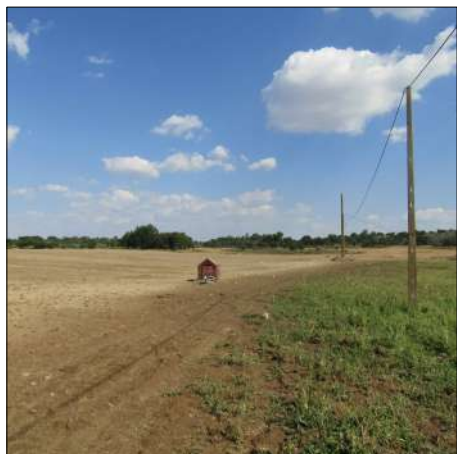
freguesia
UFCC

localidade
Covilhã

localização
Beco da Lage
40.279899, -7.506747

data

6 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 344

descrição

vista parcial sobre abrigo móvel

concelho

Castelo Branco

freguesia

Castelo Branco

localidade

Monte do Cabeço do Carvão

localização

estrada N18

39.901623, -7.475737

data

28 de Setembro de 2018



obs.

—

ficha técnica 345

descrição

abrigo móvel (pormenor) - carro de pastor

concelho

Castelo Branco

freguesia

Castelo Branco

localidade

Monte do Cabeço do Carvão

localização

estrada N18

39.901623, -7.475422

data

28 de Setembro de 2018



obs.

—

ficha técnica 346

descrição

rua

concelho

Vila de Rei

freguesia

Vila de Rei

localidade

Vila de Rei

localização

Rua Direita

39.675838, -8.148853

data

8 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 347

descrição

porta

concelho

Vila de Rei

freguesia

Vila de Rei

localidade

Vila de Rei

localização

Rua do Outeiro nº6

39.676266, -8.144949

data

8 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 348

descrição

rua

concelho

Vila de Rei

freguesia

Vila de Rei

localidade

Vila de Rei

localização

Travessa da Ladeira

39.676172, -8.148389

data

8 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 349

descrição

aglomerado

concelho

Vila de Rei

freguesia

Vila de Rei

localidade

Vila de Rei

localização

Travessa da Ladeira

39.676111, -8.148367

data

8 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 350

descrição
fresta

concelho
Vila de Rei

freguesia
Vila de Rei

localidade
Vila de Rei

localização
Travessa da Ladeira
39.675977, -8.148319

data

8 de Julho de 2018



ficha técnica 351

descrição
rua

concelho
Sertã

freguesia
Pedrógão Pequeno

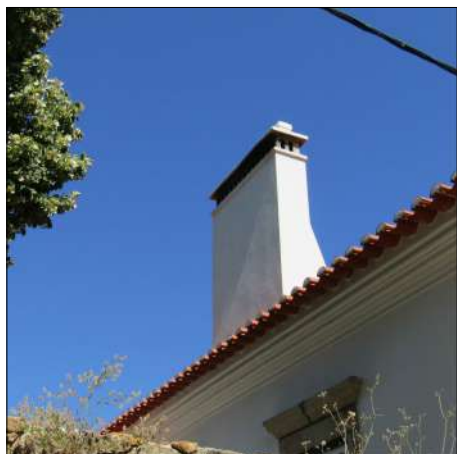
localidade
Pedrógão Pequeno

obs.

—

localização
Rua do Cabril
39.904224, -8.132466

data 8 de Julho de 2018



ficha técnica 352

descrição
chaminé

concelho
Sertã

freguesia
Pedrógão Pequeno

localidade
Pedrógão Pequeno

obs.

—

localização
Rua do Cabril nº20
39.904664, -8.132623

data 8 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 353

descrição

muro (pormenor) - granito

concelho

Sertã

freguesia

Pedrógão Pequeno

localidade

Pedrógão Pequeno

localização

Rua do Cabril

39.905380, -8.132800

data

8 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 354

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Sertã

freguesia

Pedrógão Pequeno

localidade

Pedrógão Pequeno

localização

Largo de Santo António

39.904028, -8.132772

data

8 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 355

descrição

aglomerado (pormenor)

concelho

Sertã

freguesia

Pedrógão Pequeno

localidade

Pedrógão Pequeno

localização

Largo de Santo António

39.904010, -8.132741

data

8 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 356

descrição

casa (interior em ruínas) - nicho

concelho

Sertã

freguesia

Pedrógão Pequeno

localidade

Pedrógão Pequeno

localização

Largo de Santo António n.º3

39.904010, -8.132741

data

8 de Julho de 2018



obs.

—

ficha técnica 357

descrição

outão (pormenor) - janela

concelho

Sertã

freguesia

Pedrogão Pequeno

localidade

Pedrogão Pequeno

localização

Largo de Santo António nº3

39.903981, -8.132769

data

8 de Julho de 2018



ficha técnica 358

descrição

campo da feira - recinto de feira permanente

concelho

Sertã

freguesia

Pedrogão Pequeno

localização

Monte da Senhora da Confiança

39.910088, -8.130240

obs.

—

data

8 de Julho de 2018